Diário do Sítio da Colônia do Sacramento

(1735-1737)

Paulo Possamai

φ

O documento que hora publicamos faz parte do acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal. Segundo a catalogação, o mesmo seria a primeira versão da obra de Silvestre Ferreira da Sylva, Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento, publicada em Lisboa em 1748, a qual foi teve uma impressão *fac-similar* pela Editora Arcano 17, de Porto Alegre, em 1993. Embora estejamos de acordo que, provavelmente, se trata de uma obra escrita por um militar que serviu na Colônia do Sacramento durante sítio que se estendeu de outubro de 1735 a setembro de 1737, não nos parece que o autor do diário seja Silvestre Ferreira da Sylva. A Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento e o Diário dos Sucessos da Nova Colônia do Sacramento têm uma escrita bastante diferenciada. Enquanto a primeira apresenta muitos dados e nomes, a segunda apresenta dados errados ou em dúvida, além de se preocupar muito mais com aspectos do cotidiano da guerra que a primeira. Mas, se não podemos provar que as duas obras são do mesmo autor, tampouco podemos provar o contrário, uma vez que não encontramos o manuscrito que foi publicado em 1748, a fim de comparar a grafia dos dois manuscritos. Devido ao interesse que o diário tem para os pesquisadores da história da Colônia do Sacramento e para os interessados na área, julgamos ser muito útil a publicação do mesmo, mesmo que a princípio ele foi copiado unicamente como fonte de pesquisa particular, nos meses de janeiro e fevereiro de 2012. O diário encontra-se em boas condições e tem uma grafia bastante fácil de ser compreendida.

9 788556 963604

CC BY SA

editora fi
www.editorafi.org

Diário do Sítio da Colônia do Sacramento (1735-1737)

Diário do Sítio da Colônia do Sacramento (1735-1737)

Paulo Possamai

editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves
Capa: Lucas Fontella Margoni
Imagem de capa: Carta topographica da Nova Colonia e cidade do Sacramento no Grande Rio da Prata. Diogo Soares. 1731. 54 x 79,8 cm. Arquivo Histórico do Exército, 014/M-1/G-2-B3.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Todos os livros publicados pela Editora Fi
estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

http://www.abecbrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
POSSAMAI, Paulo

Diário do Sítio da Colônia do Sacramento (1735-1737) [recurso eletrônico] / Paulo Possamai -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

205 p.

ISBN - 978-85-5696-360-4

Disponível em: http://www.editorafi.org

1. História, 2. Diário, 3. Historiografia; 4. Colônia do Sacramento; I. Título.

CDD-900

Índices para catálogo sistemático:
1. História 900

Sumário

Apresentação.....11

Prólogo 15

Fontes impressas 41

Bibliografia.....43

Diário dos sucessos da nova Colônia do sacramento, ou relação das ephocas em que foi povoada pelos portuguezes, dos sitios que lhe poseram os hespanhoes, particularmente o governador de Buenos Ayres, D. Miguel de Salcedo, Sendo governador da mesma o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos no anno de 1735.....45

Agradecimentos

Aos funcionários da Secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal pela atenção prestada aos pesquisadores e pela simpatia sempre presente nesse setor.

Aos amigos uruguaios Alejandro Ferrari, pela contante ajuda em conseguir bibliografia, mapas e informações sobre a Colônia do Sacramento e Marcelo Díaz Buschiazzo pela ajuda com a cartografia.

Apresentação

O documento que hora publicamos faz parte do acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal. Segundo a catalogação, o mesmo seria a primeira versão da obra de Silvestre Ferreira da Sylva, *Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento,* publicada em Lisboa em 1748, a qual foi teve uma impressão fac-similar pela Editora Arcano 17, de Porto Alegre, em 1993.

Embora estejamos de acordo que, provavelmente, se trata de uma obra escrita por um militar que serviu na Colônia do Sacramento durante sítio que se estendeu de outubro de 1735 a setembro de 1737, não nos parece que o autor do diário seja Silvestre Ferreira da Sylva. A *Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento* e o *Diário dos Sucessos da Nova Colônia do Sacramento* têm uma escrita bastante diferenciada. Enquanto a primeira apresenta muitos dados e nomes, a segunda apresenta dados errados ou em dúvida, além de se preocupar muito mais com aspectos do cotidiano da guerra que a primeira. Ademais, o autor deste diário se refere a Silvestre Ferreira da Sylva na folha 86v como se tratasse de outra pessoa.

Devido ao interesse que o diário tem para os pesquisadores da história da Colônia do Sacramento e para os interessados na área, julgamos ser muito útil a publicação do mesmo, mesmo que a princípio ele foi copiado unicamente como fonte de pesquisa particular, nos meses de janeiro e fevereiro de 2012. O diário encontra-se em boas condições e tem uma grafia bastante fácil de ser compreendida.

Para auxiliar a divulgação do diário optamos por atualizar a ortografia. Inserimos entre colchetes as palavras que faltam para

dar sentido à frase, sempre que elas sirvam somente de elemento de ligação e que não comprometam o texto original. Quando ficamos em dúvida sobre a palavra transcrita, colocamos um [?] logo a seguir. Em caso de não termos entendido a palavra, ou o contexto em que ela se encontra, deixamos como a vimos, usando [sic]. Quando uma palavra consta como [ilegível] significa que nós não conseguimos compreende-la e não que ela seja efetivamente ilegível, conforme as regras da transcrição paleográfica. Os números entre colchetes representam as páginas do manuscrito e a letra v significa verso. Embora a ortografia tenha sido atualizada, manteve-se o uso de palavras de época cujo sentido podemos compreender e também conservou-se concordância verbal que, muitas vezes está equivocada mas que não interfere na compreensão, a fim de evitar ao máximo alterações no texto original.

O termo Praça na época designava três coisas: uma Praça propriamente dita, um soldado ou, como diz Rafael Bluteau em seu dicionário, "em termos militares é a palavra genérica com que se significa qualquer lugar fortificado com muros, reparos, baluartes flanqueados, etc. em que a gente se pode defender do inimigo". Neste sentido a palavra Praça aparecerá em maiúscula pois representa o status político da Colônia do Sacramento que nunca foi promovida à vila ou cidade e portanto não tinha uma Câmara Municipal e era governada por um militar com a patente de Mestre de Campo, que posteriormente seria conhecido pelo título de Coronel.

No documento os parágrafos desaparecem depois da folha 42, a partir daí se segue um texto contínuo. Optamos por introduzir novos parágrafos a fim de facilitar a leitura. As folhas 45v e 46 estão em branco.

As notas de rodapé visam facilitar o entendimento de palavras já pouco usadas ou que tinham valor diverso do atual na época em que foram escritas. Na maioria dos casos se buscou o auxílio do *Vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau, por

ter sido composto pouco antes dos eventos narrados no diário. Este dicionário pode ser consultado facilmente pois está disponível na internet no sítio:
http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1

Prólogo

A Colônia do Sacramento e o Sítio de 1735-1737

Antes de apresentar nosso trabalho de transcrição do diário do sítio da Colônia do Sacramento (1735-1737), obra de um autor anônimo, cumpre explicar a situação na qual ele foi redigido. A fundação de Sacramento na margem norte do Rio da Prata conjugava os interesses dos comerciantes do Rio de Janeiro, interessados na retomada do intenso comércio com Buenos Aires existente na época da União Ibérica (1580-1640), assim como os da Coroa portuguesa, que desejava expandir seus domínios até o Rio da Prata. Os principais elementos responsáveis pelo desenvolvimento da rede contrabandista na região platina eram os portugueses. A relativa proximidade do Prata com os portos brasileiros e a facilidade da obtenção de escravos em suas feitorias na África foram os principais fatores da preponderância comercial dos luso-brasileiros em Buenos Aires durante a União Ibérica.[1] Essas vantagens levaram os portugueses a investir num entreposto no Rio Prata quando o comércio com Buenos Aires foi proibido.

Em 1677, o Príncipe Regente D. Pedro instruiu secretamente o tenente-general Jorge Soares de Macedo a visitar Paranaguá para determinar o valor de supostas minas e prata e de lá passar ao Rio da Prata, onde deveria erguer uma fortificação na ilha de São Gabriel.[2] Macedo optou pela viagem marítima, mas o mau tempo

---

[1] CANABRAVA, Alice Piffer. *O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

[2] RODRÍGUEZ, Mauro. "Dom Pedro of Braganza and Colônia do Sacramento, 1680-1705". *Hispanic American Historical Review*. Durham, vol. XXXVIII, nº 2, pp. 187-188 May, 1958.

fez malograr a expedição por três vezes. Entrementes D. Manuel Lobo foi escolhido por D. Pedro para comandar a nova fundação.

D. Manuel Lobo tomou posse do governo do Rio de Janeiro em 9 de maio de 1679, dando logo início à preparação da expedição que viria a fundar uma fortaleza às margens do Rio da Prata. Em janeiro de 1680 D. Manuel Lobo chegou ao ponto designado pela ordem régia, a ilha de São Gabriel. Porém, ao invés de erigir a fortaleza na ilha, optou por fundar a fortaleza do Santíssimo Sacramento em frente à ela, numa península na margem norte do rio.

Contudo, a expedição não pôde resistir ao ataque combinado das forças coloniais espanholas e dos exércitos indígenas das missões jesuíticas, grupos para os quais a presença portuguesa no Prata constituía uma grande ameaça. A destruição de Sacramento, levada a cabo oito meses após sua fundação, irritou profundamente o Príncipe Regente que, sob ameaça de guerra, forçou a Coroa espanhola a restituir-lhe a posse do território conquistado no Tratado Provisional de 1681. A fraqueza da Espanha, obrigada a ceder por meio da diplomacia o que seus vassalos na América haviam conquistado pelas armas, voltaria a se repetir em 1715 e ainda em 1763, refletindo a contradição que podia haver entre os interesses dos colonos e os da metrópole.

Foram bastante difíceis os primeiros anos que se seguiram ao restabelecimento dos portugueses em Colônia em 1682, quando as restrições do governo de Buenos Aires, que procurava impedir o contrabando e a exploração do gado selvagem que abundava na campanha, se somaram à corrupção generalizada que marcou o governo de Cristóvão Ornelas de Abreu (1683-1689). A situação melhorou consideravelmente sob as administrações de Dom Francisco Naper de Lencastre (1689-1699) e de seu sucessor, Sebastião da Veiga Cabral (1699-1705), com o incremento da

política de povoamento e de uma intensa exploração das riquezas pecuárias da Banda Oriental.[3]

A Guerra da Sucessão Espanhola colocaria Portugal e Espanha em campos opostos na Europa, resultando no rompimento das hostilidades no Prata e no abandono de Colônia aos castelhanos em 1705. A guerra terminou com a assinatura dos tratados de Utrecht, nos quais Felipe V teve de fazer várias concessões a fim de obter o reconhecimento das nações européias à ascensão dos Bourbons ao trono espanhol. O tratado de paz com Portugal, assinado em 1715, assegurou aos portugueses a devolução do território da Colônia do Sacramento.

A partir de então, a Coroa portuguesa iniciou uma verdadeira política de povoamento na região, enviando sessenta casais da província de Trás-os-Montes em 1718 para dar início à agricultura e desenvolver a criação de gado, assim como garantir uma guarnição militar permanente. As constantes deserções dos soldados que serviam em Sacramento levaram o Conselho Ultramarino a defender o envio de casais, argumentando que "à experiência de tantos desertores será melhor que vão casais porque não é tão fácil largarem suas mulheres e filhos e irem viver em reino estranho".[4] Da mesma forma que o uso do sistema de degredo, a política de implementar a colonização através dos casais estava intimamente ligada à instituição militar. Cedo os povoadores foram enquadrados no sistema militar, pois antes mesmo que chegassem ao seu local de destino, a Coroa já enviara trezentas armas para a formação de "algumas companhias de ordenança dos mesmos casais que ajudem a defesa da dita Praça".[5]

A notícia da entrega da "Colônia do Sacramento e seu território", segundo os termos do Tratado de Utrecht, não foi bem

---

[3] "Banda Oriental" era o nome dado pelos espanhóis ao território situado na margem leste do rio Uruguai, região hoje dividida pela República Oriental do Uruguai e pelo estado do Rio Grande do Sul.

[4] Consulta do Conselho Ultramarino de 21 de janeiro de 1726. *IHGB,* Arq. 1.1.21, ff. 344v-346.

[5] Registro de uma carta régia dirigida ao governador do Rio de Janeiro, 4 de março de 1718, in: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro,* vol. XXXIX, pp. 369-370.

recebida em Buenos Aires. O *cabildo* da cidade escreveu ao rei que a devolução de Colônia aos lusos resultaria num gravíssimo prejuízo à coroa espanhola e aos habitantes das províncias de Buenos Aires, Paraguai e Tucumã, assim como também aos índios das missões jesuíticas. Dizia que todos necessitavam da caça do gado selvagem que vivia na Banda Oriental, uma vez que a contínua exploração e a seca haviam extinguido o gado na campanha bonaerense.[6]

O governador, que era o representante do rei em Buenos Aires, sabia que não se podia impedir a execução do tratado firmado entre as duas coroas, por isso defendia que o território de Colônia, não delimitado pelo Tratado de Utrecht, deveria ser somente o coberto pela artilharia, como nas demais Praças de guerra. Segundo ele, se antes os portugueses tinham o usufruto da campanha, o mesmo não passava de roubo, o que seria evitado com o povoamento da margem norte do Rio da Prata pelos espanhóis.[7]

Na tomada de posse, o governador Manuel Gomes Barbosa expôs o que os portugueses entendiam como sendo o território de Colônia: "tanto para a parte do norte, por onde se continua atualmente o domínio de Portugal, como para a parte do leste, e foz do Rio da Prata".[8] Por isso pediu aos comissários espanhóis a retirada da guarda do rio San Juan, situada a cinco léguas de Sacramento. Recebeu uma negativa com base no argumento de que o território da Colônia do Sacramento se restringia ao alcance de um tiro de canhão disparado da fortaleza, conforme o governador de Buenos Aires sugeriu à coroa espanhola, uma vez que o Tratado de Utrecht só mandava devolver a Colônia e seu território, sem especificar a extensão do mesmo. Seguindo as

[6] *Campaña del Brasil.* Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1931, pp. 452-453.

[7] Idem, pp. 453-457.

[8] MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *A Colônia do Sacramento (1680-1777).* Porto Alegre: Globo, 1937, v. 2, pp. 58-59.

ordens de Lisboa, Gomes Barbosa fez registrar seu protesto contra a limitação imposta pelos espanhóis e deu início às obras de reconstrução da fortaleza.

Se os primeiros tempos ainda foram difíceis devido aos problemas de abastecimento que marcaram o governo de Manuel Gomes Barbosa (1716-1722), a situação mudaria radicalmente com a chegada do seu sucessor. A junção do apoio decidido da Coroa à grande capacidade administrativa do governador Antônio Pedro de Vasconcelos (1722-1749) foram os fatores responsáveis por um período de grande desenvolvimento que pode ser considerado como o apogeu da presença portuguesa no Rio da Prata.

Porém, a prosperidade dos habitantes da Colônia do Sacramento preocupava a Coroa espanhola, lesada pelo intenso contrabando, enquanto os colonos e os índios das missões conviviam a contragosto com a concorrência portuguesa na exploração do gado selvagem. A tensão permanente, alimentada pelos frequentes conflitos com os espanhóis e indígenas na campanha, chegaria ao auge em outubro de 1735, quando as tropas castelhanas apareceram em frente aos muros da Colônia do Sacramento, iniciando um sítio que duraria dois longos anos até que a paz voltasse às margens do Rio da Prata, em setembro de 1737.

O início das hostilidades no Prata foi a consequência de uma série de tensões que na Europa e na América opunham os interesses dos espanhóis aos dos portugueses, cujo pretexto para iniciá-lo foi um pequeno incidente diplomático ocorrido em Madri. Num domingo de carnaval, dia 20 de fevereiro de 1735, os criados do embaixador português na corte espanhola, Pedro Álvares Cabral, Senhor de Belmonte, libertaram um homem que estava sendo conduzido preso pelos soldados pelas ruas da capital espanhola, dando-lhe acolhida na casa do embaixador. Dois dias após, cem soldados invadiram o palácio do Senhor de Belmonte, prendendo todas as pessoas que lá encontraram. Embora o

diplomata protestasse contra a violência, de nada adiantou sua intervenção.

A chegada da notícia desse incidente a Lisboa provocou a divisão dos conselheiros de D. João V entre os que propunham uma conciliação e os que exigiam uma represália imediata. O segundo grupo venceu e, a 13 de março, sessenta soldados e três oficiais ocuparam todas as entradas da casa do embaixador espanhol, Marquês de Capecelatro, prendendo doze criados seus que foram levados à cadeia do Limoeiro.[9]

O incidente diplomático que quase originou um conflito bélico entre as Coroas ibéricas na Europa e foi responsável pela irrupção da guerra no Prata, foi na verdade o estopim da tensão nos relacionamentos luso-espanhóis que vinham estremecendo desde 1733. O casamento dos príncipes herdeiros de Portugal e Espanha com as infantas espanhola e portuguesa, combinado em 1725 e realizado quatro anos após na fronteira luso-espanhola, fora pactuado num momento de irritação contra a corte francesa, que desfizera os ajustes para o casamento do delfim da França com a infanta de Espanha e não correspondia a um desejo sincero de maior aproximação com Portugal, de quem Filipe V guardava ressentimentos desde a Guerra da Sucessão Espanhola.

Por outro lado, o príncipe das Astúrias era alvo constante das intrigas de Isabel Farnésio, a segunda esposa de Filipe V. Enquanto Isabel era a principal interessada em impedir que Felipe V cumprisse sua intenção de abdicar, D. João V manifestava a esperança de que a ascensão de seu genro ao trono espanhol aumentaria sua influência na corte de Madri. Jaime Cortesão sustenta a hipótese de que a intimidade que o embaixador português mantinha com os príncipes e seu envolvimento entre os partidários da abdicação de Felipe V foram os fatores responsáveis

[9] CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid.* Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950, parte I, tomo II, pp. 59-63.

pela antipatia que Isabel Farnésio e seu valido, o primeiro ministro D. José Patiño, lhe devotavam.[10]

Além das intrigas da corte, a situação internacional também contribuiu para o fim da harmonia que existiu entre 1725 e 1733 entre as duas Coroas ibéricas. Em 1733, D. José Patiño negociou uma aliança franco-espanhola que ia contra os interesses portugueses, pois, por meio desse pacto, a França comprometia-se a ajudar a Espanha a conquistar os reinos de Nápoles e Sicília (que então pertenciam à Áustria, aliada de Portugal) para o príncipe Carlos, filho de Felipe V e Isabel Farnésio.[11]

A reviravolta da política de alianças elaborada pela diplomacia espanhola agradou sobremaneira os tradicionais inimigos dos habitantes de Colônia, os jesuítas e o *cabildo* de Buenos Aires que, em 15 de abril de 1733 escreveu ao rei queixando-se dos "excesos cometidos en los ganados vacunos de la otra banda por los portugueses de la Colonia".[12] Patiño aproveitou o momento e, com a dupla finalidade de agradar os portenhos e hostilizar os portugueses, inteirou o novo governador do Rio da Prata, D. Miguel de Salcedo, das queixas do *cabildo* de Buenos Aires, ordenando-lhe que durante seu governo se informasse dos novos caminhos abertos pelos portugueses para o Brasil e destruísse todos os estabelecimentos, quintas, estâncias e animais que os portugueses possuíssem fora da área coberta pela artilharia dos muros de Sacramento, solicitando a ajuda dos índios missioneiros se fosse necessário. Devia ainda impedir todo o comércio entre portugueses e espanhóis e limitar a navegação do Rio da Prata aos lusitanos às rotas estritamente necessárias para a ligação de Colônia aos demais domínios portugueses.[13]

---

[10] Idem, pp. 63-66.

[11] Idem, p. 64.

[12] *Campaña del Brasil. Op. cit.,* 1931, p. 501.

[13] *Manuscritos da Coleção de Angelis. Tratado de Madrid - Antecedentes: Colônia do Sacramento (1669-1749).* Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1954, pp. 244-252.

Assim que chegou a Buenos Aires, em março de 1734, Salcedo empenhou-se em cumprir as ordens recebidas. Na repressão ao contrabando, ordenou a substituição dos antigos fiscais reais, sendo que alguns deles foram presos e tiveram seus bens confiscados.[14] Ainda em março do mesmo ano, Salcedo escreveu ao governador Antônio Pedro de Vasconcelos informando-lhe da "expresa orden del Rey mi amo para arreglar, y demarcar los limites de esa Colonia". Prudentemente, Vasconcelos respondeu-lhe que "se achava sem as instruções ou poderes de S. Majestade, para entrar nesta conferência". Salcedo insistiu no assunto em outras duas cartas, enquanto que Vasconcelos continuava a alegar a sua falta de competência para determinar os limites do território da Colônia do Sacramento.[15] Entretanto, em 18 de abril de 1735, D. José Patiño comunicou ao governador Salcedo que o rei resolveu "que sin esperar a que formalmente se declare la guerra con los Portugueses, y solo en virtud de esta orden, se sorprenda, tome y ataque la ciudad y Colonia del Sacramento".[16]

Entre os preparativos para o ataque a Sacramento, o governador Salcedo ordenara a saída dos portugueses e ingleses de Buenos Aires. Mais de trinta ingleses conseguiram burlar a vigilância dos espanhóis e passaram a Colônia, onde foram bem recebidos pelo governador Vasconcelos, que os juntou à tripulação do bergantim real, que teve como missão dar caça aos transportes e comunicações que os espanhóis faziam entre as duas margens do Rio da Prata.[17]

---

[14] LISANTI, Luís (org.) *Negócios Coloniais.* Brasília Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão Editorial, 1973, vol. 4, pp. 376-377.

[15] SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento.* Porto Alegre: Arcano 17, 1993, p. 28-31.

[16] *Campaña del Brasil. Op. Cit.,* 1931. p. 505.

[17] Noticia Práctica del sitio de la Nueva Colonia del Sacramento y demás operaciones de los enemigos desde el mes de septiembre hasta el 18 de diciembre de 1735, siendo Gobernador de aquella Plaza Antonio Pedro de Vasconcellos". *Revista Histórica.* Montevideo, 1916, tomo VII, n.º 22, pp. 607-608.

Enquanto isso, na Europa, os governos de Lisboa e Madri iniciavam os preparativos para a guerra. Em cumprimento aos tratados de aliança com Portugal, em junho, entrou no Tejo uma esquadra inglesa composta de trinta navios e mais de doze mil homens. Ao mesmo tempo, a Coroa ordenou ao governador Antônio Pedro de Vasconcelos que se prevenisse contra qualquer ataque espanhol, aviso desnecessário, já que o mesmo sabia do que se passava em Buenos Aires através das informações fornecidas pelos espanhóis que visitavam Colônia e pelos espiões que mantinha naquela cidade.[18]

Na campanha, o bloqueio hispano-indígena foi estreitando aos poucos os movimentos dos portugueses e, em 30 de maio de 1735, o comerciante José Meira da Rocha escrevia que "está isto tão miserável que nem sequer lenha nos deixam os castelhanos tirar da campanha, tomando para seu poder todos os carros e escravos que a vão buscar, e mandando dizer ao depois aqui vergonhosíssimas graças e chascos".[19] Em 29 de julho iniciou-se o bloqueio naval, quando um navio que saía carregado de Colônia com destino à Bahia foi apresado pelos espanhóis.[20]

A tensão cotidiana degenerou em pânico em outubro, quando um destacamento espanhol avançou sobre os arredores de Colônia, destruindo as quintas dos povoadores e pondo em retirada a cavalaria portuguesa. As tensões manifestaram-se então contra as autoridades portuguesas, pois começou a circular a notícia de que embora o governador soubesse da possibilidade de um ataque espanhol, o mesmo não providenciara a evacuação dos colonos, que viram suas lavouras destruídas e o gado apresado pelo inimigo. Os agricultores tiveram de se retirar às pressas para

[18] CORTESÃO, Jaime Cortesão. *Op. cit.* pp. 68-69.

[19] LISANTI, Luís (org.). *Op. cit.* vol. 4, p. 385.

[20] SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Op. cit.* p. 41.

a fortaleza, sem poderem salvar os alimentos que seriam necessários durante o longo cerco.[21]

De fato, embora o governador Vasconcelos tivesse sido avisado dos preparativos de guerra de D. Miguel de Salcedo, os espiões que mantinha em Buenos Aires asseguraram-lhe que o mesmo tinha falta de gente e via-se desprevenido para um ataque. Para o governador de Colônia, os preparativos dos espanhóis tinham a finalidade de fazer os portugueses abandonarem as estâncias, pois ele não acreditava no rompimento das hostilidades sem uma formal declaração de guerra na Europa.[22]

Embora não houvesse ordenado a evacuação da campanha, o que seria ceder às pressões espanholas de não sair do espaço coberto pela artilharia, assim que recebeu o aviso de Lisboa, o governador Vasconcelos deu ordem para que se reforçasse a muralha, ainda inconclusa. Os trabalhos de fortificação continuaram sem parar nos domingos ou dias santos, com a participação de toda a população, inclusive dos meninos da escola, que executavam o serviço cantando como uma forma de suavizar o trabalho. Ao mesmo tempo, o governador enviou ao arrabalde de Veras 120 cavaleiros destinados a impedir o avanço dos castelhanos,[23] medida que se revelou insuficiente, pois um destacamento de 500 soldados espanhóis pôs em retirada a cavalaria portuguesa, dando início à destruição das quintas dos arrabaldes.[24]

Em 22 de outubro de 1735, o governador Vasconcelos ordenou uma mostra para verificar quantos dos moradores eram destros no tiro. O mesmo queixou-se de que dentre os muitos

[21] "Sistema entre un Portuguez y un jenobes dentro de la colonia del Sacramiento hablaron sobre el lamentable estado de ella y sus moradores..." *Archivo Rregional de Colonia.* Reg. 217, 38, T5, doc. 4, ff. 35-36.

[22] Idem, f. 36.

[23] "Noticia Práctica del sitio de la Nueva Colonia del Sacramento..." *Op. Cit.,* p. 606-607.

[24] RIVEROS TULA, Anibal M. "Historia de la Colonia del Sacramento, 1680-1830". *Apartado de la Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay.* Montevideo, tomo XXII, 1959, pp. 169-170.

moradores, só aprovou cento e vinte, os quais repartiu em quatro companhias destinadas à defesa da área litorânea, designando um oficial para que os exercitasse no manejo das armas.[25]

O ataque dos espanhóis mobilizou todos os segmentos da população de Colônia para acudir à defesa da Praça. Os civis foram agrupados em companhias que preservavam a divisão dos grupos sociais e dos elementos que se destacavam nesses grupos. O escrivão da Fazenda Real, Caetano do Couto Veloso, formou um destacamento com os seus dez escravos enquanto que os comerciantes formaram uma companhia sob as ordens do seu colega José Meira da Rocha.

De 28 de novembro até 9 de dezembro de 1735 espanhóis bombardearam a Colônia do Sacramento causando "horroroso estrago nas propriedades da povoação" segundo o alferes Silvestre Ferreira da Silva, um dos cronistas do cerco.[26] O bombardeio abriu uma brecha de duzentos palmos na muralha, e mesmo que ela fosse constantemente reparada pelos defensores durante a noite, o governador de Buenos Aires exigiu a rendição da Praça.[27] Diante da negativa do governador de Colônia, as tropas espanholas começaram a organizar-se para o assalto. Porém uma bala da artilharia portuguesa atingiu o centro da formação inimiga, causando uma grande confusão que desbaratou o assalto à Praça sitiada.[28]

Em 6 de janeiro de 1736 chegaram os reforços que se concentravam no Rio de Janeiro, somando homens recrutados

---

[25] "Certificados referentes a los servicios y méritos funcionales de Caetano de Couto Vellozo..."*archivo Regional de Colonia.* Reg. 217, 38 T5, doc. 3, f. 23.

[26] SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Op. cit.* p 84.

[27] "Já era uma convenção da guerra de assédio que a recusa de se render depois de aberta uma brecha eximia os atacantes da obrigação de oferecer mercê ou se abster de saquear. Na era da artilharia essa convenção tornou-se absoluta". KEEGAN, John. *Uma História da guerra.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 333.

[28] SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Op. cit.* p. 90.

naquela capitania, em Minas Gerais e na Bahia.[29] A expedição de socorro garantiu a supremacia naval aos portugueses, ocasionando a retirada do governador de Buenos Aires, que levou consigo a infantaria e a cavalaria, deixando quinhentos cavaleiros no campo de bloqueio a fim de impedir a saída dos portugueses do recinto fortificado. A morte do jesuíta que comandava os índios missioneiros aumentou a deserção entre eles, que por fim também foram mandados para casa.[30]

Porém, se a chegada da expedição de socorro diminuiu a pressão dos espanhóis sobre a Colônia do Sacramento, surgiram diversos atritos entre os moradores e os recém-chegados. O recrutamento forçado trazia diversos problemas, entre os quais o principal era a dificuldade em manter a disciplina entre homens sem treinamento militar. Mal desembarcado o destacamento da Bahia, "começaram os soldados com distúrbios e desgostos a inquietar a Praça. Mostravam que da guerra não tinham experiência, menos sofrimento para os trabalhos de um sítio rigoroso. Sabiam melhor contender com os domésticos que disputar com os estranhos", escreveu Simão Pereira de Sá.[31] Parece mesmo que os baianos trouxeram mais problemas que auxílio e, por fim, o governador Vasconcelos resolveu desembaraçar-se deles

[29] "A primeira expedição de socorro, sob o comando do sargento-mor Tomás Gomes da Silva, deixou o Rio em 15 de dezembro de 1735. Compunha-se de seis embarcações e levava trezentos e sessenta marinheiros, duzentos e cinqüenta infantes, quarenta e dois Dragões das tropas de Minas Gerais e trinta e cinco artilheiros. Ao lado dos militares seguiam ainda oitenta e seis prisioneiros e vinte e cinco índios, o que sugere que o sistema de recrutamento compulsório aplicado à população masculina do Rio foi insuficiente para completar o número de soldados necessários, tendo-se de recorrer aos prisioneiros. Na Bahia, o vice-rei, conde das Galveias, tratou de organizar uma expedição de socorro que saiu de Salvador, a bordo de dois navios, em 31 de dezembro de 1735. Compunha-se de um destacamento de duzentos soldados, retirados dos dois Terços que guarneciam a cidade, aos quais se acrescentaram três capitães de infantaria e um de artilharia, três alferes, seis sargentos e cinqüenta artilheiros. Os reforços foram divididos em quatro companhias: duas de sessenta soldados cada e uma de oitenta, enquanto outra reunia os cinqüenta artilheiros." POSSAMAI, Paulo. *A vida quotidiana na Colônia do Sacramento*. Lisboa: Livros do Brasil, 2006, p. 179.

[30] MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. Op. Cit., pp. 231-242.

[31] SÁ, Simão Pereira de Sá. *História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*. Porto Alegre: Arcano 17, 1993. p. 96.

mandando-os embarcar para Laguna a fim de buscar carne para o sustento da Praça, de onde o destacamento saía "mal quisto com o povo por alguns insultos cometidos aos paisanos".[32]

As tropas desembarcadas deveriam substituir os civis que defendiam a Praça. Mas nem sempre a substituição deu-se sem problemas. Devido à sua elevada posição social em Colônia, o comerciante José Meira da Rocha recebeu o comando de uma companhia que incluía comerciantes e soldados. Meira da Rocha não deixou de registrar que durante os cinco meses em que comandou este grupamento teve de ter grande paciência para aturar a falta de disciplina dos seus subordinados, que pediam para almoçar e voltavam à tardinha ou pediam para jantar e só voltavam no dia seguinte. Caso se negasse a dar permissão para as suas saídas, iam queixar-se ao governador

> "que me não podiam aturar com impertinências e medos demasiados, que sempre queria ter ali a gente amarrada, e a trabalhar nos parapeitos, e que o melhor seria entregar a bateria a outrem e juntamente que ora queria estar sempre atirar ao inimigo, ora não queria, trocando as melhores ocasiões para as piores e, para dizer tudo, fizeram-me meio doido".[33]

O governador, por sua vez, tentava apaziguar os ânimos, recusando-se a castigar a falta de disciplina dos soldados e ordenanças, dizendo-lhe que "não estávamos em ocasião disso, e que sofresse eu 21 homens que também ele sofria [com] toda a Praça".[34] As tensões entre os dois grupos manifestavam-se através do pouco caso com que os soldados tratavam a autoridade de Meira da Rocha, ausentando-se por longas horas dos seus postos e também através de queixas ao governador.

---

[32] Idem, p. 110.

[33] LISANTI, Luís (org.). *Op. Cit*. vol. 4, p. 395.

[34] Idem.

José Meira da Rocha estava consciente de que os atritos que tinha com seus subordinados eram conseqüência do seu empenho em cumprir bem sua missão, pois comentou que, no tempo em que comandava a bateria, mantinha todo o equipamento limpo e em ordem, com os canhões sempre carregados e apontados para o inimigo. A situação mudou completamente depois que o capitão Antônio Carvalho e sua companhia ocuparam o posto que anteriormente comandava, o qual descreve então como "mui diverso, por estar a artilharia uma descarregada, e outra desapontada, e tudo sujo e miserável, que certamente paga Sua Majestade soldo a homens que eles lhes deviam pagar a água que bebem no seu reino".[35]

Segundo o mesmo, assim que o governador viu o estado em que se encontrava a bateria, deixada a cargo dos reforços vindos do Rio de Janeiro, ordenou a Meira da Rocha e seus colegas comerciantes que assim que ouvissem o sino anunciar um ataque inimigo acorressem à mesma bateria para cuidar da artilharia. Porém, para Meira da Rocha tal cuidado não seria de grande utilidade, já que "na bateria ninguém hoje poderá parar em caso de assalto por estarem as pessoas nela a peito descoberto, por que como os parapeitos eram de surrões de couro cru cheios de terra e neles não houve cuidado, apodreceu o couro e a terra caiu ao mar". [36]

Porém, a atuação mais importante dos comerciantes não era a sua participação ativa na defesa da Praça, mas sim a de fornecer empréstimos que possibilitaram ao governador Vasconcelos realizar o pagamento das tropas. Segundo Simão Pereira de Sá: "A guarnição aflita e cansada, sobre a queixa de mal paga, violentamente obedecia, e servia com repugnância". Situação que foi remediada pelo oferecimento ao governador por "Domingos Alvarez Calheiros, José da Meira, e outros mercadores, cabedal bastante com que se fez pagamento geral às tropas, contentando

[35] Idem.

[36] Idem.

assim a aqueles que pelas queixas se podiam fazer rebeldes aos superiores, traidores à pátria".[37]

Em situação de perigo intenso como a guerra, os escravos eram armados e serviam sob o comando dos seus senhores, como foi o caso dos cativos do escrivão da Fazenda Real em Colônia, Caetano do Couto Veloso que, com seu filho e dez escravos de sua propriedade, se apresentaram ao governador para ajudar a reconstruir a muralha, que as chuvas haviam arruinado. Couto Veloso recebeu a incumbência de defender um setor dos muros com "dez negros armados de espingardas e chuços". Mais tarde, foi transferido para o porto, onde continuou o serviço com "os seus dez escravos que a todas as funções o acompanhavam fazendo rondas e sentinelas por toda aquela parte". Os escravos continuavam a ter os piores serviços mesmo em tempo de guerra, pois o governador mandou que o escrivão juntasse seus homens aos do capitão Pedro Lobo "Compostas de sessenta homens pretos" para que, numa perigosa expedição, saísse do recinto fortificado para demolir o que restava das construções extramuros a fim de fornecer madeiras para a confecção de plataformas para a artilharia.[38]

Silvestre Ferreira da Silva relacionou os negros que ajudaram a guarnecer a Praça, sem identificar se eram escravos ou não. Nos baluartes de Santo Antônio e no de São João estavam a postos "alguns pretos de préstimo para o manejo da lança e da artilharia do dito baluarte". Na bateria de Santa Rita, quatro negros cuidavam da artilharia e na bateria de São Pedro de Alcântara, estão relacionados mais sete negros. Curiosamente, Ferreira da Silva omitiu a presença dos escravos na defesa da zona portuária, a qual foi encarregado de defender, referindo-se somente a "cem homens avulsos",[39] enquanto Simão Pereira de Sá escrevia que "a

[37] SÁ, Simão Pereira de. *Op. Cit*. p. 75.

[38] "Certificados referentes a los servicios y méritos funcionales de Caetano de Couto Vellozo..."*Archivo Rgional de Colonia.* Reg. 217, 38 T5, doc. 3, ff. 20-27.

[39] SYLVA, Silvestre Ferreira da Silva Op. Cit. pp. 51-66.

mais parte da mencionada Marinha, guarnecia uma numerosa companhia de escravos a cargo de Silvestre Ferreira da Silva".[40] Nessa companhia encontravam-se os cativos do escrivão de Colônia, pois Sá acrescentava que nela serviam de oficiais Caetano do Couto Veloso, Pedro Lobo Botelho e Clemente da Silva Pais.

Os espanhóis procuraram tirar vantagem da presença dos escravos entre os defensores de Colônia, oferecendo-lhes a liberdade caso desertassem e passassem para os domínios do rei Católico. O governador Antônio Pedro Vasconcelos também buscou favorecer a deserção entre as fileiras inimigas, porém não prometia nada aos escravos, dizendo que "não disputa aos escravos a fuga do domínio de seus senhores, por ser contra a moral cristã".[41] Provavelmente os portugueses não deixaram de se utilizar da contrapropaganda, como fizeram durante o cerco de 1705, quando o governador Sebastião da Veiga Cabral mandou espalhar o boato de que o governador de Buenos Aires queria reduzir toda a população sitiada à condição de prisioneiros e se apoderar dos seus escravos, escravizando também os negros e mulatos livres.[42]

O pequeno espaço físico abrangido pelas fortificações, que tornava difícil o cotidiano dos moradores, piorou com a chegada dos reforços, pois os mantimentos não eram suficientes para todos. O início do inverno também causou o aumento de doenças, especialmente dos soldados que vinham de regiões de clima tropical.[43]

---

[40] SÁ, Simão Pereira de. Op. Cit., p. 79.

[41] SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Op. Cit*. pp. 72-75.

[42] "Y quando se hizo de nuestra parte llamada, se alegro mucho la gente, y lo tenian à milagro, desseando se concluyessen los ajustes, y viendo, que no se convenian los Governadores, se alvorotaron amagando, que se passarian à nuestro Campo; que para aquietarlos, les dixo su Governador Portugues, que el Governador de Buenos-Ayres, los queria llevar à todos prisioneros, y que à los Mulatos de la Bahia, los harian esclavos; que al oìr esto dixeron, que querian pelear hasta morir". "Relacion del sitio, toma, y desalojo de La Colonia, nombrada el Sacramento, en que se hallavan los Portugueses desde el año 1680 em el Rio de La Plata à vista de las Islas de S. Gabriel", in: *Revista del Instituto Histórico y Geografico del Uruguay.* Montevidéu, 1928, tomo VI, nr.º 1 p. 205.

[43] "A este tempo, em que a guarnição estava entrada na estação do mais rigoroso frio, que é naquele país nos meses de maio até setembro, começaram os soldados dos destacamentos, proximamente

São inúmeros os relatos de doenças entre os sitiados, que normalmente eram o resultado da fome, ingestão de alimentos estragados, disseminação do escorbuto por falta de alimentos frescos e mesmo pelo clima frio do inverno ao qual muitos soldados não estavam acostumados. O alferes Silvestre Ferreira da Silva registrou que; "Assim o experimentou naqueles meses de inverno toda a povoação da Colônia, em que a fome (como fera que tudo atropela) nos obrigou a comer cavalos, cães, gatos e outros imundos animais, que procurava a necessidade".[44]

Simão Pereira de Sá descreveu na sua característica linguagem barroca a terrível situação da Praça sitiada dizendo que:

> "Era tão lamentável, e geral a falta de mantimentos na Praça que a nenhuma espécie de animal imundo perdoava a fome, escogitando [sic] a necessidade admiráveis viandas das ervas agrestes, que incultamente, produzia a terra valia uma galinha quatro mil réis, e como ainda na extremidade era barata a exorbitância, apareciam poucas para os enfermos da mesma fome. Convalesciam os doentes de queixas graves com carne salgada, e corrupta. Eram os ratos preciosa venatória para os mais mimosos na criação. Custava o gato a meio peso castelhano. O quarto de cão a oitenta réis. De algumas estrebarias violentamente tiravam as bestas e sem igualdade nos quinhões, cada um levava o seu pedaço à força de armas, ficando mais lucrado o que era mais valente".[45]

Entretanto, novos reforços se faziam necessários, pois a notícia de que a Coroa espanhola preparava duas naus para aumentar as suas forças no Prata fez D. João V ordenar a ida de uma frota em socorro a Colônia.[46] A 25 de março de 1736,

---

vindos, a experimentar a falta dos ares pátrios, perdendo inteiramente a saúde, naqueles que por frigidíssimos se lhe mostravam estranhos; por cujo motivo picavam já as doenças a toda a guarnição, sem as poder reparar remédio algum". SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Op. Cit.* p. 95.

[44] Idem, p. 96

[45] SÁ, Simão Pereira de. *Op. cit.* p. 105.

[46] Idem, p. 107.

zarpavam de Lisboa duas naus de 60 peças e uma fragata de 54, sob o comando do coronel Luís de Abreu Prego que, com o pretexto de acompanhar a frota mercante do Rio de Janeiro, destinavam-se a reforçar a presença naval de Portugal no Rio da Prata. Seguia com o coronel Prego o mestre de campo André Ribeiro Coutinho, considerado um dos mais brilhantes oficiais portugueses, com larga experiência no Estado da Índia. Posteriormente, acrescentar-se-iam mais duas fragatas, que deveriam acompanhar a frota da Bahia, a qual zarpou em 21 de agosto. Os navios de guerra seguiam com uma tripulação maior do que a necessária, à qual se acrescentaria um destacamento a ser retirado da guarnição do Rio de Janeiro. Com relação à atuação que se esperava da frota, D. João V dava preferência à tomada de Montevidéu, mas também ordenava a fortificação da margem sul da barra do Rio Grande de São Pedro.[47]

Na altura das ilhas Canárias, os navios de guerra comandados por Prego se adiantaram aos navios mercantes da frota e seguiram para o Rio de Janeiro, para onde a Coroa já havia mandado um navio com ordem para que o governador Gomes Freire de Andrade seguisse para o Rio de Janeiro, onde deveria assumir o governo da capitania.[48] O brigadeiro José da Silva Pais, governador interino do Rio desde 12 de março de 1735, fora encarregado de armar alguns navios leves para se juntarem aos reforços que em breve chegariam de Lisboa, devendo se incorporar à expedição de socorro para comandar as operações terrestres contra os espanhóis.[49]

---

[47] BARRETO, Abeillard. "A Expedição de Silva Pais e o Rio Grande de São Pedro", in: *História Naval Brasileira,* Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975, vol. 2, tomo 2, pp. 9-17.

[48] Gomes Freire chegou ao Rio em 20 de maio de 1736; de lá manteve intensa correspondência com Martinho Mendonça, a cujo cargo ficara o governo interino de Minas Gerais. Cf. Carta de Gomes Freire a Martinho de Mendonça, 21 de maio de 1736, in: *Revista do Archivo Publico Mineiro,* vol. II, p. 239.

[49] BARRETO, Abeillard. *Op. Cit.,* pp. 12-16.

A situação em Sacramento era tão crítica que quando chegaram remessas de alimentos nos navios de socorro, não se sabia como cozinhá-las, pois não havia madeira disponível, e por isso "já não há casa que tenha porta interior, nem coisa de madeira que se não tenha queimado e muitos comprando carros para o mesmo efeito".[50] Além do problema ocasionado pela falta de lenha, havia a circunstância de que a maior parte dos mantimentos recebidos era composta de farinha de mandioca e carne salgada, alimentos impróprios para serem consumidos pelos doentes, que ao invés de melhorarem, morriam por causa da dieta que lhes era imposta pelas circunstâncias.[51]

O pedido do brigadeiro José da Silva Pais ao governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrada, de que se colocasse fim aos abusos nos gastos com os remédios, que já passavam de três mil cruzados, parece sugerir que houve super faturamento no valor dos mesmos.[52] Porém os crescentes gastos com a saúde também se relacionam ao aumento do número de doentes. Silva Pais liberou os reforços do Rio de Janeiro do desconto a que eram submetidos para a assistência do hospital, pois embora esta fosse disposição do regimento do Rio, a guarnição de Colônia não era obrigada a contribuir com as despesas do hospital, através do desconto do seu soldo. Contudo, os militares cariocas não deixaram de reclamar que no hospital de Sacramento "morrem muitos soldados à míngua, por não terem um caldo de galinha e são tratados como se pode, e [portanto] não devem dar o vintém e eles o que lhe toca".[53]

Enquanto Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais enviavam seus reforços por via marítima, a capitania de São Paulo foi

[50] Carta de Abreu Prego a Gomes Freire, 4 de Janeiro de 1737, in: *Revista do IHGRS,* nº 104, p. 349.

[51] Carta de Vasconcelos a Abreu Prego, 11 de fevereiro de 1737, in: *Revista do IHGRS,* nº 99, p. 87.

[52] Carta de Silva Pais a Gomes Freire, 4 de janeiro de 1737, in: *Revista do IHGRS,* nº 104, p. 393.

[53] Registro de uma proposta do comissário da expedição a Silva Pais, 11 de novembro de 1736, in: *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul,* vol. 1, p. 37.

encarregada de atacar as missões jesuíticas para forçar a retirada das tropas indígenas do cerco a Colônia. Em 17 de agosto de 1736, em nome de Sua Majestade, o secretário Antônio Guedes Pereira escrevia ao Conde de Sarzedas, governador de São Paulo, para que convidasse os sertanistas da cidade a invadirem os domínios castelhanos, serviço que seria pago com mercês, honrarias e a promessa de que "dos índios que tomarem se poderão servir, com esta distinção, que se forem gentios ficarão seus escravos, e se forem cristãos, ficarão prisioneiros de guerra, mas com a obrigação de os servirem".[54]

Embora entre os sitiados existisse a esperança de que dois mil paulistas vinham por terra para forçar os espanhóis a levantarem o cerco,[55] o certo é que tudo não passava de boato ditado pelo desespero ou mesmo conscientemente criado para aumentar a moral da população. Os reforços de São Paulo na verdade não passavam de 180 homens chefiados por Cristóvão Pereira de Abreu, sertanista que tinha grandes interesses na exploração do gado sulino.

Essa expedição não passou do Rio Grande de São Pedro, pois Pereira de Abreu tinha poucos homens, mal armados, e temia que a guarnição de Montevidéu lhe impedisse o acesso à Colônia. O sertanista criticou a estratégia portuguesa de concentrar os esforços numa ofensiva marítima, dizendo que "se admira muito de que todas as forças se oponham no mar e nenhuma por terra por onde com muito pouco já se teria concluído tudo".[56] Mesmo que os paulistas não tenham entrado em luta direta com os espanhóis, os mesmos contribuíram para a manutenção de

[54] "Registo de hum bando sobre darsse guerra ao gentio ou indios q. estão agregados ao castilhano por estes fazerem operação a povoação da Collonia e o mais que nelle se declara &ª". *In: Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, 1939, vol. LXI, pp. 131-132.

[55] "Sistema entre un Portuguez y un jenobes..." *Archivo Regional de Colonia.* Reg. 217, T5, doc. 4, f. 38.

[56] "Carta de Cristóvão Pereira de Abreu, para Gomes Fr.ᵉ de Andrada, datada do Rio Grande em 2 de Novembro de 1736". *In:* Artur da Motta Alves (comp.). "Documentos sobre a Colônia do Sacramento e o Rio Grande de São Pedro". *Revista do IHGRS.* Porto Alegre, IV trimestre de 1946, n.º 104, p. 360.

Sacramento através do envio de carne e peixe e do apoio que deram à fortificação do Rio Grande de São Pedro, começada em fevereiro de 1737, por ordem do brigadeiro José da Silva Pais, como alternativa às fracassadas tentativas de tomar Montevidéu e fortificar Maldonado.

A fim de aliviar a falta de alimentos na Colônia do Sacramento, ordenou-se a evacuação da população civil. No navio que comandava o bloqueio a Montevidéu, Silva Pais escreveu a Gomes Freire, em 24 de setembro de 1736, dizendo-lhe que: "escrevo à Colônia hoje mande logo para baixo parte das embarcações que foram com mantimentos e lhe recomendo muito mande nelas o maior número de bocas inúteis pode ter naquela Praça, para assim poderem chegar a mais algum tempo os mantimentos".[57]

Alguns dos casais que se retiraram de Sacramento foram enviados ao Rio de Janeiro, onde encaminharam pedido de ajuda para o pagamento da passagem e da alimentação, alegando não terem "coisa alguma de seu, que todo o seu cabedal, se algum tinham, ficou na dita Praça onde gastaram enquanto acharam o que comprar para alimentos".[58] Para receber ajuda de custo da Fazenda Real os casais tinham de provar serem pobres, haverem feito parte do grupo que em 1718 foram povoar Colônia a pedido do rei e terem-se retirado dela sob ordem do governador Vasconcelos. Dos casais que fizeram o pedido em dezembro de 1736, só receberam a ajuda de custo de meio tostão por dia cada um, enquanto durasse o sítio de Colônia, Inácio Gonçalves, José de Almeida e Joana Maria, por apresentarem todos os requisitos necessários.[59]

---

[57] "Carta do Brigadeiro Jose da Silva Paes, datada de 24 de Setembro de 1736, para o Gn.[l] Gomes Freire de Andrada". *In:* Artur da Motta Alves (comp.). "Documentos sobre a Colônia do Sacramento e o Rio Grande de São Pedro". *Revista do IHGRS*. *Op. cit.* p. 388.

[58] Registro da Provisão que fizeram os casais vindos de Colonia. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1736. *ANRJ*. cód. 60, vol. 20, f. 146.

[59] Idem, f. 146v.

Enquanto alguns casais seguiram para o Rio de Janeiro, outros foram mandados para o Rio Grande, a fim de dar início ao povoamento da região a partir de 1737, ano em que também os comerciantes abandonaram a Praça, como vemos na carta em que, do Rio de Janeiro, Meira da Rocha escreveu ao comerciante lisboeta Francisco Pinheiro:

> "Meu senhor, depois de me haver na Nova Colônia desenganado claramente de que os portugueses naquela paragem já não haviam de aliviar a Praça nem fazer mais do que aturar as afrontas castelhanas, resolvi-me e mais os outros comissários dela a largarmo-la em poder dos militares que somente nela se acham, por que também as famílias paisanas de crianças e mulherio a desampararam, embarcando-se uns para este Brasil, e outros para o porto de São Pedro ou Rio Grande onde de presente se acham os socorros que desta haviam ido como também da Bahia e Pernambuco para a mesma Colônia, em cuja Praça não pararam por terem os castelhanos à vista".[60]

Os que não seguiram diretamente para o Rio Grande de São Pedro foram para lá enviados sem muita demora. Em 1738, Gomes Freire remeteu para Rio Grande muitos casais que anteriormente haviam evacuado a Colônia do Sacramento com destino ao Rio de Janeiro e Laguna.[61]

A paz voltou ao Prata em primeiro de setembro de 1737, quando chegou a Sacramento a nau de guerra Boa Viagem com a notícia da assinatura do armistício em 16 de março do mesmo ano em Paris pelos representantes das Coroas portuguesa e espanhola, ordenando a cessação das hostilidades e a manutenção do *status quo*. Com o armistício de 1737, inicia-se uma nova fase da história da Colônia do Sacramento. Como bem observou Rego Monteiro, "terminou o período áureo da Colônia do Sacramento, jamais

[60] LISANTI, Luís (org.). *Op. Cit*. vol. 3, pp. 617-618.

[61] Memória dos serviços prestados pelo mestre de campo André Ribeiro Coutinho (1740). In: "Inventário de Castro e Almeida". *Anais da Biblioteca Nacional.* Rio de Janeiro, 1936, vol. L, doc. n.º 16.839, p. 328.

voltaram a ter seus arredores aquela riqueza de produção, que fazia dela a cobiça espanhola".[62] De fato, de 1737 a 1777, o cotidiano do habitante de Sacramento foi marcado pelo bloqueio constante a que os espanhóis submeteram o povoado, o que levou o historiador uruguaio Aníbal M. Riverós Tula a compará-lo à também estratégica posição de Gibraltar,[63] possessão inglesa na costa sul da Espanha.

A comparação da situação da Colônia do Sacramento com a de Gibraltar não escapou aos contemporâneos. Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, que governou interinamente a capitania de Minas Gerais durante o cerco à Colônia de Sacramento previa grandes problemas em manter duas fortalezas tão distantes entre si como Colônia e Rio Grande, sendo "necessário sustentar presídios, como Inglaterra a Gibraltar".[64] Na correspondência trocada com o general Gomes Freire de Andrada, Martinho de Mendonça de Pina e de Proença mostrava sua preocupação com a manutenção de uma Praça mantida sob bloqueio contínuo, que também comparou a Mazagão, Praça-forte portuguesa situada na costa atlântica do Marrocos.[65]

Efetivamente, a partir de então a situação de Colônia se tornou parecida com as possessões portuguesas na costa marroquina, onde, segundo Boxer, "as guarnições das Praças só controlavam o terreno à volta das muralhas, até onde alcançava o canhão. Nesse terreno, cultivavam os cereais, vegetais, frutas e pastoreavam os cavalos e o gado".[66]

O padre jesuíta Florián Paucke, que visitou a Colônia do Sacramento em 1749, observou que o gado era recolhido à Praça

---

[62] MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *Op. cit*. vol. 1, p. 331.

[63] RIVEROS TULA, Anibal M. *Op. cit*. p. 149.

[64] Carta de Martinho de Mendonça para Gomes Freire, 26/12/1736, *in: Revista do Archivo Publico Mineiro.* Belo Horizonte, 1911, p. 372.

[65] Carta de Martinho de Mendonça a Gomes Freire de Andrade, 18 de julho de 1737, in: *Revista do Arquivo Público Mineiro,* vol. II, p. 446.

[66] BOXER, C. R. *A mulher na expansão ultramarina ibérica.* 1977. Lisboa: Horizonte, p. 33

durante a noite, para evitar que fosse apresado pelos espanhóis,[67] o que também acontecia em Mazagão, onde um dos portões chamava-se "porta dos bois", justamente por ser utilizado para conduzir o gado para as pastagens do campo vizinho.[68] Francisco Millau, na sua *Descripción del Río de la Plata,* de 1772, descreve a existência de uma forte paliçada construída pelos espanhóis, que, de uma praia a outra, confinava os portugueses na península ocupada pela Colônia do Sacramento. No cordão de isolamento estava sempre de prontidão um destacamento de tropa que fazia parte da guarnição de Buenos Aires.[69]

Porém, tanto Paucke como Millau acentuam que o caráter militar da Colônia do Sacramento não excluía a intensa atividade comercial que ali se realizava. Mais uma vez, podemos traçar um paralelo com Mazagão, que, durante o período filipino, foi um centro de comércio muito visitado pelos mercadores europeus, "atraídos pela segurança do porto, pela inexistência de barreiras alfandegárias na entrada das mercadorias e pela facilidade dada pelas autoridades no trato com os comerciantes mouros e judeus".[70]

De fato, se os espanhóis conseguiram conter a expansão portuguesa no atual território uruguaio, não conseguiram acabar com o contrabando em definitivo. Paucke assim descreveu o bloqueio que os espanhóis impunham ao povoado:

> "A mí me parece que los Portugueses viven tan estrechados y son mantenidos por los Españoles tan entre barreras como actualmente los judíos en nuestros países. Yo mismo he visto los centinelas en derredor de la ciudad; me pareció como si la ciudad

[67] PAUCKE, Florián, in: BARROS-LÉMEZ, Alvaro. *V Centenario en el Río de la Plata.* Montevidéu: Monte Sexto, 1992, p. 76.

[68] FARINHA, Antônio Dias. *História de Mazagão durante o Período Filipino.* Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1970, p. 67.

[69] MILLAU, Francisco. *Descripción de la Provincia del Río de la Plata*. Buenos Aires: Espasa - Calpe, 1947, p. 112.

[70] FARINHA, Antônio Dias. *Op. Cit.,* p. 55.

> estuviere bloqueada de continuo. No es posible que desde el lado de la tierra pueda colarse alguna cosa si - bien entendido - los centinelas no son pillos e intermediarios. Yo no sé si tal cosa ocurre pero es probable sea así".[71]

De fato, o campo de bloqueio espanhol, ao invés de impedir, contribuiu para o desenvolvimento do contrabando entre os súditos de Portugal e Espanha. A limitação do uso da campanha ao pequeno espaço permitido pelo campo de bloqueio impediu a retomada da produção agrícola e pecuária por parte dos habitantes da Colônia do Sacramento, que tiveram que buscar o abastecimento entre os espanhóis. A busca por gêneros alimentícios em Buenos Aires justificava a presença constante de embarcações portuguesas na cidade, que na maioria das vezes transportavam mercadorias de contrabando. Também era frequente a passagem de suprimentos e contrabando através da guarnição responsável pela manutenção do campo de bloqueio. Segundo Fabrício Prado: "Tal momento marca uma inflexão da estratégia lusitana. A Colônia do Sacramento, a partir de então, assumia a constituição de um porto comercial sem um entorno agrícola e uma possível moeda de troca por territórios de Espanha".[72] O que se concretizou no Tratado de Madri, pelo qual se previa a troca de Colônia pelas Missões.

A conturbada história de Colônia, principalmente depois de 1735, possui características específicas que a aproximam do cotidiano vivido pelos habitantes das Praças-fortes portuguesas na Índia e no Marrocos, pois lá, como no Rio da Prata, as feitorias e cidades fortificadas, que inicialmente se destinavam a controlar e proteger o comércio, não conseguiram expandir seu domínio pelo interior, onde encontraram forte oposição dos sultões e imperadores muçulmanos e, a partir de fins do século XVII na

---

[71] PAUCKE, Florián, in: BARROS-LÉMEZ, Alvaro. *Op. Cit.,* p. 76.

[72] PRADO, Fabrício. *A Colônia do Sacramento, o extremo sul da América portuguesa.* Porto Alegre: F. P. Prado, 2002, p. 53.

Índia, da temida confederação Marata.[73] Capistrano de Abreu não deixou de traçar um paralelo entre as experiências colonizadoras dos portugueses no Prata e no Oriente ao enaltecer a figura do governador Antônio Pedro de Vasconcelos durante o cerco promovido pelos espanhóis, dizendo que o mesmo "resistiu com um esforço e heroísmo que lembra algumas das mais belas páginas da história portuguesa na Índia".[74]

Heroísmo e fidelidade, mas também deserção, desespero e fome, foram sentimentos que marcaram a vida dos habitantes de Colônia, esse pequeno povoado onde a rede de tensões cotidianas não se restringia aos atritos intra-classes dos moradores, mas incluía as dificuldades de relacionamento com os habitantes dos arredores, os indígenas minuanos, charruas e guaranis e principalmente com os espanhóis, inimigos tradicionais dos portugueses. Essas características do cotidiano em Sacramento faziam com que o povoado fosse um temido local de degredo, imagem que os raros períodos de paz e a fertilidade da terra conseguiram apagar por alguns momentos.

De fato, a história da Colônia do Sacramento apresenta diversas facetas que foram diferentemente realçadas pelos historiadores de acordo com as suas próprias opiniões. Centro de contrabandistas, mas também posto avançado da fronteira, Sacramento é um tema fascinante pela sua história *sui generis* dentro do quadro do sistema colonial da América portuguesa, onde a riqueza estava na agricultura ou nas minas e as invasões estrangeiras constituíram-se em episódios isolados e inconstantes, ao contrário do que se dava na Colônia do Sacramento.

---

[73] ROSSA, Walter. *Cidades Indo-Portuguesas*. Lisboa: Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 96-97.

[74] CAPISTRANO DE ABREU. "Sobre a Colônia do Sacramento". Introdução a Simão Pereira de Sá. *Historia Topographica e Bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*. Rio de Janeiro, 1900, p. XXVIII.

Fontes impressas

BARROS-LÉMEZ, Alvaro (comp.). *V Centenario en el Río de la Plata: Pioneros, Adelantados, Caminantes, Fundadores*. 2.ª ed. Montevidéu: Monte Sexto, 1992.

Campaña del Brasil - Antecedentes Coloniales. Documentos referentes a la guerra de la independencia y emancipación política de la República Argentina y de otras secciones de América. Segunda série, dirigida por Carlos Correa Luna. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1931, tomo 1 (1535-1749).

DÍAZ BUSCHIAZZO, Marcelo. *Atlas de la antigua Colonia del Sacramento. Montevidoeo*: Campos de Honor, 2016

Documentos avulsos sobre a Colônia do Sacramento publicados pelos *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1977, vol. 1.

"Documentos sobre a Colônia do Sacramento". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n.º 99, pp. 41-117, III trim. de 1945.

"Documentos sobre a Colônia do Sacramento e o Rio Grande de São Pedro". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n.º 104, pp. 337-475, IV trim. de 1946.

Manuscritos da Coleção De Angelis: Tratado de Madrid - Antecedentes: Colônia do Sacramento (1669-1749). Introdução, notas e sumários por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1954.

MILLAU, Francisco. *Descripción de la Provincia del Río de la Plata* [1772]. Buenos Aires: Espasa - Calpe, 1947.

"Notícia práctica del sitio de la Nueva Colonia del Sacramento y demás operaciones de los enemigos desde el mes de septiembre hasta el 18 de diciembre de 1735, siendo Gobernador de aquella Plaza Antonio Pedro de Vasconcellos". *Revista Histórica*. Montevideo, tomo VII, nº 22, pp. 604-616, 1916.

LISANTI, Luís (Org.). *Negócios Coloniais (Uma Correspondência Comercial do Século XVIII)*. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão Editorial, 1973.

"Relación del Sítio, toma y desalojo de la Colonia nombrada del Sacramento, en que se hallavan los Portugueses desde el año 1680, en el Río de la Plata a vista de las islas de S. Gabriel". *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*. Montevideo, tomo VI, nº 1, pp. 197-206, 1928.

SÁ, Simão Pereira de. *História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata* [1737]. Porto Alegre: Arcano 17, 1993.

SYLVA, Silvestre Ferreira da. *Relação do Sítio da Nova Colônia do Sacramento*. Facsímile da edição de 1748. Porto Alegre: Arcano 17, 1993.

Bibliografia

ALMEIDA, Luís Ferrand de. *A Colônia do Sacramento na Época da Sucessão de Espanha.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973.

BARRETO, Abeillard. "A Expedição de Silva Pais e o Rio Grande de São Pedro". In: *História Naval Brasileira.* Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975, vol. 2, tomo 2, pp. 9-54.

BOXER, C. R. *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica.* Lisboa: Horizonte, 1977.

CANABRAVA, Alice Piffer. *O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640).* Belo Horizonte: Itatiaia - São Paulo: EDUSP, 1984.

CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid.* Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950.

FARINHA, Antônio Dias. *História de Mazagão Durante o Período Filipino.* Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1970.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *A Colônia do Sacramento (1680-1777).* Porto Alegre: Globo, 1937.

POSSAMAI, Paulo. *A vida quotidiana na Colônia do Sacramento.* Lisboa: Livros do Brasil, 2006.

PRADO, Fabrício. *A Colônia do Sacramento. O extremo sul da América portuguesa.* Porto Alegre, F. P. Prado, 2002.

RIVEROS TULA, Anibal M. "Historia de la Colonia del Sacramento, 1680-1830". *Apartado de la Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay.* Montevideo, tomo XXII, 1959.

RODRÍGUEZ, Mario. “Dom Pedro of Braganza and Colônia do Sacramento, 1680-1705”. *Hispanic American Historical Review*. Durham, vol. XXXVIII, nº 2, pp. 179-208, May, 1958.

ROSSA, Walter. *Cidades Indo-Portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

Diário dos sucessos da nova Colônia do sacramento, ou relação das ephocas em que foi povoada pelos portuguezes, dos sitios que lhe poseram os hespanhoes, particularmente o governador de Buenos Ayres, D. Miguel de Salcedo, Sendo governador da mesma o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos no anno de 1735.

Biblioteca Nacional de Portugal
Secção de Reservados, COD 1445

AUTOR(ES):	Silva, Silvestre Ferreira da, fl. 1748, autor incerto
ANT.POSSUIDOR(ES):	Congregação da Missão (Lisboa), ant. possuidor
PUBLICAÇÃO:	[depois de 1735]
DESCR. FÍSICA:	[136] f., enc. ; 20 cm
NOTAS:	Existe uma obra impressa com o tít.: Relação do sitio que o governador de Buenos-Ayres, D. Miguel de Salcedo, poz no anno de 1735 à nova colonia do Sacramento... / Sylvestre Pinheiro Ferreira. - Lisboa : Offic. de Francisco Luis Ameno, 1748, mas que é substancialmente diferente desta. Cf. com as observações da ficha do catálogo geral de manuscritos. É provável que este diário manuscrito tenha sido a base da obra impressa
	Dedicatória em verso, a Jozeph Martins [?] (risc.) (f. 1)
	Pert.: Ex libris Congregationis Missionis Domus Lisbonensis
	Cota antiga: E-2-39
	É da autoria de um militar da Praça da Colônia de Sacramento, provavelmente, Silvestre Ferreira da Silva
	Tít. retirado da ficha do catálogo geral de manuscritos. É provável que tenha sido extraído da primitiva f. de rosto do códice
	Tít. da lombada: Diar. Portug.
	Dois desenhos aguarelados, um do Governador da Colônia de Sacramento, Antônio Pedro de Vasconcelos (?) (f. I intercalado a f. 5) e armas da Colônia de Sacramento (f. II, no final)
	Enc. em perg.
TÍT. UNIF.:	Diário dos sucessos da Nova Colônia do Sacramento
	Relação das épocas em que foi povoada pelos portugueses...
ASSUNTOS:	Colonia (Uruguai) -- História -- Séc. 18 -- Diários -- [Manuscritos]
CDU:	989.9"17"(0.032)

Oitavas ao senhor José Martins
[riscado, borrado, com a mesma tinta]

Exlibris congregationis Missionis domus Lisbonensis
[escrito com outra tinta e outra letra]

Senhor, hoje aos vossos pés prostrado
Me pesa de não ser em tudo agudo
Porém ao meu tão baixo e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos oferecesse verso humilde e rude
Dirão que com lisonja é que peço
Mas é pela miséria que padeço

Mas depois que senhor tive tecida
Esta obra para que a ilustrasse
Ainda que de todos é sabida
Imaginando a quem dedicasse
Sendo em vós a grandeza conhecida
E basta que a experiência me mostrasse
Em vossas perfeições somente vejo
Ainda além cumprido o meu desejo
[1]

A vós só a vós senhor pois vos há dado
Brandura, mansidão, engenho e arte
De um espírito divino acompanhado
E sobre generoso em toda a parte
Em vós as graças todas se hão juntado
De vós em outras partes se reparte
Sois claro raio, sois ardente chama
Glória e louvor do tempo, asas da fama

Quisera ter agora um novo espírito
De forma que a todo mundo espante
Com que de vós senhor em alto grito
Em toda a parte mil louvores cante
Aceitai este diário mal escrito
Ainda tendo tão pouco de elegante
Bem sei eu senhor que em melhor modo
Louva vossa grandeza o mundo todo
[1v]

Foi povoada esta Colônia a primeira vez no ano de 1679[1] pelo governador Dom Manuel Lobo e, daí a quatro ou seis meses de estarem abarracados com um pequeno princípio de fortificação, mandou o Governador de Buenos Aires, cujo nome ignoro,[2] o sargento-mor daquela, Praça Fulano de Veras,[3] com um poder[4] de espanhóis e grande número de gentio[5] a desalojar os portugueses que, com efeito, tomou a terra, passando tudo à espada, morrendo no conflito o capitão de cavalos fulano Galvão[6] e vários oficiais e soldados, ficando prisioneiro o governador e os mais que escaparam. Em cuja ocasião se achou Francisco Tavares que, ao depois, foi alferes nesta mesma Praça e hoje se acha no Rio de Janeiro em uma roça no caminho das Minas, que é o que me consta ser inda vivo desse tempo.

Nesse mesmo ano mandou El Rei Dom Pedro,[7] que Deus tenha em glória, levantar 3 companhias: uma que veio [2] do Minho, cujo nome do capitão ignoro. E o alferes se chamava Manuel Luiz cujo [sic] foi morar no Rio em posto de sargento-mor da fortaleza de São João. E outra [companhia] que veio de Almeida e outra de Lisboa. Que todas juntas saíram daquela cidade em [0] dia de São Tomé, no ano de 1680, e chegando ao Rio acharam a notícia do caso sucedido e mandou-se aviso à corte.

Consta por tradição de que tenho notícia mandara Sua Majestade pôr prontas as suas tropas para fazer guerra a Castela. E correndo esta notícia, mandou logo embaixada a corte de Madri a

---

[1] Em 1679 D. Manuel Lobo assumiu o governo da capitania do Rio de Janeiro. Tinha como missão fundar uma fortaleza no Rio da Prata, onde chegou em janeiro de 1680.

[2] D. José de Garro.

[3] Mestre de Campo D. Antonio de Vera y Muxica.

[4] Poder: De dois exércitos, quando toda a Infantaria e cavalaria peleja se diz que dão batalha de poder a poder. BLUTEAU.

[5] O autor se refere aos índios Guaranis das Missões jesuíticas do rio Uruguai, embora eles não fossem propriamente "gentios", ou seja, pagãos.

[6] Capitão Manuel Galvão.

[7] Pedro II de Portugal. Príncipe Regente de 1668 a 1683, rei de 1683 a 1706.

Portugal por ter ainda as cicatrizes frescas[8] e se ajustou aí o tratado mensional[9] [sic] na era de 1681. E para o nosso soberano [se] acomodar foi necessário que El Rei católico oferecesse a cabeça do governador de Buenos Aires,[10] como consta de papéis antigos que se acham nessa [2v] cartaria da cidade de Lisboa. E, alcançando este o perdão, lhe foi concedida a vida. E logo El Rei, que Deus tem, mandou a Duarte Teixeira Chaves a povoar novamente e tomar posse da terra, com sua companhia o tenente do mestre de campo general Cristóvão Dorneles, para o deixar governando. E depois de tomar posse se retirou o dito Duarte Teixeira, cuja patente ignoro,[11] e o tenente general governou 9 anos. A este veio render Dom Francisco Nápoles,[12] que também aqui tinha sido prisioneiro, sendo soldado.

E a este veio render Sebastião da Veiga Cabral que, governando havia cinco anos por causa da guerra que se moveu pela morte de Carlos Segundo,[13] veio pôr sítio a esta Praça o governador de Buenos Aires, Dom Alonso Baldes [sic][14] em 18 de outubro de 17[0]4. E veio primeiro a pôr sítio o sargento-mor Dom Baltasar Garcia,[15] que se acha ainda vivo em patente de tenente rei, o qual lhe pôs 3 baterias tão chegadas à muralha que ficou uma da igreja do Rosário pra cá e outra [3] da parte do sul, aonde a

[8] Da recente guerra que a Espanha travara contra a França, que acabou após a assinatura do Tratado de Nimega (1678).

[9] Tratado Provisional (1681).

[10] Pelo tratado, o governador de Buenos Aires, D. José de Garro, deveria ser punido, mas foi indultado e transferido para o Chile, onde foi nomeado governador. Cf. SIERRA, Vicente D. *Historia de la Argentina (1600-1700)*. Buenos Aires: Editorial Cientifica Argentina, 4.a ed. 1981, p. 480.

[11] Duarte Teixeira Costa foi governador do Rio de Janeiro de 1682 a 1686. Foi encarregado pela Coroa para tomar posse do território onde D. Manuel Lobo fundou Sacramento e receber os homens aprisionados durante a conquista espanhola.

[12] D. Francisco Naper de Lencastre.

[13] A morte de Carlos II desencadeou a Guerra da Sucessão espanhola, na qual Portugal lutou ao lado do pretendente Habsburgo, Carlos, contra o pretendente Bourbon, Filipe.

[14] D. Alonso Juan de Valdés e Inclán governou Buenos Aires de 1701 a 1707. Cf. TÉLLEZ ALARCIA, Diego. *La Manzana de la Discórdia*. Montevideo: Torre del Vigía, 2006, p. 187

[15] D. Baltasar García Ros.

estacada fazia ponta, e outra para cá da horta do nosso mestre de campo, com linhas e ataques de comunicação de umas para as outras. E avançando 3 vezes a esta Praça nunca a levou, aonde de uma só vez lhe morreram três mil e tantos entre castelhanos e gentios. E durou o dito sítio de 18 de outubro de 17[0]4 em até 13 de março de 17[0]5.

E se largou a terra por falta de pólvora e bala e não por falta de gente. Também vieram 2 companhias de socorro da Bahia, capitão Manuel da Câmara e outra Luís Tenório de Molina, que mandou o senhor Rodrigo da Costa, governador do Estado [do Brasil], junto com outra que veio do Rio, capitão [3v] Jerônimo da Gama Salerno. E estas foram as que abriram a vala que vai do moinho de vento até diante de Nossa Senhora da Nazaré. E por falta de sucesso se retirou o dito governador com toda a guarnição, por não ter pólvora nem bala para se defender.

Largou-se a Praça em 15 de março do ano de 17[0]5 e esteve despovoada até outubro do ano de 1716, [em] que veio o governador Manuel Gomes Barbosa a tomar posse dela com 2 companhias de infantaria, sendo capitães delas João Gonçalves Vieira e Estevão Rodrigues de Azevedo, seus alferes João Gonçalves Macieira e Manuel Simões Porrates [?]. Governou este em até março do ano de 1722, que o veio render o senhor Antônio Pedro de Vasconcelos [4].

Em tempo que a Colônia se achava em universal sossego, estendendo o seu domínio entre a fertilidade do país; em tempo que se achava descuidada da traição que já lhe estava armada, depois de ter mandado o novo governador de Buenos Aires, Dom Miguel de Salcedo, repetidas embaixadas sobre as estâncias que se achavam fora, se divulgou uma carta que de Montevidéu escreveu o vigário daquela Praça a José Meira da Rocha,[16] que [a] recebeu em 9 de setembro do ano de 1735, em que lhe dizia que tinham os

[16] Principal comerciante de Sacramento naquela época. Consultar: POSSAMAI, Paulo. *A vida quotidiana na Colônia do Sacramento*. Lisboa: Livros do Brasil, 2006, pp. 352-362.

castelhanos feito presa em uma corveta de José de Barros Coelho que, deste porto saía para a cidade da Bahia, dizendo ser pelo contrabando que levava. Como também tinham represado outro patacho[17] vindo da dita cidade da Bahia, por alcunha o Pau de Pinho, achando-se para semelhantes registros dois navios espanhóis em a dita paragem de Montevidéu com o seu comandante, Alceiva [sic].[18]

Tendo o nosso governador notícia [5] da dita carta e da certeza de sua narração mandou logo, com a dissimulação possível, continuar a reforma das muralhas com tal sossego que as vizinhanças não viessem em conhecimento que se aprestava para guerras, mandando ao mesmo tempo fazer uma atalaia[19] fora da muralha, com alguma distância, para embaraçar a entrada na Praça.

Por outras notícias em que depois se alcançaram de que o governador de Buenos Aires se andava aprestando de petrechos de guerra, lanças, pás e picaretas, se resolveu o nosso governador lançar bando que assim a gente de guerra como de ordenanças acudissem a trabalhar, pôr faxina[20] na muralha. Ordenando ao

[17] Patacho. Navio armado de dois mastros com mastaréu de joanete no traquete e latino quadrangular com grave-tope no grande. CF. GODOY, José Eduardo P. de. *Naus do Brasil Colônia.* Brasília: Edições do Senado Federal, 2007, p. 676.

[18] Francisco de Alzáybar era um comerciante basco que conseguiu licença para comerciar com o Rio da Prata. Em troca, deveria transportar tropas e colonos e usar seus navios em caso de conflito bélico. Cf. ARAZOLA CORVERA, María Jesús. *Hombres, barcos y comercio de la ruta Cádiz-Buenos Aires (1737-1757).* Diputación de Sevilla, 1998, pp. 94-97.

[19] Atalaia. [...] Também chamamos *atalaia* a um pequeno reduto em alguma eminência, para descobrir algum movimento do inimigo, donde se fazem sinais com certo número de fachas [tochas], conforme o grosso dos inimigos, e se é de dia se faz o sinal com fumos, e o soldado se chama *vigia.* BLUTEAU

[20] Faxina. (Termo militar). Ramada em feixes que se lança nos fossos para os entulhar. BLUTEAU.

Faxina (fascine). O correspondente do século XVIII ao saco de areia; feixe cilíndrico feito com galhos de árvores e usado para fortalecer o interior de baterias ou trincheiras. LUVAAS, Jay. *Frederico, O Grande, e a arte da guerra.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001, p. 345.

sargento maior e comandante do terço,[21] Manuel Botelho de Lacerda,[22] fizesse logo vir o dito terço a executar as ditas faxinas.

E, no dia primeiro de outubro do dito ano, houve notícia certa de que o governador de Buenos Aires se tinha passado a esta banda com grande número de gente armada, pelo que determinou o nosso governador mandar montar as duas tropas e alguns soldados infantes, ordenando aos capitães de cavalo Inácio Pereira da Silva e Manuel [5v] Félix Correia [que] fossem tomar-lhe o encontro [n]a paragem chamada Vacas, donde o dito governador tinha desembarcado. O que se executou em o dito mês, sem efeito algum, pelo não [se] acharem já nesse sítio. E querendo o capitão comandante da dita cavalaria, Ignácio Pereira da Silva Chaves, com 30 soldados, a uma distância mais adiante de João Gonçalves, espanhol que algum tempo tinha servido de corregedor daquele distrito, aonde havendo alguma resistência do mesmo corregedor e alguns castelhanos que consigo tinha em os que havia de parte a parte se aprisionou o dito, ficando ali mortos 4 castelhanos, de cujo sucesso deu logo conta o dito capitão ao nosso governador, pedindo-lhe também ordem para o lugar onde havia de marchar. Enquanto lhe chegava a ordem, marchou com toda a cavalaria [a] caminho de São João,[23] por se dizer tinha o inimigo caminhado para nesse lugar. Chegaram ao referido [e] acharam ser falsa a notícia e, logo que neste tempo chegou a ordem do nosso governador, marchou para os arroios onde estiveram [6] alguns dias.

---

[21] Terço (termo militar). Corresponde ao que os romanos chamavam *Legio* e os alemães e franceses chamam *Regimento*. BLUTEAU.

[22] Manuel Botelho de Lacerda era natural da vila de Murça, em Portugal. Serviu na Guerra da Sucessão Espanhola na península ibérica. Em 1712 era sargento-mor da Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Em 1718 passou a Sacramento como sargento-mor do terço. Era responsável pelos contatos oficiais entre os governadores de Colônia e Buenos Aires. Tinha muitos interesses comerciais na região platina. Cf. PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento. O extremo sul da América Portuguesa*. Porto Alegre: L. F. Prado, 2002, pp. 175-177.

[23] A guarda espanhola do rio de São João foi instituída em 1683, a cerca de cinco léguas de Sacramento, para impedir o livre acesso dos portugueses à campanha.

Em todo este tempo não cessava o nosso governador [de] mandar espias e exploradores do campo a ver se podiam saber notícias do inimigo. E com certeza se não achavam, porque uns diziam ter passado para Montevidéu e outros que estava em o Arroio Grande, refirmando-se de que entre peões e índios Tapes[24] para nos vir cometer de repente, que depois o tempo mostrou ser certo.

Em 18 do dito mês, pelas oito horas da noite, um cabo de esquadra de cavalos, Domingos André, que se achava na estância de El Rei por cabo de uns soldados que andavam guardando o gado, deu parte ao nosso governador [que] era o inimigo já chegado à dita estância, com tanta ferocidade que, tomando todo o gado, que não era pouco, lançaram fogo aos ranchos, arrasando tudo o mais.

A nossa cavalaria se achava nesse tempo em os arroios, como acima fica dito, e o capitão comandante não se cessava de mandar exploradores a inquirir notícias do inimigo, como se colhe da carta abaixo que escreveu ao governador.

> *Carta do capitão Inácio Pereira [6v]*
> *Senhor Governador*
> *Foi Manuel da Silva como portador esta manhã a ver se alcançado o ajudante da Praça e chegando aos pântanos do Souza encontraram as carretas castelhanas que vinham pelo caminho que vem de João Antunes. Ficou Manuel da Silva na estância de Quintão, vendo se endireitavam para a dita ou para São João.*
> *O ajudante, se não tem chegado a essa Praça, factível [sic] será que o tenham colhido e do portador saberá Vossa Senhoria o demais e chegando o dito Silva passava a dar conta do que viu. Deus Guarde a Vossa Senhoria muitos anos. 19 de outubro de 1735. Inácio Pereira da Silva.*

Em 19 do dito mês, quarta-feira dia de São Pedro de Alcântara, vindo o ajudante da Praça, José de Morais, reconduzindo

[24] Geralmente o autor se refere aos índios Guaranis das Missões jesuíticas do rio Uruguai usando o termo "Tapes".

um pouco de gado com 8 soldados foi encontrado dos castelhanos. E como estes eram muitos, querendo rodear no meio, rompeu com as armas na mão e pelo meio do inimigo se escapou vindo a esta Praça com geral contentamento de todos, por ter corrido notícia [que] estava já prisioneiro, chegando também livres os 8 soldados. Nesse dia dormiu o inimigo na estância de Quintão. Em 20, quinta-feira, [7] pelas 9 horas da manhã, veio o inimigo, deixando-se ver com 9 carretas e 11 esquadrões de cavalaria, que carregaram à nossa até Nossa Senhora da Conceição, sobre quem a Praça e a atalaia fez fogo de artilharia. E, movido de ela se pôs em retirada, fazendo alto em Antônio do Rego e Manuel Duarte, aonde dormiu nessa noite.

Com o rebate deste dia acudiu à muralha toda a guarnição paga e ordenanças, pegando todos em armas. E logo fez o governador da Praça detalhe para guarnecer os postos com oficiais e gente que convinha para sua defesa. A nossa cavalaria se achava na tarde deste dia já perto da nossa muralha e aí esteve até que chegou a noite. E pelas 7 horas mandou o governador que se recolhessem à Praça, deixando fora uma ronda de 20 soldados e um alferes de cavalo, Antônio Pinto. E, sentindo estes, pelas 11 horas da noite, rumor do inimigo que os vinha cometendo lhe foi preciso recolher-se, seguindo a ordem que tinham, pelo que se lhe fez da muralha algum fogo de mosquetaria, disparando-se também do baluarte[25] de São João duas peças, [7v] uma do lava [sic] fosso e outra para a parte da campanha donde se sentia o inimigo. E assim se passou a noite com as armas nas mãos, com muita vigilância e cuidado.

Em 21, sexta-feira, foi visto o inimigo, pelas 11 horas do dia, marchar com tudo e [com] 13 carretas ao arraial de Vera,[26] aonde

[25] Baluarte. Uma obra avançada do reparo, delineada com quarto lados e três ângulos exteriores, além de dois, que forma com as cortinas. BLUTEAU.

[26] Conhecido pelos portugueses como arraial ou "arrebalde de Vera", e pelos espanhóis como "Real de Vera", o mesmo situava-se na margem oposta da enseada de Colônia, a cerca de cinco quilômetros da povoação portuguesa. O vocábulo "real" tinha então o sentido de campo militar e recebeu esse nome por ter servido de local de acampamento para as tropas de D. Antonio de Vera y

se aquartelou nas roças de Caetano do Couto, Francisco José e governador, levando também todo o gado manso do serviço dos moradores da Praça.

Em 22, sábado, ficou no mesmo sítio e houveram 3 fortes rebates na Praça, com a certeza de que marchava tudo outra vez sobre ela, dado pelas partidas. E o alferes Guerreiro que, mandou dizer, havia passado em Manuel Duarte e passo da lagoa 100 carretas e que ficava exposto com 8 soldados que tinha de guarnição na atalaia. Em fé do seu aviso se lhe mandou cravasse[27] a artilharia e saísse, deixando disposto [que] voasse[28] depois por um rastilho, o que se havia concordado fizesse logo. No dia 20 que se deixou o inimigo ver. Pela contrária opinião do governador se deteve até este [dia] e fez o rastilho seu efeito, justamente pela meia-noite.

Em 23, domingo, [8] ainda se deteve o inimigo no mesmo arraial e houve lugar para o governador mandar conduzir as duas peças que se achavam enterradas nas ruínas da dita atalaia. Mudou-se a pólvora, da igreja para a casa do capitão José de Oliveira; apartaram-se os cavalos Del Rei e se entregaram as cavalhadas a seus donos, para as cuidarem. Neste dia se soube por uma partida que saiu fora, de noite, que o inimigo estava cortando muita faxina.

Em 24, segunda-feira, não houve movimento senão continuarem-se as faxinas com grande aplicação. E com não menos cuidado nos havíamos de noite.

Em 25, terça-feira, pelo meio dia, apareceu uma embarcação e pelas quatro horas da tarde chegou ao ancoradouro e soube-se ser do Rio de Janeiro. Deu notícia que em Portugal não haviam guerras e que na dita cidade ainda se não sabia das que já se nos

---

Muxica durante o seu ataque a Colônia, em 1680. Posteriormente foi rebatizado Real de San Carlos. Cf. AZAROLA GIL, Luís Enrique *La epopeya de Manuel Lobo*. Madrid: Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, 1931, pp. 147-148

[27] Cravar a artilharia significava inutilizá-la.

[28] Voasse pelos ares, explodisse.

tinham movido. E trouxe o dito navio alguma pólvora e balas; e peças e petrechos de guerra e 30 soldados. Na manhã deste dia, veio desertado um português que tinha ido para Buenos Aires noutro tempo, [8v] e nos serviu de língua[29] para algumas coisas. Na mesma tarde se deixou ver da Praça um esquadrão do inimigo que, saindo de donde estavam alojados, vinham inquirir notícias de quem fosse o dito navio, segundo se inferiu do seu movimento.

Em 26, quarta-feira, não houve movimento algum. Somente se observou aparecer um esquadrão inimigo que andava rondando o campo, mas logo se retirou para o largo.

Em 27, quinta-feira, apareceram alguns esquadrões inimigos e houve quem contou sete. E logo se atirou peça de rebate para se recolher a gente que andava fora. E entendeu-se ser o dia em que vinham dar principio às suas trincheiras, mas pouco depois observou-se que iam ajuntando gado do nosso [pessoal], que nos tinham tomado no dia 20, e que, por ter nascido e criado na Colônia, lhe teria fugido. E assim o iam conduzindo para fora.

Em 28, sexta-feira, não houve movimento do inimigo e menos o houve nos dias 29 e 30 do dito mês.

Em o primeiro de novembro, de uma para as duas horas da tarde, se deixou ver um esquadrão do inimigo que, vindo seguindo alguns dos nossos, que andavam guardando gado e cavalos, que se tinha[m] [9] retirado para a Praça. E atirou-se logo peça de rebate para se recolher a gente que se achava fora [e] acudisse às muralhas, cada um a seu posto com as armas na mão, mas logo se retirou o dito esquadrão para fora.

Darei aqui conta ou relação, detalhe, que o governador da Praça fez de toda a guarnição da Praça, assim da infantaria e cavalaria como de todas as companhias de ordenanças para guardar a muralha e fortalezas.

Na praia do sul guarnecia o alferes de infantaria paga Teodósio Guerreiro com a companhia de ordenança dos moços

[29] Língua. Intérprete. [...] Tomar língua de alguém para informar-se de alguma coisa. BLUTEAU.

solteiros, que foram depois rendidos com a vinda do destacamento do Rio de Janeiro pelos dragões que vinham das Minas com o tenente Domingos da Luz e Souza. Seguia-se o capitão Teodósio Gonçalves Negrão. Laborava neste posto uma peça, ficando a outra, de [calibre] 24[30], no lugar abaixo dos moços solteiros já referido.

Mais acima demorava a cortina[31] do capitão Manuel de Carvalho com seu alferes e companhia, tendo também outra peça. [9v] Seguia-se mais acima o detalhe que se consignou ao capitão de cavalos Inácio Pereira da Silva com o seu tenente e alferes e companhia completa.

Mais acima ficava o capitão João de Abreu com seu alferes e companhia e com uma peça junto ao ângulo do baluarte.

No Baluarte da Bandeira residia o mestre de campo Manuel Botelho de Lacerda com mais gente de reserva. Fora da sua companhia de ordenança o capitão Manuel do Couto que, com peças que laboravam no dito baluarte na cortina entre os dois baluartes, guarnecia o capitão Manuel de Macedo Pereira com a sua companhia. E na mesma cortina, pegado ao Baluarte de São João, se achavam com sua companhia o capitão Antônio Rodrigues Figueira. No Baluarte de São João foram nominados o tenente general Pedro Gomes Figueiredo e o sargento maior da ordenança Jerônimo de Ceuta Freire, o capitão de ordenança Manuel Pereira do Lago, com sua companhia e vários agregados voluntários, e a maior parte [10] da companhia do sobredito capitão Antônio Roiz Figueira, com 8 peças.

---

[30] A libra (cerca de 490 gramas), que se referia ao peso do projétil, era o critério para o calibre dos canhões. Das peças maiores às menores as libras eram 33, 24, 16, 12, 8, 4, correspondendo aproximadamente à boca de fogo cujo diâmetro variava de 16,8 a 7,5 cm. Cf. GORI, Massimo. *Vauban e la difesa dela Francia.* Milano: Mondadori, 2007, p. 48.

[31] Cortina (temo da fortificação). É a parte do reparo com sua muralha de pedra ou cal, ou sem ela, que fica entre os flancos de dois baluartes. BLUTEAU.

Cortina (*curtain*) Porção do trabalho de uma fortificação que ficava entre os flancos de dois baluartes. Raramente tinha mais do que 220 metros de comprimento, alcance médio das armas de fogo daquele tempo. LUVAAS. Op. Cit., p. 344.

Abaixo do dito baluarte guarnecia o capitão de cavalos Manuel Teles Correia com sua companhia, em cuja companhia laborava uma peça de artilharia. No lugar da brecha guarnecia a companhia que foi [do] capitão João Gonçalves Vieira, regida por seu alferes José de Mascarenhas de Figueiredo.

No forte da praia de Nossa Senhora do Monte do Carmo assistiam ordenanças de várias companhias, tendo a seu cargo José de Meira Rocha e João Gonçalves Casão e o capitão João da Costa Quintão.

Pelas praias do norte, desde o forte até São Pedro de Alcântara, guarnecia[m] duas companhias dos pretos, regidos por Caetano de Couto [10v] Veloso e Silvestre Ferreira da Silva.

O forte de São Pedro de Alcântara guarnecia o capitão de ordenança José Ferreira de Brito com sua companhia e várias pessoas voluntárias, com 8 peças.

No forte de Santa Rita estava o alferes da ordenança João Correia com 30 homens e 4 peças.

Em 2 do mês de novembro, abrindo-se as portas da Praça pelas 7 para as 8 horas da manhã, foi saindo algum gado e cavalos que se tinham retido para pastarem pelas partes circunvizinhas. E os seus guardadores foram investidos de uma manga[32] de castelhanos no alto de Santo Antônio, que ali se achavam emboscados e que desapareceram 3 dos ditos guardadores. Supôs-se iriam prisioneiros, menos um, que vendo-se atirar-lhe um tiro [e] houve indícios de que o tinham morto.

E não houve mais movimento até o dia 5 do dito mês, sábado. Neste dia, indo o nosso bergantim[33] em guarda de uma

[32] Mangas de esquadrão. Na antiga milícia davam este nome aos lados imediatos ao que chamavam guarnição. As mangas eram sempre de arcabuzeiros e tinham esse nome porque, de ordinário, se faziam de modo de mangas compridas e estreitas. (...) Também em termos militares manga se forma por certo número de soldados e, neste sentido, se chama em latim *militium caterva* ou *turba*... BLUTEAU.

[33] Bergantim. Pequeno navio de baixo bordo e leve, para correr o mar. BLUTEAU.

Bergantim: antigamente era um navio de vela e remos, esguio e veloz, próprio para o corso ou para aviso. Tinha um ou dois mastros de galé e dispunha de 16 bancos com um remo por bancada. No

lancha Del Rei que ia conduzir faxina à ilha [11] dos Fornos, se chegou à ponta do arraial de Veras, aonde se achavam situados os castelhanos. E vendo alguns destes juntos lhe atirou 5 peças, movidos das quais marcharam obra de 300 do mesmo acampamento e vieram [a] caminho da Praça e tanto que dela foram vistos. Logo se atirou peça de rebate, assim para se recolherem os que andavam fora como para se prepararem para qualquer assalto, atirando-lhe ao mesmo tempo algumas peças de dois dos dois baluartes, que lhe não chegaram por irem longe. E logo se retiraram para o largo, mas a dois, que pareciam oficiais, e disse-se ser um deles o seu engenheiro, que vieram da parte do sul a observar o terreno e algumas coisas da Praça. Se lhe atirou do Baluarte da Bandeira uma peça, cuja bala, por se lhe dar na pontaria algum tanto de elevação, não fez emprego em um deles, que se desviou com se esconder com o pescoço do cavalo.

No dia 6 não houve movimento algum para com o inimigo. Neste dia apareceu um navio da parte de Buenos Aires e logo se viu vinha fazendo caminho [11v] da Colônia. Continuou-se este a dar fundo de fronte da Praça, aonde se inferiu ser o navio grande dos castelhanos, São Bruno, o maior dos dois que se achavam em Buenos Aires. E não se soube ao que vinha, tendo-se por suspeita, o que depois experimentamos ser certo, vir armado em guerra a pôr-nos sítio por mar, para nos dar para aquela parte ao mesmo tempo [em] que nos dessem por terra e embaraçar-nos o socorro por mar.

Em 7, segunda-feira, não houve coisa digna de memória mais que continuarmos as faxinas com todo o cuidado e aplicação possível para se acudir à grandiosa ruína com que se achava a Praça nas muralhas. Não sendo menor a vigilância de noite, assistindo cada um em seu posto com as armas na mão e prevenção necessária.

---

século XVIII seu porte aumentou, passando a dois mastros e armamento de 16 a 20 peças de artilharia... GODOY. Op. Cit., p. 663.

Em 8, terça-feira, pela uma para as duas horas da tarde, andando alguns dos nossos por fora das muralhas, pastando algum gado e cavalos [12], lhe saíram uma manga de índios Tapes e Pampas, gente que o inimigo tinha conduzido, que os obrigaram a fugirem para debaixo [do alcance] da artilharia, trazendo cada um poucos cavalos e gado que ainda havia. Em cuja ocasião um dos ditos guardadores, que se achava mais avançado, vendo que os ditos o seguiam pertinazes, posto em fugida disparou a carabina[34] em um que ao mesmo tempo voltou para trás e logo os mais fizeram o mesmo.

Em 9, quarta-feira, pelas nove para as dez horas do dia, foram vistos alguns ginetes do inimigo que, a três e a quatro, faziam vários movimentos não muito longe da nossa Praça. Atirar[am]-se-lhe algumas peças dos dois baluartes e de um forte no fim da muralha, da banda do norte de Nossa Senhora do Monte do Carmo. E de uma que se lhe atirou do Baluarte de São João dizem que, fazendo-se o ponto a 3 que se achavam unidos fora [foi] visto um cair e não se soube se ferido ou assombrado da bala. Neste dia se soube [12v] que o inimigo estaria dando princípio a uma estrada encoberta em uma casa que algum dia tinha sido de um Sampaio, sita em um alto, diante de Nossa Senhora da Conceição, pelo que se continuou da Praça com alguns tiros de artilharia a derrubar a dita casa. E, pela uma para as duas horas da tarde, disparou o inimigo 3 peças de [sic] detrás da dita casa, com algum espaço entre uma e outra, pelo que inferimos ser uma só, para cuja parte se lhe atiraram alguns tiros, sem que eles atirassem mais.

Em 10, quinta-feira, se não pôde observar o que o inimigo fazia por não ser possível sair pessoa alguma da Praça que se não esperasse o evidente perigo de ser colhido, por se achar já o inimigo muito perto, além de não haverem já cavalos nem outro gênero de gado que se levasse a pastar. Por suspeita [que] se teve

[34] Carabina. Deriva-se do francês (...), que são uns arcabuzeiros a cavalo. BLUTEAU.

[que] iria continuando a dita estrada e [por isso] se fizeram alguns tiros de artilharia. Ainda que [os inimigos] não apareciam [13v] muito, não se soube se era receio da [nossa] artilharia ou para melhor fazerem o seu intento.

No mesmo dia, pelas onze horas, se viu sair uma lancha do navio do inimigo, que se achava dando fundo, fazendo caminho da praia da lagoa do Vicente. Se lhe atirou do Baluarte da Bandeira 3 tiros com um falconete[35] de bronze, que lhe não chegaram as balas por ser bastantemente [sic] longe. E chegou sem impedimento à dita praia por estarem já senhores do campo. Retificou-se nesta tarde ser certa a estrada encoberta que atrás dissemos. Davam princípio da sobredita casa do Sampaio e que vinham com ela ao quartel que algum dia tinha servido à cavalaria. E, por isso, em toda a parte da noite se gastou em se lhe atirar artilharia aplicada para a mesma estrada e casa, por se conhecer que dela [13v] saía o provimento para os trabalhadores, ainda que de dia se observava darem-se-lhe algumas balas. Nem por isso deixaram de continuar abaixando-se na altura da dita estrada a que davam princípio. De noite observou-se que, por cima da dita estrada, ia[m] pegando cordões de faxina, cujas pancadas se ouviam claramente de dia e de noite. Melhor e não se pode saber nem conhecer o seu intento, mas pela forma [d]o sítio da Praça supôs-se ser estrada para por ela se avizinharem à Praça.

No dia 11, sexta-feira, em que ia o inimigo continuando com a sua estrada, aonde se lhe atiraram algumas peças pela manhã. E pelo decurso do dia se viu saírem alguns ginetes e gente de pé das casas dos Casais do Norte,[36] subindo pela banda do moinho de vento e tomarem para a baixa do Quintão. Suspeitou-se ser um

[35] Falconete. Peça de artilharia, mais pequena que a peça a que chamam falcão. BLUTEAU.

[36] Depois da devolução de Sacramento ser garantida aos portugueses pelo Tratado de Utrecht, de 1715, a Coroa enviou para povoar a região sessenta casais de lavradores da província de Trás-os-Montes. Fora do recinto murado, o governador Gomes Barbosa distribuiu terras aos colonos, criando dois bairros, sendo que um passou a chamar-se Casais do Norte e o outro Casais do Sul. Cf. POSSAMAI. Op. Cit. pp. 257-266.

deles o seu engenheiro, que andaria observando o terreno no decurso destes dias. Se lhe fizeram vários tiros [14] e passou-se a noite com algum silêncio e muita vigilância e cuidado, assim nas muralhas como nas marinhas, trabalhando-se sempre com toda a aplicação, cada um em seus postos para os reformarem dos parapeitos, ficando de noite com as armas na mão.

Em 12, sábado, não houve movimento de parte a parte mais do que atirarem-se algumas peças aos que se viam trabalhar na estrada que vinham fazendo. Porém não se soube se lhe fazia algum destroço, ainda que se divisava darem algumas balas na terra, com que se iam cobrindo. E a maior razão de lhe não fazerem mais dano era porque este sítio ficava superior às nossas muralhas e com pouca cava se encobriam das nossas balas. Já neste dia se viu tinham passado com a referida estrada à capela de Nossa Senhora da Conceição e vinham continuando com toda a força. Esta estrada não era direita para a Praça [14v] mas de esguelha, para na paragem de onde lhe não fizesse feição observarem a mesma proporção, caminhando para a outra banda, em ordem a cobrirem-se melhor da artilharia.

Em 13, domingo, se observou [que] formava o inimigo uma bateria pouco abaixo de Nossa Senhora da Conceição, fazendo-a em forma de meia lua, aonde se lhe fizeram alguns tiros e com bons pontos, entre os quais foi um louvável, em que dizem caíra um que ia carregando uns cordões de faxina, com uma peça de ângulo do Baluarte de São João. E não se soube de mais destroço porque não era possível colher-se à Praça quem nos noticiasse do que lá se passava.

Em 14, segunda-feira, pelas oito horas da manhã, deu uma sentinela da muralha parte [15] [que] vinha um homem da parte dos Casais do Norte. E, chegando aos pés da porta, disse, em língua que mal se entendia, que queria subir. Botou-se-lhe logo um cabo e, no mesmo tempo em que se ia metendo em uma laçada, acudindo alguma gente aos parapeitos da muralha, se viu desapegar-se o tal e botar a fugir sem outra causa. Quiseram

alguns da muralha logo atirar-lhe, o que outros não consentiram, entendendo que viesse, chamando-o. E, continuando na fugida, se lhe atiraram 3 tiros, que lhe não deram as balas por ir já longe. Em seu seguimento foram 3 soldados que se lançaram abaixo da muralha e, não podendo-lhe dar alcance, se voltaram outra vez para a Praça. E não se soube quem seria este homem e, fazendo-se vários [15v] juízos sobre esta sortida, parece mais acertado dizer-se seria algum doido ou privado do juízo com alguma bebida, porque pelo feito se conhecem as causas.

Deu-se logo parte ao governador deste sucesso, o qual mandou que o capitão Antônio Rodrigues Figueira saísse com a sua companhia e mais o alferes Silvestre Teixeira e o sargento Brás dos Santos. E debaixo da nossa artilharia visse se podia reconhecer o campo do inimigo e se teria dado princípio a alguma mina. E na dita execução foi buscado de grande número de cavalaria, motivo que o obrigou a retirar-se para dentro, por levar ordem do governador que em desigual partido se retirasse, por não ser conveniente expor-se a perder gente, sendo necessária para a guarnição e defesa da Praça.

No decurso deste dia se fizeram alguns tiros de artilharia à dita estrada que os inimigos [16] recebiam, deixando-se cair em terra, e logo se levantavam, para continuar com o seu trabalho e condução das faxinas para a sua obra. Para este fim se principiou da nossa Praça a fazer alguns enganos, pondo um pouco de pólvora seca em cima de uma peça e dando-lhe fogo. Entendendo o inimigo que era peça se abaixaram, disparando-se 3 ou 4 juntas, aplicadas para o mesmo lugar, a tempo que já se iam levantando. E com este invento se supôs lhe faríamos algum estrago.

De tarde apareceram da banda de Buenos Aires algumas lanchas que, por se verem muito longe, se não contaram, e faziam caminho do arraial de Veras, donde o inimigo fez o primeiro acampamento como atrás dissemos.

No seguinte dia 15 do dito mês, terça-feira, logo pela manhã, apareceram as lanchas dos inimigos que da sobredita paragem

vinham [16v] costeando a nossa Praça. E com[o] duas [lanchas] de dois navios nossos que se achavam no porto tivessem ido à ilha de São Gabriel a conduzir faxina com o nosso bergantim de guarda, foram logo vistas das ditas lanchas que, nessa ocasião, contavam-se oito. E fizeram caminho da dita ilha para lhe darem caça a tempo [em] que se achava o nosso bergantim dado fundo. Mas assim que viu o desígnio deles cuidou em levantar-se e comboiar as duas nossas até que as meteu de dentro. Os castelhanos não [o] deixaram de buscar. Porém ele, bordejando por seu barlavento, atirando-lhe de vez em quando peças, com uma que levava pela proa, só tratava em acudir as duas [lanchas] nossas, recolhendo-se com elas por ter ordem que em partido muito desigual não cometessem temeridades.

Logo os castelhanos se fizeram no mar [a] caminho do seu navio que, como dissemos, se achava dado fundo de fronte [17] da nossa Praça, onde lançaram ferro, postos em linha. Neste dia não cessou a nossa artilharia em atirar bastantes e famosos tiros, fazendo-se admiráveis pontos aos que trabalhavam na referida estrada, dos quais se julgou matamos alguma gente. Mas era tal o empenho com que trabalhavam que, com verem tanta imensidade de balas e matarem-lhe [sic] alguns nunca desistiram, antes se deixaram ver mais aplicados. E até o presente lhe não vimos nem recebemos tiro algum. Todas as noites, da nossa muralha, se ouviam as pancadas dos malhos com que pregavam cordões. E nesta noite ainda melhor por se acharem perto.

Em 16 do dito mês, quarta-feira, vindo-se recolhendo ao tocar da alvorada uma patrulha que de noite se costumava botar fora, avistaram alguns [17v] castelhanos que se supôs terem saído a rondar. Foram os nossos a eles e um que se tinha adiantado, escondido, avistando um [inimigo], que lhe pareceu Tape, lhe atirou um tiro, ficando ali caído, segundo se divulgou. E logo se retirou para a Praça juntamente com os mais, por verem [que] vinham sobre eles grande número de castelhanos a cavalo. Aos quais se lhes disparou uma peça com bala miúda, de que se viram

cair de certo dois, mas, pelo bom ponto que se fez, se supôs seriam mais. De tarde se puseram todas as referidas lanchas em linha, entre a ilha de São Gabriel e a dos Fornos. E, lançando uma pela ponta da dita ilha de São Gabriel, deram com ela princípio a canhonear os nossos navios que se achavam no ancoradouro, os quais galantemente com o nosso bergantim também lhe atiravam repetidas peças às lanchas.

Chegou a noite e, segundo algumas circunstâncias que se observaram [18], supusemos que o inimigo nos avançaria por terra e mar, pelo que houve grandiosa vigilância, assim na muralha como na marinha e mais partes necessárias. E pelas 10 horas da noite deram parte as rondas de fora que, pela parte do sul, tinham ouvido grande rumor de gente que, pouco depois conheceram serem obra de 40 índios. E mandou-se de dentro da dita nossa ronda que se desviasse daquele sítio e se deu fogo a 3 peças com bala miúda, aplicadas para a mesma parte. Neste dia chegou o navio pequeno dos castelhanos e deu fundo ao pé do grande.

Em 17, quinta-feira, continuaram da ilha em atirarem vários tiros para os nossos navios. E dando-se parte ao governador de que as balas poderiam fazer algum prejuízo, mandou [que] se retirassem bem para junto de São Pedro [19] de Alcântara, donde experimentavam as mesmas balas de um forte que tinham feito na sobredita ilha, da banda da Colônia. Neste dia continuaram a mesma diligência com uma peça que puseram junto às casas de Sampaio donde, atrás dissemos, tinham dado princípio a sua estrada encoberta. De manhã deste dia chegou um bote de Buenos Aires com nove homens, 7 portugueses, dos quais 2 eram dos que mantinha o inimigo apanhado em o dia que cometeram a Praça e os mais marinheiros da corveta de José de Barros Coelho, que tinha saído deste porto e se tinha represado em Montevidéu. E também vieram 2 castelhanos que, uns diziam que vinham fugidos pelo aperto em que os tinha posto o seu governador na condução da gente para esta banda e outros que tinham vindo a fazer [19]

negócio, que para cautela se mandaram encerrar em uma casa sem que pudessem sair fora.

Deram notícias que em Buenos Aires se tinha espalhado que na Colônia tinham morrido 200 homens em o dia 20 de outubro e que tinham lançado em terra muitas casas e a matriz com granadas reais. E que estas notícias tinha dado o seu governador quando voltou à dita cidade de Buenos Aires a refazer-se do necessário para a execução das suas baterias e do sítio que pretendia continuar. Sendo tudo isso falso e só se pode atribuir o faria para os animar mais naquela cidade, porque ainda até esse dia nos não tinha lançado granada alguma nem ainda peças mais que as que nesta ocasião nos tinha atirado da dita ilha e casa do Sampaio. Que por todas seriam 15, sem prejuízo algum, por virem de longe [e] por elevação.

Deram mais notícias que na dita cidade se dizia [19v] que, pela consternação em que se via a Colônia tardaria o seu socorro, digo o seu rendimento,[37] pouco mais de oito dias e, quanto muito, quinze. E que [no] dia de Nossa Senhora da Conceição dissera o seu governador que havia de festejar a Senhora na matriz da Colônia. O tempo mostrará que ou nós nos enganamos ou eles, como depois se viu. Os nossos 2 navios, receosos de que viessem as 8 lanchas de noite cometê-los, se mandaram para defronte da fortaleza de São Pedro de Alcântara, por ordem do nosso governador, para também serem ajudados da artilharia da dita fortaleza.

Em 18 se viu, de manhã, ir o inimigo continuando a sua estrada, fazendo com ela outro caminho, por que chegando o dia antecedente à rocinha do Reverendo Padre Vigário Manuel Pimentel Rodovalho, continuavam-na atravessando para a chácara que foi do gentil homem da artilharia, fazendo direitura para a parte do sul, para o qual se lhe atirou dos dois baluartes [20],

[37] Rendição.

desde a manhã até a noite, para cima de 50 tiros, com artilharia de [calibre] 4 e 8 e 12 e algumas de 24.

Nesta manhã mandou o governador da convocar todos os oficiais de guerra pagos e ordenanças para conselho de guerra sobre os 2 navios que se achavam defronte da fortaleza de São Pedro de Alcântara, para se resolver o que melhor conviesse. Havendo vários votos de que era conveniente encalharem-se para [que] com a sua gente se guarnecerem as marinhas e outros diferentes pareceres tão faltos de bom acordo como os primeiros. Concordaram 2 capitães de infantaria com o parecer do governador e foi que depois de todos darem os seus pareceres disse o dito governador que o seu era de se guarnecer a galera de Lisboa com mais alguma infantaria da Praça e alguma gente do mar do navio Caramogipe, [sic] metendo-lhe mais alguma artilharia, porque armada assim em guerra [20v] sempre embaraçava ao inimigo caso que nos buscasse também por mar. Também se assentou em junta que não convinha ir-se buscar os 2 navios castelhanos, por não haver certeza da vitória e ser mais conveniente conservar a Praça, [o] que bem se poderia fazer com a chegada do nosso socorro.

Em 19, sábado pela manhã, mandou o nosso governador [que] o capitão da infantaria Manuel de Carvalho, com 50 soldados e um sargento, se embarcasse para a dita galera de Lisboa. O que logo fez, levando regimento e ordens necessárias, como é costume. Para cujo navio foi nomeado o capitão Miguel da Silva, que nesta Praça se achava com patente de capitão de mar e guerra *ad honorem*. Também nesta manhã se dispararam do Baluarte de São João obra de 10 ou 12 tiros com peças de [calibre] 24 a derrubarem algumas casas da parte de fora, que sendo nossas [21] serviam ou poderiam servir de padrastos[38] ao inimigo.

[38] Padrasto: monte, colina ou qualquer lugar alto donde se pode assentar a artilharia do inimigo para bater a fortaleza ou cidade descortinada e dominada do dito lugar. BLUTEAU.

Nos Casais do Sul, da parte de fora, mandou o nosso governador arrasar todas as casas que poderiam servir ao inimigo e a nós só prejuízo, lançando-se abaixo as de telha e queimando-se as de palha, para o que saíram da Praça alguns soldados com seus oficiais para guarda dos aparentes. E vendo o inimigo este intento não esperou que o fizéssemos também às do Norte, porque logo se viu irem lançando abaixo e queimando as casas que se achavam mais vizinhas da Praça. O que faziam mais de noite que de dia, com receio do nosso fogo e só as [casas] do tenente general que as mandou ele deitar abaixo antes que o inimigo o fizesse, com aproveitamento das madeiras ou servir-se delas para nos fazer alguma oposição.

Na noite seguinte fugiram 2 [21v] marinheiros para o inimigo, do nosso bergantim, um francês e outro inglês, em um bote do dito bergantim, levando consigo um português enganadamente [sic], dizendo, quando se embarcavam, que vinham para a terra. E passando a Praça quis um deles matá-lo, o que o outro não consentiu, pelo que concordaram antes botá-lo ao mar e a nado se chegou a terra. E, querendo buscar a Praça, intentou fazê-lo pela praia. E, sendo sentido dos castelhanos, lhe foi preciso meter-se na água até o pescoço. E assim veio até chegar ao forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, aonde o receberam e contou o sucesso.

E tendo o nosso governador já alguma suspeita dos outros que ficavam a bordo do dito bergantim ordenou que, no dia seguinte, 20 de novembro, do dito ano, viessem presos todos os ingleses que se lhe tinha metido, para que não executasse[m] direção em ocasiões [22] de maior sentimento. E, com o mesmo bergantim, neste dia se observou não trabalhar o inimigo nas referidas obras e não se soube o motivo.

Nesta noite tivemos um grande alvoroço nas muralhas, porque, atirando a nossa ronda de fora, se passou com muito cuidado com as armas na mão cada um em seu lugar, preparando-se também todo o fogo de granadas, panelas [sic] e mais

necessário para se botarem em os lugares determinados e onde fosse necessário.

Em 21 se deixou ver o inimigo continuando no seu trabalho, mas não com muita pressa. E desta vista e do que se observou a ronda de noite se teve suspeita se tinha o inimigo advertido a outro movimento e de certo se não sabia. Ao que porque uns diziam que tinha acudido a Montevidéu, para fortificar, e outros que pretendia levar-nos [22v] com minas, que depois o tempo mostrou ser falso. Nesta tarde mandou o nosso governador sair fora o capitão João de Abreu e o alferes Manuel Lopes Lima e 48 soldados a desfazer algumas casas que se achavam junto da muralha da banda do norte. E executando-se esta ordem pretendeu o inimigo embaraçá-los com alguma mosquetaria por detrás de uns cardos, abaixo da roça do Reverendo Padre Vigário, [a]o que o dito capitão fez frente, dando algumas cargas de mosquetaria para o dito lugar, reparado com as mesmas casas e se lançaram abaixo duas moradas. E, perto da noite, crescendo o inimigo com mais força, se retirou o dito capitão para dentro da Praça, sem prejuízo de pessoa alguma. Na tarde deste dia, se fizeram ao inimigo obra de 40 tiros de artilharia com peças para diversas partes.

Em 22, pela manhã, trouxe a nossa ronda de fora um inglês desertado dos castelhanos que, nesta ocasião, se achava a bordo dos seus navios. E deu algumas notícias do inimigo, que se observou [23] não continuar com aplicação no seu trabalho.

Em 23 de mesmo mês, depois da alvorada, vindo-se recolhendo a ronda e, saindo de um barranco donde tinham passado a noite, lhe saíram alguns ginetes. E, voltando caras, deram fogo as suas espingardas, mas como viram serem para cima de 10 e virem grandioso número deles atrás, se puseram em retirada. Dos quais três, um por nome Inácio Rangel, filho do Rio de Janeiro, não lhe consentindo o ânimo o retirarem-se, se foi a eles, persuadindo-o os dois que o não fizesse por serem os inimigos muitos, insistiu no intento e, chegando a tiro, descarregou todas as

suas armas, matando um e logo puxou por uma catana[39] para se defender dos que vinham já sobre ele com lanças. E pelejando com valor foi sempre [sic] morto com 7 lançadas. E, saindo da Praça um corpo de gente a tempo que já [23v] o inimigo se tinha retirado, chegando à dita paragem, conduziram o cadáver para se lhe dar sepultura. Mas, antes de se porem em retirada, avançando-se algum tanto mais a diante, houve de parte a parte algum fogo de mosquetaria e dos nossos baluartes se dispararam 3 peças, com balas mestra e miúda, ao corpo de gente do inimigo, de que disseram se tinha visto cair 7 e 2 da nossa mosquetaria fazem 9, e dos nossos morreu só o sobredito em que já falamos que, segundo o fogo que recebeu a dita ronda, foi grande felicidade. Na manhã deste dia se observou tinham continuado muito na noite passada em uma bateria que tinham dado princípio abaixo de Nossa Senhora da Conceição, por onde vinha a dita estrada encoberta, por que já se via altear muito o parapeito [24] e já formadas as canhoneiras. Fizeram-se-lhe alguns tiros com peças de artilharia.

Do referido inglês, que atrás falamos tinha fugido para cá, se soube que os castelhanos tinham recebido bastante destroço em sua gente e que tinha o inimigo feito hospital no moinho de água da lagoa do Vicente, aonde tinha muitos feridos de pernas e braços quebrados e outras feridas de perigo, fora mortos que tinha enterrado.

Em 24 do dito mês, depois de ser dia claro, apareceu um esquadrão de cavalaria do inimigo, que se deixava ver saindo de uma baixa, à qual se lhe atirou 3 tiros com balas de artilharia que os obrigaram a retirar-se para a campanha. E em todo este dia não houve mais novidade que tirarem-se obra de 15 ou 20 tiros de artilharia a várias [24v] casas dos Casais do Norte, por se virem terem entrado nelas alguns dos inimigos e outros, ao ataque dos quais foi célebre um que, fazendo-se-lhe o ponto a um montão

[39] Catana. Alfange, terçado. Alfange. Espécie de cimitarra, cutelo largo e curto ao modo de foice, exceto que tem o corte pela parte convexa. Terçado. Espada larga e curta assim chamada por lhe faltar a terça parte da de [sic] marca. BLUTEAU.

deles que vinham carregando faxina para cima dos parapeitos, lhe levou a bala 2 cordões pelos ares. E observando-se neste dia viver o inimigo muito acautelado da nossa artilharia porque trabalham, de antes, de dia e de noite nos seis ataques e mais obras agora o não faz[em] senão de noite.

Em 25 do dito mês não houve movimento algum de parte a parte mais que continuarmos com grande cuidado e aplicação nas faxinas de dia e de noite, assistindo todo o militar e ordenanças nas muralhas e baluartes com as armas na mão e prontas para qualquer assalto do inimigo. Neste dia mandou o nosso governador contar as balas de artilharia [25] que havia na Praça e acharam-se 13 mil e tantas, em cuja ocasião se averiguou terem-se gasto em tiros ao inimigo 800 balas de artilharia de 20 de outubro até este dia.

Quando vieram de Buenos Aires aqueles portugueses e castelhanos fugidos em um bote, como atrás se referiu, entre as notícias que deram foi que o inimigo [tinha] trazido pouca pólvora e se achava com 50 quintais, 2000 mil [sic] balas e 500 granadas reais. Nesta noite se dispararam 20 peças apontadas para o sobredito ataque, por se ouvir andavam nele trabalhando e pregando cordões de faxina.

Em 26, depois do meio dia, atiraram os inimigos da ilha 3 peças, encaminhadas as balas aos nossos navios, sem prejuízo deles por estarem longe e virem por elevação. Da nossa muralha se dispararam algumas peças ao ataque do inimigo que andava [25v] edificando abaixo do sítio de Nossa Senhora da Conceição, o qual iam fazendo em forma de meia lua. E não se sabe o intento do inimigo, mas sempre se conhece é para nos bater, ficando-nos a dúvida se será para abrir brecha ou para destruir as casarias daquela banda, mas foi para ambas as coisas como depois se viu.

Nesta noite se observou [que] trabalhava o inimigo com grande força, dando princípio a outro ataque, mais perto da Praça, abaixo do moinho de vento de Manuel Jorge. Para o estorvar se lhe atiraram obra de 15 balas do Baluarte de São João e mais [da]

muralha da banda do norte, as quais se atiravam com algum intervalo entre uma e outra. E não se soube se faziam efeito, por serem [sic] de noite, e não se puderem fazer as pontarias direita, muito mais tanto que se disparava a peça sessavam as pancadas dos malhos [26] com que batiam as faxinas.

E no dia 27 não houve novidade e só se observou a grande força de seu trabalho porque, não obstante o ser domingo, se via continuar fortemente no segundo ataque, aonde se lhe atirou 10 ou doze peças.

Em 28 do dito mês, pela manhã, querendo o capitão dos moços solteiros, João da Costa Quintão, sair fora da Praça a conduzir alguma madeira das casas que se achavam já queimadas e arruinadas das nossas balas e de alguma gente do inimigo, que vinha de noite queimar e arrasar, foi o dito pedir licença ao governador. E dando-lhe, saiu com 20 homens, que logo foi visto dos castelhanos, pelo que lhe começaram a atirar com alguma mosquetaria, sem nos ofender pessoa alguma. E vendo que com a dita mosquetaria não embaraçavam os nossos, por estarem longe, abriram as canhoneiras que eram 4 do ataque de Nossa Senhora da Conceição, com duas peças [26v] que já tinham montadas. Começaram a bater a Praça, atirando até o jantar 24 tiros; outros dizem que 30, com pontaria para as várias partes, sendo [que] os principais buscaram a porta do norte, aonde deram algumas sem ruína e juntamente o colégio [dos jesuítas].

E foi célebre o prodígio de uma bala que, entrando na capela, foi direita ao nicho em que estava São Francisco Xavier. E dando-lhe pelo resplendor lhe botou fora e fez com a força, ou vento, virar o santo para a parede, caindo a bala ao pé, que depois se apanhou e se pesou por curiosidade. E era de [calibre] seis. E todas que até este dia nos têm atirado eram de 6 e 8. Do Baluarte de São João e mais muralha daquela banda se lhe fez algum fogo, com obra de 26 peças, entre as quais foram louváveis três tiros, embocando-lhes [sic] as balas pelas canhoneiras. E sobre a noite caiu-nos um pedaço de [27v] muralha no ângulo do Baluarte de São João, donde

principia a cortina do norte, cuja se achava já arruinada com o estrondo de uma peça que no mesmo lugar laborava. E porque da dita ruína ficou uma brecha aberta foi necessário mandar-se alguma gente na noite seguinte a guardá-la da parte de fora. E mandou o governador da Praça ao sargento maior, comandante do terço, Manuel Botelho de Lacerda, que nomeasse um capitão e alferes e 2 sargentos, 48 soldados. E foram neste dia o capitão da infantaria José de Oliveira, alferes Pedro Frutuoso, sargentos Matias Francisco Tibau e Lourenço Francisco Coelho, aonde estiveram toda a noite com as armas na mão, arrimados a uma estacada que principiava na muralha e ia acabar no baluarte novo, para impedir os inimigos caso [27v] que intentassem investir aquela ruína. Nessa mesma noite se trabalhou com muita força para se limpar e dividir a pedra e faxina e dar-se-lhe o remédio no seguinte dia, como permitisse a ocasião. E se observou trabalhar o inimigo até às 2 horas da noite com grande força, pois não cessavam de bater estacas.

Em 29 do dito mês, além de se operar na faxina geral, cada um em seu distrito, continuou-se com grande aplicação e cuidado no conserto da dita ruína. E por mais diligência que se lhe fez não se pôde vencer e ficar neste dia concluída, pelo que foi nomeado capitão de infantaria Plácido Alves e o alferes João de Macedo para, com o mesmo número de gente, defender o mesmo lugar na sobredita estacada. Em todo o dia [28] não houve movimento algum entre nós e o inimigo mais que sobre a tarde atirarem-se do Baluarte da Bandeira 4 peças aos que trabalhavam no dito ataque. E viu-se claramente haver destroço neles, porque fazendo-se-lhe por várias vezes enganos com pólvora sobre a peça, cuidando ser fogo da dita peça se abaixaram e, levantando-se, dispararam os nossos as peças, caindo as balas no meio deles. Ao certo não se sabe os mortos e feridos, mas supôs-se serem de 3 para cima, pelo que nessa ocasião se observou. Conhecendo-se porém serem Tapes, índios que Dom Miguel Salcedo, governador de Buenos Aires, tinha mandado baixar às Missões, lugar donde habitam, para

reforçar o sítio da Colônia. Estas peças foram dos melhores tiros que em até este tempo se tinham feito.

Em 30 do dito mês, dia de Santo André, pela manhã, digo, pela uma hora da tarde, foi nomeado o capitão de infantaria Teodósio Gonçalves Negrão [28v] e [o] alferes Silvestre Teixeira, sargentos e 66 soldados para, armados, irem arrasar umas moradas de casas sitas ao pé da muralha da parte de fora. Executando-se esta diligência foram embaraçados pelo inimigo, o qual, tanto que viu sair a referida gente, abriram as canhoneiras de ataque que até ali tinham tapadas em faxina e começaram a atirar ao dito corpo, pelo que lhe foi preciso encobrirem-se pelas obras de uma igreja de Nossa Senhora do Rosário que ainda não estavam acabadas, de donde expediu o dito capitão um a um os que iam determinados para desfazer, que eram índios nossos da Praça, os quais, com as muitas balas de artilharia não puderam conseguir o desfazerem-se as referidas casas, senão somente as paredes que faziam frente para a nossa muralha [29]. E logo, por ordem que lhe foi do governador, se recolheram por se evitar alguma desordem e mortandade de gente sem urgente necessidade, porque ficaram muito descobertos [d]as balas do inimigo que nesta ocasião disparou 15, sem da nossa gente perigar pessoa alguma dos nossos baluartes. Também neste tempo se lhe fazia fogo com artilharia, que seriam até 20 tiros.

Observou-se tinha o inimigo feito uma vala funda por baixo do segundo ataque ao correr do dito antecedente e, intendendo-se seria, como depois se colheu, para se defenderem de algum corpo de gente que pela baixa dos Casais do Norte quisesse avançar-lhe. Neste segundo ataque tinha o inimigo abertas 10 canhoneiras e tapadas com faxinas, como já disse, para que não víssemos a sua [29v] artilharia. A noite passada se observou cantarem carretas carregadas, divulgando-se na mesma noite estarem cavalgando artilharia, em cuja ocasião se lhe atirou 4 peças, apontadas de dia para o dito ataque.

Em o primeiro de dezembro do dito ano, pelo meio dia, se atiraram do Baluarte de São João 2 peças apontadas para uma figura do revelim[40] que de terra tinha o inimigo feito junto às casas de Francisco Roiz Salomé, cujas balas lhe deram bem no meio. E, entendendo-se não lhe termos feito dano algum com elas, por se acharem nessa ocasião recolhidos nas ditas casas, soube-se de certo morrer um padre da Companhia de Jesus[41] que regia e governava os índios Tapes que tinham trazido das Missões por ordem de seu governador, o qual, [foi] achado dentro das ditas casas morto junto com outros. E alguns dizem se achava também a ir o [governador] Salcedo.

Em 2 do dito mês [30] se atiraram de manhã cinco peças para a olaria do capitão João da Costa Quintão, por se ver andava aí bastante gente. Pretendendo o nosso governador haver uma língua castelhana para nos noticiar dos seus desígnios se lhe ofereceram alguns soldados pagos e ordenanças para irem reconduzir. Pelo que mandou pelas 4 horas da tarde 60 soldados fora da muralha para que, fazendo-se irem a outro ministério quando esses se retirassem, ficassem sem serem vistos 30, escondidos entre as casas, para que, vindo alguns do inimigo a elas tirar madeiras ou outra operação como costumavam, os colhessem os nossos e trouxessem para dentro da Praça.

---

[40] Revelim (termo da fortificação). É uma obra exterior, menor, em forma triangular ou de trapézio, que vem a ser com os flancos a modo de baluarte e se fabrica fora das Praças, de fronte das cortinas longas e lugares mais fracos, começando logo além da contra escarpa, cujo fosso se comunica com o da Praça. Serve para melhor defender os lugares mais fracos e também para cobrir melhor as portas assim mesmo para multiplicar as defesas e dar ossos [dificuldades] aos ao inimigo, preservando o corpo da Praça principal. BLUTEAU.

[41] O padre que comandava os índios se chamava Tomás Berly (ou Balbi, dependendo da fonte). Segundo Silvestre Ferreira da Sylva, o padre Thomás Berly chegou "montado em um formoso bruto, marchando na vanguarda do seu batalhão". SYLVA, 1748, p. 76.

Uma relação anônima, escrita em francês, em Buenos Aires, em 27/02/1736 fala que: "La seule personne de marque tué pendant le siège a été le Père Thomas Balbi Procureur de la mission de Jésuites lequel est fort regreté à cause de sa grande capacité". *Revista do IHGRS,* IV trim. de 1946, nº 104, p. 352

Mas, antes que o corpo de gente se retirasse, lhe atirou [30v] o inimigo uma peça donde a bala deu ao pé sem prejuízo. E logo segundaram com mais 3, dando com 2 balas no parapeito da cortina que guarnecia o capitão Manuel Félix Correia e outra que levava direitura do colégio [dos jesuítas]. Chegou enfim a noite e, pondo suas sentinelas avançadas aos que tinham ficado, cujos oficiais eram o alferes de infantaria Teodósio Guerreiro e o sargento José de Brito, foram logo sentidas dos castelhanos que já os vinham buscando, porque, segundo se supôs, tinha o inimigo conhecido terem saído mais gente de que se tinha recolhido e, chegando mais perto, em que se reconheceu serem inimigos, se desfechou em muito fogo de parte a parte.

E como os nossos se achavam divididos, por ser assim conveniente para a empresa que queriam, nessa divisão houve alguma desordem, sendo o principal motivo o não se poderem unir, estar a noite escura [31] e o terrapleno com grandes barrancas. E foi grande felicidade não se meterem [bala] os nossos uns aos outros, porque atiravam sem forma e para donde se via a fuzilar sem conhecimento de serem nossos ou inimigos e só de alguma sorte se faziam os inimigos conhecidos pelos alaridos que davam, nomeando em alta e repetidas vozes a sua contrassenha que nesta noite era Santiago e com outras [vozes] muito alteradas de viva Felipe quinto, fazendo tal motim com aqueles seus antigos e costumados vocábulos de pícaros borrachos. Foram-se os nossos ajuntando, dando uns aos outros a nossa contrassenha que naquela noite era Portugal, fazendo sempre frente ao inimigo continuada mosquetaria com algumas vozes que entre os nossos saíam de viva El Rei de Portugal Dom João o quinto.

No mesmo tempo se queria dos nossos baluartes [31v] disparar algumas peças com bala miúda, mas [com] receio de também fazerem emprego nos nossos a não se lhes dar fogo. Contudo, no modo que foi possível, se dispararam 2 [peças], constrangendo aos castelhanos a retirarem-se, já postos em silêncio. Ajuntaram-se enfim os nossos, recolhendo para dentro. E

passando-se mostra se viu não faltar ninguém nem vir pessoa alguma ferida. Dos inimigos se não soube o destroço que houve, ainda que se observaram alguns sinais de feridos. Foram mui bem recebidos o alferes Teodósio Guerreiro e o sargento José de Brito, dando-lhe o governador da Praça e todos os mais oficiais os parabéns pelo destemido valor com que se singularizaram nesta ação, pois da muralha se ouviam as vozes com que esforçavam os seus soldados, e pelejavam valorosamente.

Em 3 do dito mês, não houve movimento algum até as duas horas da tarde, mas daí por diante disparou o inimigo 13 peças [32] do ataque da Conceição. E dando as balas em várias partes da Praça sem perigo. Do Baluarte de São João se lhe atirou 20 e tantas peças de [calibres] 18 e 24 com pontaria para as casas de Francisco Rodrigues Salomé e para o sobredito ataque, metendo-lhe uma bala por uma canhoneira.

Em 4 do dito mês, dia de Santa Bárbara, logo depois da alvorada, dispararam do Baluarte de São João 2 peças com pontaria para o sobredito segundo ataque. E, no mesmo tempo, disparou o inimigo toda a artilharia dos dois ataques, que constavam de 13 peças apontadas para várias partes da muralha e casas. E foram continuando [a] atirar, carregando e disparando. Até o jantar se contaram 126 dos nossos baluartes. Também se lhe fazia o fogo possível, ainda que não com toda a artilharia, por não garnirem[42] as peças nas canhoneiras para os ataques [32v] das sobreditas peças que nos ativam até o jantar. Não deixou de ser prodígio 2 balas dando em uma cama onde jazia Domingos Martins, casal da Praça, deitado com sua mulher e filhos. E quebrando-lhe o leito não ofendeu pessoa alguma. E outra que, passando as casas de Clemente da Silva, passou uma pipa de cal que se achava [e] foi parar dentro da barriga de uma vaca,

[42] Guarnecer. Deriva-se do francês *garnir,* que vale tanto como: *adornar, adereçar, etc...* [...] Guarnecer a Praça. Pôr-lhe soldados de presídio (...) guarnecer o muro, guarnecer a trincheira. BLUTEAU.

matando-a em um cercado de um quintal, casa em que morava Antônio Lopes, junto a Manuel Alves Camelo.

Neste dia de manhã, trouxe a nossa ronda de fora uns cativos dos peões que tinham andado e servido na Praça em outro tempo e [um deles] disse [que] tinha chegado das Missões. Deu notícias que, no dia antecedente, se lhe tinha morto um padre da Companhia, um castelhano e um índio, com os 2 tiros que se atiraram [33] para as referidas casas de Francisco Rodrigues Salomé, como já proferi no capítulo antecedente, e que fora desastre bem sentido do seu governador. E que este dizia que até um ano se havia de estar em este sítio, como depois experimentamos, enquanto mais retificou-nos das notícias que já corriam na Praça dos seus feridos e que tinham expedido 500 homens para o Rio Grande e outras novidades de menos porte.

Das onze horas para o meio dia se viu no segundo ataque, que era maior, um incêndio de fogo com um estrondo surdo. E soube-se depois ser desastre de fogo que lhe pegou em um armazém de pólvora que ali tinham de que morreram, segundo se disse, 4 homens e outros muitos queimados que escaparam.

Do jantar para a noite se contaram do inimigo 110 peças. Com 126 de manhã, fazem no decurso de todo o dia 236, ainda que me parece foram mais. [33v]

Perto da noite, nos lançaram 4 bombas ou granadas reais que não prejudicaram porque arrebentaram no ar e não chegavam senão alguns [estilhaços?]. A pontaria dos tiros do inimigo neste dia era a porta do norte, a qual, estando entulhada de terra e por dentro segura com um parede de encontro a terra, nela ficaram as balas, com pouca ruína, que de noite se consertou o melhor que pode ser, achando-se 26 balas de [calibres] 18 e 14, 12, 8 e 6. E também ficou a cuidar a muralha junto da dita porta, para a banda da praia vizinha do forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que também se lhe deu algum remédio.

No dia 5, logo pela manhã, começou o inimigo logo a bater com sua artilharia com muita força, como no dia antecedente, até o

jantar, 208 peças. E daí para a noite 100, todas apontadas [para] a muralha, abaixo da porta do norte, ao forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, aonde no dia antecedente tinha dado princípio. Especulando-se de noite que [n]aquele lugar viu-se tinham batido com tal violência que arruinou a muralha e parte do parapeito, caindo para a parte de fora. E cuidando-se em dar-lhe algum remédio, determinou o governador fosse o tenente general, engenheiro da Praça [34], com o alferes Manuel Lopes Lima e o sargento Francisco Coelho e 36 soldados e 3 oficiais de pedreiro, para ver se podiam dar concerto à dita ruína, levando de mais do sobredito número 12 soldados armados, para ficarem avançados com sentinelas para esperarem o inimigo. Mas logo que chegaram ao parar nela, que foi das 8 para as 9 horas da noite, disparou o inimigo uma peça para o dito lugar que, segundo se supôs, teria apontado de dia. E por milagre escapou o sobredito alferes e alguns soldados que se achavam trabalhando. Deu-se logo parte ao governador do movimento, porque já se sentia grande tropel de cavalaria por diversas partes e algum ruído de gente, pelo que mandou o dito governador se recolhessem para dentro. E a poucos instantes depois de recolhidos tocou o inimigo [34v] arma com alguns tiros de mosquetaria, continuando logo com cargas para a muralha. Pegou a nossa guarnição em armas, pondo-se prontamente cada um em seu lugar, e como o fogo do inimigo era para a muralha da banda do norte, por se fazer do terrapleno das obras de Nossa Senhora do Rosário da mesma banda, descarregou a nossa guarnição bastante mosquetaria sobre o inimigo, dando-se fogo a uma peça de 24 carregada, com bala miúda e metralha. E logo se retiraram. E no dia seguinte se achou no terrapleno das sobreditas obras, de donde nos fizeram o maior fogo nesta noite, um soldado morto, armado. Dos nossos baluartes se atiraram mais algumas peças com bala miúda, que também intimidou muito ao inimigo e parece que foi milagre de São Miguel, a quem o governador entregou o governo e posse da Praça, terem os

castelhanos feito tanto fogo de artilharia e mosquetaria sem perigar ninguém até o presente.

Em 6 do dito mês, madrugou o inimigo em continuar com fogo de suas peças [e] baterias; e logo depois da alvorada. E também tinham [34v] feito muito fogo no dia antecedente, neste levava princípio de ser mais forte porque não tardavam senão enquanto carregavam, dando logo fogo averiguou-se atirarem-nos neste dia para cima de 270 tiros de artilharia, quase todos apontados para o sobredito lugar. E com a força das muitas balas se arruinou, de sorte que ficou uma brecha aberta, por ter caído toda aquela parte da muralha abatida, com toda a terra de riba [de] seus parapeitos. E como a dita brecha se achava em estado que o inimigo por ela nos podia assaltar, como pretendia, e se achasse com pouca gente para a defender, pois apenas tinha a pequena guarnição que se lhe assinalou na ocasião [em] que o inimigo cometeu a Praça, foi nomeado o capitão de infantaria João de Abreu, [o] alferes Antônio Pereira Vassalo e os sargentos Lourenço Francisco e José de Brito para assistirem de reforma no mencionado lugar com 48 soldados armados com espingardas, lanças e outras, para ações de fogo necessárias. Nesta [35v] noite houveram várias consultas sobre se cuidar em a limpar e fazer alguma obra que servisse de embaraço ao inimigo e resolveu-se em se não persistir na empresa por se recear ter o inimigo apontada a sua artilharia àquele lugar e que sentindo gente disparando-a no-la [sic] matasse e assim com grande cuidado se passou a noite.

Em 7 do dito mês, logo ao romper do dia que se divisaram as coisas, continuou o inimigo com o fogo das suas baterias para a dita brecha, que já se achava com grande ruína, tendo de uma vez toda a muralha embaixo e dariam obra de 110 tiros até perto das onze horas do dia, em cujas horas cessaram até as três da tarde. E vendo-se já tanto e ser muito preciso o remédio se empreendeu em dar-se-lhe. E por que nesta opressão se vacilava em a deliberação desta reforma, ficando de alguma sorte duvidoso o dar-se princípio ao conserto dela, não só por parecer o horrível o risco de tal

execução, como também por ter o inimigo o sentido nela e ser a parte por donde pretendia assaltar-nos. Animosa e varonilmente [sic] se ofereceram João Gonçalves Casão e o capitão João [36] da Costa Quintão, cujo oferecimento aceitou o nosso governador e lhe deu todos os poderes e ordens necessárias para o dito efeito. E logo fizeram ajuntar muita madeira, portas, vigas, eixos de carros e outros adjuntos necessários para reparar a terra da parte de dentro.

E para nesta noite se dar princípio à obra falou João Gonçalves Cação a 10 homens, prometendo-lhes dar-lhes nessa noite, de jornal ou salário, um peso de 750 a cada um e com eles principiar o conserto que tinham concertado dar à dita brecha, ao que logo se ajuntaram outros dez convocados pelo dito capitão João da Costa com o mesmo ajuste. E como estes eram poucos para tanto trabalho foi preciso o nosso governador mandar e ordenar ao comandante do terço [que] fizesse nomear de cada companhia 4 soldados para por faxina trabalharem nela, aterrando por dentro para que se formasse novo parapeito e fizesse por dentro nova banqueta.[43]

No decurso de 10 dias e 11 noites se trabalhou com grande cuidado nesta obra [36v], fazendo-se singulares e dignos de muita memória os 2 referidos João da Costa e João Gonçalves, não só por assistirem com suas pessoas e grande trabalho dos seus escravos, mais ainda com notável despesa, detrimento de suas fazendas. E ainda, como vulgar se sabe, que João Gonçalves prometeu no oferecimento que fez pô-la capaz de que o inimigo por ela não pudesse entrar e assim o mostrou do princípio até que se acabou, dispondo o necessário e útil para que ficasse como tinha prometido. E sendo aquela empresa de muito risco, pelas muitas balas de artilharia e mosquetaria que a ela aplicava o inimigo, se fez credor de grande louvor com aplauso mais do governador, que

[43] Banqueta (termo da fortificação). É uma pequena altura de terra, à roda do pé do parapeito, pela parte inferior, onde se sobem os soldados para descobrir e atirar ao inimigo por cima daquele. BLUTEAU.

não cessava em dar-lhe cada dia os parabéns do trabalho, servindo com promessas de remuneração em nome Del Rei.[44] No decurso de muitos dias e noites trabalharam muitos trabalhadores, que se lhes pagou além de outros soldados de cada companhia que se nomearam neste dia por faxina. E a mesma guarnição, que acima disse se tinha nomeado, que todos neste dia e noite trabalharam com grande fadiga, para mais brevemente se conseguir o intento.

Em até este dia não houve na Praça mortandade de gente se não no dia antecedente, [quando faleceu] uma menina pequena, [37] estando em o quintal donde morava sua mãe, brincando. E hoje, neste dia, um castelhano ferido, andando trabalhando na dita brecha, de uma bala que lhe levou uma mão e, pouco depois, um soldado infante com 3 dedos fora da mão direita e quase [morreu?] por se não abaixarem quando os sentinelas avisavam que o inimigo dava fogo.

Houve quem contou ter o inimigo atirado até a noite desde o dia 10.858 tiros de artilharia. Ao sol posto foi nomeado para a reforma da dita brecha o capitão de cavalos Manuel Teles Correa, o alferes Antônio Pinto, com o mesmo número de soldados no dia antecedente. Com algum fogo [que] se fez no baluarte da Bandeira arrebentou uma peça de 24 e matou um artilheiro e feriu 2.

Em 8, dia de Nossa Senhora da Conceição, em que D. Miguel Salcedo dizia havia vir festejar a virgem na matriz da Colônia, se viu não o ter conseguido. Continuou a bater-nos com a sua artilharia, mas não já tanto para o lugar da brecha porque o fez este dia mais para arriba, junto da porta. E no decurso dele nos atiraria 150 tiros, com os quais [37v] fez ruína no dito lugar, ficando tudo em baixo, até a referida brecha, que não era muita distância e assim [a brecha] ficou maior, de cujas balas não tivemos prejuízo. Dos nossos baluartes também lhe fez grandioso fogo com artilharia. O trabalho que se fez na noite passada foi

[44] Quando terminou o sítio a Coroa recebeu a conta de seus vassalos, que através de documentos mostravam os gastos feitos na defesa da Praça e como compensação pediam mercês para si ou para os filhos.

assentar pela parte de fora cordões de faxina, uns sobre outros, com terra por dentro, para se tapar a entrada. E como para isso não houve faxina que chegasse a tanta obra foi necessário valer-se da palha das casas e de alguns pessegueiros, com que se pôs em meia altura.

Foi nomeado para a dita brecha o capitão José de Oliveira [e] o alferes Pedro Frutuoso, com 60 soldados. Nesta noite se trabalhou com grande cuidado, pondo-se cordões de faxina até igualar com a muralha, ainda que já de uma ilharga se achava arruinada, como já acima disse. Das granadas que até este dia nos lançou o inimigo não recebemos dano algum, porque umas iam por elevação ao mar e outras arrebentavam no morteiro e outras no ar, vendo-se somente zunir os estilhaços.

Em 9 do dito mês, sexta–feira, fez o inimigo alguns tiros, suposto não foi [38v] com tanta veemência, por haver algum espaço de uma descarga a outra, cessando pelas 10 horas do dia de uma bala do inimigo que deu neste dia no corpo de guarda. Entrando pela janela perigaram 4 ingleses que se achavam deitados na tarimba[45] e metidos no tronco, quebrando a cada uma perna, de que logo 2 morreram e outro depois de alguns dias, pelas 3 para as 4 horas da tarde. Tornou o inimigo a continuar a sua artilharia com mais espaço e seriam os seus tiros neste dia obra de 160.

Foi nomeado para a brecha o capitão de cavalos Inácio Pereira da Silva, o tenente Paulo Pais com o sargento Antônio Correa, cabo alvorado [sic] Domingos Simões com 68 soldados pelas 11 horas da noite, andando trabalhando na sobredita brecha os mesmos soldados que tinham ido de reserva para ela. Como sempre sucedia depois que o inimigo abriu brecha, sucedeu vir o inimigo avizinhando-se para mais perto da muralha que, por escura a noite se não podia [38v] descobrir, e pondo-se encoberto

[45] Tarimba. É, a modo de estrado, com as tábuas mais altas para a banda da cabeceira, onde se deitam os soldados nos corpos da guarda. BLUTEAU.

com as obras de Nossa Senhora do Rosário fizeram algum fogo de escopetaria [sic] e mataram um cabo de esquadra da companhia do capitão José de Oliveira, com uma bala de mosquete, andando [o cabo] trabalhando com alguns soldados em riba do parapeito.

Em 10, sábado, fez o inimigo fogo com sua artilharia. E pelas 8 horas da manhã se viu vir um preto, vestido com farda branca, tocando trombeta. E conheceu-se era carta que trazia do governador D. Miguel Salcedo. E, chegando perto da muralha, se lhe mandou fazer alto e foi mandado o alferes Silvestre Teixeira a fazê-lo entrar, amarrando-lhe para isso um lenço nos olhos para não ver, como é estilo de guerra. E reconduzindo-se para dentro foi entregar a carta ao nosso governador que, logo que recebeu, mandou convocar todos os oficiais de guerra da Praça e lhes leu, dizendo que se nos não entregássemos nos havia [de] levar a espada e que sem dúvida o faria, pois o socorro que esperávamos nos estava muito dificultoso, para o que tinha já brecha aberta[46] e que era sua e que para melhor [39] o conseguir tinha um grande exército. A cuja carta, dizem, dera o nosso governador resposta que dar a carta de Sua Senhoria lhe mandasse primeiro dizer o motivo que o movia e com que ordem lhe punha esta guerra e sítio sem que as Coroas na Europa a declarassem. A qual respondeu que, por ordens que tinha do seu Rei, a nenhum tempo as declararia. E como ele visse andar-se trabalhando no tempo da embaixada acrescentou mais na dita carta que, em tempo de tréguas, não era estilo de guerra trabalhar-se. A resposta que, à vista desta, lhe mandou o nosso governador não tive notícia dela para a referir, mas mui bem se pode inferir de que logo [que] se despediu o dito trombeta, mandou lançar bando ao som de caixa pelos distritos das muralhas para que, com pena de morte, nenhuma pessoa se retirasse de seu posto, assim de noite como de dia, em que

[46] "Já era uma convenção da guerra de assédio que a recusa de se render depois de aberta uma brecha eximia os atacantes da obrigação de oferecer mercê ou se abster de saquear. Na era da artilharia essa convenção tornou-se absoluta". KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 333.

estivessem firmes porquanto o inimigo pretendia assaltar a Praça pela mencionada brecha e muitas partes da muralha.

Até as três horas da tarde não se disparou peça alguma de parte a parte, mas, daí por diante, começou o inimigo a fazê-lo, ainda que não era [39v] com tanto excesso. Pelas 4 horas da tarde, estando alguns soldados e mais pessoas particulares trabalhando na dita brecha, disparando o inimigo 2 peças, uma logo atrás da outra, morreu um cabo de esquadra da companhia do capitão João Gonçalves Vieira [a] que[m] depois sucedeu José Inácio de Almeida, o qual, achando-se trabalhando, lhe levou a bala da segunda peça os peitos, ficando o cadáver logo ali, morto. Foi nomeado para a brecha o capitão Plácido Alves, o alferes Francisco Saraiva, digo, Fernandes, sargentos Antônio Gonçalves Caldas e José de Siqueira com 48 soldados.

Em 11 do dito mês, domingo, fez o inimigo seus tiros logo pela manhã e fez uma calada em até a tarde, tornando nela a continuar. Com algumas peças dos nossos baluartes e muralha do norte, se lhe fez bastante fogo de artilharia, com grandiosos pontos, entre os quais se fez célebre um, que entrando a bala pela canhoneira do ataque do inimigo intendeu-se lhe desmontaria alguma peça, porque a viu-se levantarem-se estilhaços de tábuas para o ar, que depois se soube ser certo 40 balas do inimigo [40]. Neste dia se endireitavam não para a brecha, mas sim para destruírem casas que ficavam descobertas as suas baterias, por estarem fundadas em sítio mais superior, por cuja razão se achavam já neste tempo muito arruinadas e bastante embaixo, que bem movia o aspecto e grandiosa compaixão. Foi nomeado para a brecha o capitão Manuel de Macedo Pereira, o alferes Manuel Lopes Lima, sargentos Brás dos Santos e o cabo alvorado Jerônimo Martins com 48 soldados.

Em 12, segunda-feira, tardou o inimigo em executar o fogo costumado, porque, tendo-se passado algumas horas no dia, não tínhamos recebido bala alguma e só pelo decurso de todo o dia disparou algumas, com tanto intervalo que nos causou admiração,

ocupando-se em desfazer [as] casas dos Casais do Norte, aproveitando-se de suas madeiras e telhas para conduzirem para Buenos Aires, como já tinham feito em outros dias passados, à noite, sendo algumas em pé e amanhecendo no outro dia sem sinal de que ali estivessem casas. E tudo [40v] faziam só por saquearem, pois nos constava valia o palmo de madeira em Buenos Aires o peso de 750. Foi nomeado para a brecha o capitão Antônio Roiz Figueira, alferes João de Macedo Pereira, sargentos Dionísio José e Matias Francisco Tibau com 48 soldados.

Em 13, terça-feira, amanhecendo o dia e viu-se estava no chão a capela de Nossa Senhora da Conceição e a casaria da olaria do capitão João da Costa Quintão com a sua curiosa capela, que tinha muito perfeita, dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, e outras muitas casas que se tinham edificado pelo moinho de vento, que não deixou de ser lastimosa a vista e causar bem lástima ver-lhes tanto destroço e estar-se fazendo à vista dos nossos olhos, porque nem os templos e casas da Virgem escaparam de não estarem em tanta ruína. O mesmo tinham feito [n]os dias passados às casas dos Casais do Norte e algumas do Sul, ficando todas, como se viu, rasas até o chão, restando-lhe algumas que também foram poucas, umas pequenas paredes, talvez para sinal de que ali estiveram casas.

Neste dia se aperfeiçoou o conserto da brecha em que se trabalhou todos esses dias passados com grande força, executando-se este trabalho mais de noite para mor [sic] do inimigo com muita cautela [e] cuidado, por nos ter neste lugar morrido 2 cabos de esquadras e alguns feridos. Observou-se estar o inimigo muito diminuto na continuação da sua artilharia para a Praça, havendo nela diferentes pareceres, como sempre sucede [41] em casos duvidosos, porque uns diziam era causa preparar-se o inimigo para avance, outros que era máxima para ver se nos apanhava em algum descuido, e outros que era por que esperava por socorro de 7 mil índios Tapes e 500 homens do Paraguai. Sobre a tarde descarregou o inimigo algumas peças sobre a Praça e para diversas

partes da muralha e várias casas, que não prejudicaram. Foi nomeado para a brecha o alferes de mestre José Inácio e o sargento Luís de Faria e José de Brito, com 48 soldados.

Em 14, quarta-feira, se observou [que] ia o inimigo demolindo e derrubando o resto das casas que ainda se achavam em ser e carreando suas madeiras para a praia do Arraial de Veras para as remeterem para Buenos Aires. As balas de artilharia que neste dia nos lançaram foram poucas, aplicadas a desbaratar casas da banda do Norte e, para alguma observação que alguns curiosos têm feito, dão o número a 3000 balas que o inimigo tem metido dentro, mas entendo serem mais. Foi nomeado para a brecha o capitão Teodósio Gonçalves, [o] alferes Antônio Pereira Vassalo, [os] sargentos Manuel de Magalhães e o cabo alvorado Antônio Francisco Viana, com 48 soldados.

Em 15 do dito [41v] mês, quinta-feira, se observou [que] ia o inimigo fazendo uma fortaleza no alto de Sampaio, sítio mais retirado para a campanha. Fez-se juízo dessa operação ser para nos demolir casas por ficar aquele lugar mais superior à parte do norte da Praça. Neste dia disparou o inimigo pouca artilharia e sobre a tarde nos lançaram algumas granadas e o mesmo fizeram da meia noite por diante que por todas foram 15 e sem embargo [de] que estas já traziam melhor caminho não prejudicaram a ninguém. Algumas destas granadas acima ditas caíram dentro na fortaleza e na matriz 2, uma no coro, botando-lhe abaixo algumas obras dele e outra por detrás, na capela-mor, aonde ficava a sacristia, suspendendo e quebrando o telhado, mas sem prejuízo de pessoa alguma. Foi nomeado para a brecha o capitão João de Abreu, alferes Teodósio Guerreiro, sargento Francisco Xavier da Silva e Manuel Soares Dorneles com 48 soldados.

Em 16, sexta-feira, se viu [que] andava o inimigo ocupado em acabar de demolir algumas pequenas casas que tinham deixado, porque primeiro se ocuparam com as melhores. Na manhã deste dia, nos lançou o inimigo só 6 balas e 5 granadas reais, que vieram mui bem dirigidas, [42] porém sem dano. De

tarde não houve movimento algum mais. Dos nossos baluartes atiraram-se 5 peças, apontadas às canhoneiras do inimigo, e perto da noite também nos lançou o inimigo 5 granadas, das quais arrebentaram 3 sem perigo e 2 não. Foi nomeado para a brecha o capitão de cavalos Manuel Félix, [o] alferes Antônio Pinto, [o] sargento João Gonçalves, com 48 soldados.

Em 17 do dito mês, de manhã, se [sic] disparou o inimigo 8 peças sobre a Praça e 3 granadas, das quais 2 caíram fora da muralha e 1 foi ao mar. Dos nossos baluartes se lhe atirou bastante artilharia esta manhã, dirigidas as balas ao lugar donde o inimigo tinha o seu morteiro, com mui bons pontos, fazendo-se-lhe diligência por se lhe desconcertar o dito. De tarde botou o inimigo 5 granadas e, por uma que não arrebentou, se colheu via-se serem mais pequenas que as que costumavam lançar, porque eram pouco maiores que balas de [calibre]18, pelo que se inferiu ter já 2 morteiros. Pelas 10 horas do dia levou uma bala a perna a um negro à porta da casa [42v] de Manuel Pereira do Lago. Foi nomeado para a brecha o capitão José de Oliveira, [o] alferes Pedro Frutuoso e o sargento Antônio Correa, com 48 soldados.

Em 18 do dito mês, logo pela manhã, não fez o inimigo movimento algum, senão somente atirar-nos obra de 10 peças e também 4 granadas, tendo lançado 10 a noite antecedente, que não fizeram dano. Viu-se ir continuando com a fortaleza que tinham principiado no alto de Sampaio. Foi nomeado para a brecha o capitão de cavalos Inácio Pereira da Silva, o tenente Paulo Pais Pereira e [os] sargentos Antônio Gonçalves Caldas e José de Siqueira, com 48 soldados. Nesta noite seguinte nos lançou o inimigo 10 granadas, da meia-noite até às duas horas, e parece prodígio cair uma em uma casa em que se achava uma mulher com seus filhos e, dando os pedaços por várias partes, não ofendeu ninguém.

Em 19, de manhã, não houve movimento digno de memória, mas de tarde começou a nossa artilharia a bater-lhe com muita força, com pontarias para os 2 morteiros. E a seu posto também

disparou o inimigo 5 peças encaminhadas às canhoneiras donde saía o nosso fogo. Nesta noite passada despediu o nosso governador o bergantim Del Rei de aviso para o Rio de Janeiro [43] a dar parte ao [governador] daquela cidade da opressão em que se achava a Praça e do mais que se lhe ofereceu, o qual partiu de noite por não ser sentido dos navios do inimigo, porém supôs-se seria sentido porquanto despediram logo de manhã o mais pequeno, fazendo caminho de baixo, e teve suspeita ir atrás dele. Foi nomeado para a brecha o capitão Plácido Alves, [o] alferes Manuel Lopes Lima, sargentos Matias Francisco Tibau e o furriel de cavalos Manuel de Sá, com 48 soldados. Na noite seguinte se concluiu o conserto da brecha e também nos lançou o inimigo nesta mesma noite 12 granadas.

Em 20, terça-feira, assim que amanheceu, se viu o inimigo com grande silêncio, em que se conservou até às 10 horas do dia, em que nos atirou seis peças. E, pelas 10 da noite, 4 granadas, que tudo não fez dano. E como a brecha se achava já reformada, assentou-se não ser necessária tanta guarnição e assim só se nomeou um sargento com 10 soldados.

Em 21, dia do apóstolo São Tomé, disparou o inimigo obra de 9 peças e 3 granadas [43v], das quais dando uma que não trazia fogo nas casas de José Teixeira Souto, condestável da artilharia, aonde se achava a mulher do alferes Silvestre Teixeira, lhe quebrou [a] esta uma perna uma pedra da parede, movida da granada. Também dos baluartes se lhe atirou alguns tiros de artilharia. Foi nomeado para a brecha o sargento José de Brito, com 10 soldados.

Em 22, ao amanhecer, se viu retirar-se bastante gente do ataque mais chegado à muralha a que, se me não engano, intitularam de Santa Bárbara. Supôs-se viriam a fortificá-lo de noite com mais gente, por estar essa [noite] chuvosa e muito escura. E de 3 peças que se lhe disparou dos nossos baluartes houve quem viu cair um [homem] do cavalo. Pelas 10 horas da noite lançou o inimigo seis granadas. Foi nomeado para a brecha o sargento Lourenço Francisco, com 10 soldados. Observou-se neste

dia ter o inimigo quase conseguida a dita fortaleza do alto de Sampaio, porque já se divisavam 7 canhoneiras na fronte da Praça.

Em 23, sexta-feira, se viu andar o inimigo passando gente do ataque do moinho de vento que era para a dita fortaleza, conduzindo trastes. E, segundo se recolheu, parecia [que] andavam conduzindo artilharia e estrados, [o] que depois se achou ser certo. Do baluarte de São [sic] [44] se lhe fez alguns tiros com uma peça de bronze colubrina[47] à dita fortaleza e a uma casa que ficava de trás dela, que tinha sido de José de Sampaio, casal nosso, e lhe servia ao inimigo de corpo de guarda. Foi nomeado para a brecha o sargento Manuel Soares Dorneles, com o mesmo número de soldados como acima.

Em 24, pelas cinco para as 6 horas da tarde, disparou o inimigo obra de 10 peças. E das últimas balas, vindo uma pela ponta do diamante do baluarte de São João, matou um homem, levando-lhe a metade da cabeça. Fora achando este abaixado [d]as balas e só com metade da cabeça de fora. E era de nação genovês, por nome Francisco Valentim, casado nesta Praça e mui curioso nos pontos de artilharia. Foi nomeado para a brecha o sargento Francisco Xavier, com 10 soldados. Na noite seguinte meteu o inimigo na Praça 9 granadas, das mais pequenas.

Em 25, domingo, dia do nascimento do Menino Deus, se passou o dia quieto sem movimento algum, sem se atirar artilharia. E o mesmo sucedeu na noite seguinte. Em todo o tempo, até o presente, se trabalhava com grande força nas faxinas, sem descansar [44v] e de sol a sol, não se achando lugar senão enquanto se comia e só neste dia se descansou, por ser o dia que era. Foi nomeado para a brecha o sargento João Gonçalves e, sendo até aqui nomeada esta pequena reserva para a brecha, neste dia se mandaram para o forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, por se achar com pouca guarnição.

---

[47] Colubrina. É um gênero de peça de artilharia, inventado para atirar ao longe na campanha e, principalmente, nas Praças marítimas [...] BLUTEAU.

Em 26, segunda-feira, também se passou em silêncio até o meio dia, em cujas horas lançou o inimigo 4 granadas. E pelas onze da noite até as 2 lançou 8 e da Praça se lhe botaram também 4 pequenas com um morteiro pequeno que se achou no armazém que, dizem, era de Montevidéu. Foi nomeado para o dito forte um cabo de esquadra com a dita gente, pelo que não farei mais menção deste movimento.

Em 27, terça-feira, pela manhã, lançou o inimigo 4 granadas, das quais dando uma em umas casas do cabo de esquadra da cavalaria Manuel Pinto, em que assistia com sua mulher e filhos, lhe levou pelos ares boa parte delas, matando um castelhano que ali se achava quase enfermo. Levando-lhe cerceou uma perna, sem ofender mais alguém. Pela uma hora depois do meio dia, disparando-se [45] [as páginas 45v e 46 estão em branco] uma peça de 8 com pontaria [em direção] a uma pouca de gente que aparecia na praia do Arraial de Veras, sucedeu arrebentar. Achando-se ali alguma gente não maltratou senão a um soldado da companhia do Mestre. Todo o restante do dia e noite seguinte não se experimentou mais fogo do inimigo e assim se passou em silêncio. Haverá 3 dias que se acham falto um castelhano e 3 índios Tapes, que se achavam na Praça e supôs-se terem fugido.

Em 28, quarta-feira, se passou com algum sossego até às seis horas da tarde. E, neste tempo, lançou o inimigo 4 granadas da fortaleza de Sampaio, para donde se inferiu tinham passado os 2 morteiros. E, pelas 9 da noite até a meia-noite, lançou mais 10 da dita fortaleza. O sítio em que está fundada esta fortaleza, além de ser mais superior, é mais distante que os ataques com que bateu a Praça e por essa razão ficaram as granadas mais variadas e das que caíam dentro [e] sucede arrebentarem nos claros [o que] parece [ser] por felicidade nossa.

Em 29, ao romper da lua, disparou o inimigo uma descarga de 7 peças [46v] da dita fortaleza. Endireitadas as balas para a igreja matriz, rompendo-se-lhe o telhado e forro, que já se achava neste tempo bastantemente [sic] arruinado e desbaratado das

[balas] que lhe tinham dado e das granadas que atrás disse lhe deram. E a pouco espaço de tempo passado descarregou outras 7, que não ofenderam. E no decurso do mais tempo do dia e noite não fizeram movimento algum. Em todos estes dias não se lhe fez da Praça mais fogo de artilharia que atirar-se-lhe algumas peças quando lançavam algumas granadas.

Em 30, pelas 7 horas da manhã, atirou o inimigo seis peças, das quais uma bala matou a um preto de um casal por nome Manuel Francisco da Costa que, junto com outros, andava trabalhando no fosso de dentro da muralha, ao pé da matriz.

Em 31, sábado, em todo o dia atirou obra de 10 peças, sem prejuízo. E passou-se o restante do dia em silêncio, observando-se ir o inimigo continuando [a] feitura da sua fortaleza.

Em o primeiro de janeiro de 1736, domingo, pelas 8 [47] horas, disparou o inimigo 5 peças, cujas balas foram por elevação ao mar da Praça. Também se lhe atirou algumas, como também se fez a uma lancha castelhana que dos navios em direitura para a lagoa de Vicente com 3 que lhe não chegaram por ir já longe. Nesta noite seguinte se passou com sossego e nem por isso se descuidava a guarnição da Praça, antes com mais cautela se havia cada um.

Em 2 do dito mês, pelas 3 horas da tarde, fugiu um soldado da companhia do capitão Teodósio Gonçalves Negrão, por nome João Alfama. E ainda que se fez alguma diligência por se [lhe] colher com alguns que o seguiram, atirando-lhe alguns tiros de espingarda, ficou frustrada a diligência por se achar já longe. Pouco depois recebeu a Praça 3 peças do inimigo, cujas balas vinham aplicadas para onde se achava gente junta. E como esta esta[va] oculta ao inimigo, entendeu-se seria por do dito desertor [47v], porém não ofendeu a viva alma.

Como o governador da Praça tinha sumo desejo por colher uma língua dos castelhanos, tendo-se já feito algumas diligências pela [sic] haver, sem ser possível conseguir o intento, expediu o governador um castelhano, por alcunha ou bordão, conhecido nesta Colônia há muitos tempos, a noite passada a ver se podia

conduzir uma por meio de um irmão seu que, dizia, andava no exército do inimigo. Ocupou-se o inimigo em todo este dia em trabalhar na dita fortaleza e em desfazer os 2 ataques com que tinha abatido as muralhas.

Em 3, terça-feira, se viu ao amanhecer [que] se tinham ido os 2 navios castelhanos de que atrás falamos [que] estavam de fronte da Praça. E suposto que por se fazerem à vela de noite não divisamos sua derrota.[48] Contudo bem se via faziam caminho da Barragán.[49] Das 11 horas para o meio-dia chegou ao pé da muralha o mesmo preto trombeta com segunda embaixada. E conhecendo-se ser carta do [governador] Salcedo mandou-se fazer alto [48] e foi a fazê-lo entrar o alferes Silvestre Teixeira, amarrando-se-lhe primeiro um lenço nos olhos. E, entrando, entregou a carta ao governador e do que ela continha não tive notícia, assim como o não tive também da resposta que, não se demorando em se lhe dar, se fez sair e não houve mais movimento.

Divulgou-se o que continha a carta era que se achavam prisioneiros em Buenos Aires Domingos Fernandes de Oliveira e seus companheiros, os quais tinham ido por terra com uma carta para São Paulo antes do sítio, mandados pelo nosso governador. Segundo também se falou, que pedia lhe restituísse o alferes de ordenança Manuel de Freitas que, achando-se prisioneiro em Buenos Aires desde 20 de outubro do ano passado, dia em que tinha investido a Praça, tinha desertado daquela cidade como também disseram dava um extrato dos [48v] dos prisioneiros que se achavam lá para se fazerem troca com outros seus que cá tinha a Praça, o que não afirmo ser certo por dúvidas algumas circunstâncias e ser coisa deduzida.

---

[48] Derrota. Caminho [...] Mais propriamente é o caminho ou a viagem que se faz por mar [...]. BLUTEAU.

[49] A enseada de Barragán fica, aproximadamente, a 60 km de Buenos Aires. Era um local onde costumavam fundear os navios vindos da Espanha. Para uma história da localidade, consultar: SORS DE TRICERRI, Guillermina. *El Puerto de la Ensenada de Barragán, 1727-1810*. La Plata: Publicaciones del Archivo Histórico de la Provincia de Buenos Aires, 2003.

Em 4, quarta-feira, ao recolher-se a ronda, que de costume se botava fora das muralhas, desertou um soldado de a cavalo da tropa do capitão Manuel Félix, dos mesmos da dita ronda que se vinha recolhendo logo pela manhã. Se começou a fazer algum fogo, e não foi pouco, com artilharia para os ditos ataques, por se verem lá alguns ocultos. E também se atirava por elevação para a baixa de Santo Antônio, porquanto houve notícia que as balas que iam por elevação para a dita baixa faziam muito estrago nos índios que se achavam aí abarracados e outra muita gente paga e vizinhos. De tarde tornou a vir o trombeta com outra carta do [governador] Salcedo para o nosso governador. E recebendo-se foi entregar a dita carta com a qual e sua resposta se gastou a tarde. Se expediu ao pé da noite. Não refiro com certeza o teor da carta por que não cheguei a tê-la, mas só direi o que se falava vulgarmente [49] e era o que pedia João Gonçalves em troca de outros nossos que lá estavam. E menos falarei da sua resposta pela sobredita causa. Na noite seguinte tudo esteve sossegado e se ouvia andarem tirando alguma madeira das casas já destruídas.

Em 5, não houve movimento, só sim atirou-se da Praça algumas peças a alguma gente que se via andar tirando madeira. Neste dia se botou a moer o moinho de vento que o governador tinha mandado fazer junto à fortaleza de São Pedro de Alcântara.

Em 6, sexta-feira, dia dos Santos Reis, deu uma das nossas sentinelas parte [de] avistarem-se algumas embarcações. E logo se viu [que] vinha um castelhano desertado do inimigo e, recolhendo-se à Praça, deu parte ao governador [que] vinha dar parte tinha visto 6 embarcações. E deu notícias que o inimigo tinha recebido grande dano da nossa artilharia, por que as balas que escapavam das suas baterias, por irem altas, lhe matavam muita gente em toda a baixa de Santo Antônio e outras a várias partes [49v] donde se achava gente arranchada. E que tinha uma peça arrebentada e 3 desmontadas e as asas do morteiro grande quebradas da nossa artilharia.

Vieram-se chegando as embarcações mais perto e divisaram-se serem seis e que era o nosso socorro. Deram fundo pelas 11 horas do dia, defronte da fortaleza de São Pedro e Alcântara, principalmente as 2, capitânia e almiranta, porque as outras eram pequenas e logo se puseram dentro. Salvou a capitânia a terra com 19 peças, a almiranta com 13 e os mais com as que puderam. E recebeu a Praça com salva de toda a artilharia, com balas apontadas para o inimigo, que causava admiração ver tanta bala. E, já antes que os ditos navios chegassem, tinha o nosso governador mandado que toda a artilharia que laborava para a campanha fizesse contínuo o fogo ao inimigo, para que dos navios conhecessem era ainda a Praça nossa. E para os desbaratar com a repetição de tanta bala veio o escaler a terra e dela foi também embarcação a bordo. E divulgou-se com certeza ser o socorro do Rio de Janeiro, vindo por comandante da gente de guerra o sargento-mor Tomás Gomes, com vários capitães de infantaria [e] mais oficiais e soldados [50], cujo número e nome deferirei ao diante. E neles vieram também quarenta dragões[50] das tropas das Minas, regidas pelo tenente Domingos da Luz Souza.

Neste dia de tarde disparou o inimigo dez peças, aplicadas as balas umas a matriz e outras para a nau capitânia, que deram distantes. Esta noite se fazia [in]tenção [de] ir-se cercar a ilha de São Gabriel com a capitânia e a almirante [e] a galera de Lisboa que cá estava, para ver se podia colher algumas peças e mais gente e bagagem que lá tivessem. Mas o vento não deu lugar e assim ficou essa execução frustrada, por cuja razão tiveram lugar os castelhanos que lá se achavam para se irem nessa mesma noite.

E vendo o nosso governador no dia seguinte, 7 do dito mês, jazerem lanchas ao pé da dita ilha, como até ali costumavam,

[50] Dragão. (Termo da milícia francesa e hoje da portuguesa). *Dragões* são uns soldados de cavalo, sem botas, que pelejam a pé e algumas vezes a cavalo, armados de espingardas e baionetas como na infantaria. Em Portugal tem paga de Cavalaria. O seu posto é na testa ou nas alas do exército para o cobrir. São os primeiros que carregam sobre o inimigo e ainda que usem de cavalos são reputados por [ser] parte do corpo da infantaria. BLUTEAU.

expediu uma lancha e uma canoa para que descobrissem e que nela chegassem a ver. E, vindo, deram notícia [de que] se achava desertada dos castelhanos, deixando 2 peças [50v] de artilharia, 1 de [calibre] 24, outra de 18. Falou-se fora o governador a bordo e dera ordem ao comandante, Tomas Gomes, que não desembarcasse sem primeiro ir sobre os 2 navios inimigos, que já com a notícia deste socorro se tinham retirado havia 3 dias para a Barragán.

A noite passada não fez o inimigo movimento algum e menos na manhã deste dia, suposto que naquele dia lhes fez a Praça grandioso fogo, pois se averiguou [que] lhe atirou o melhor de 400 tiros de artilharia. Pelo que mandou o governador despedir a guarnição de infantaria e seus oficiais para sobre a dita ilha, por ser assim conveniente. E foi nomeado, e logo de tarde se embarcou, o capitão Plácido Alves, do terço da Praça, e o alferes Domingos Gonçalves, do destacamento do Rio, vindo no dito socorro com 30 soldados da guarnição da Praça e 20 soldados do destacamento de socorro, para nela se fortalecerem no modo que lhe parecesse mais conveniente. Correu notícia se fazia [in]tenção ir-se buscar os inimigos a Barragán, o que impediu o tempo. Que não houve movimento algum de não só continuar a nossa artilharia em dar fogo com bastantes tiros para a dita [51] fortaleza e outras partes donde a ocasião o pedia.

Em 9, segunda-feira, não atiro[u] o inimigo à Praça nem ainda um tiro de mosquete e só se observou [que] ia fortificando a sua fortaleza. Também neste dia se lhe fez da Praça bastante fogo, apontando as peças para a casa do Sampaio. E foi este o primeiro dia em que os oficiais da dita nau e destacamento vieram a terra. A saber, o sargento-mor Tomas Gomes, o capitão de mar e guerra Francisco Pinheiro dos Santos, o capitão de infantaria Francisco da Silva, o capitão de infantaria Salvador Correa e o capitão de infantaria Antônio Carvalho de Lucena, todos da guarnição do Rio de Janeiro. E juntos com o sargento-mor da guarnição da Praça, Manuel Botelho de Lacerda, correram a muralha, baluartes e mais

partes da Praça, à vista dos quais se fizeram alguns pontos ao inimigo. Que eles folgaram de ver e tudo o mais que com a vista se alcançava.

Em terça-feira se conservou o inimigo com o mesmo silêncio em todo o dia [51v], mas da Praça não se descuidavam em dar-lhe fogo quando [a]parecia ocasião. Em 11, quarta-feira, assim que veio o dia, chegaram à muralha 2 índios Tapes, que já tinham vindo em outra ocasião. E disseram que toda indiada, seus companheiros, estavam desanimados e pouco gostosos por passarem muito mal de comida e vestuário e que, não obstante estar o [governador] Salcedo esperando mais socorro das Missões, eles se tinham deliberado a irem-se, como já tinham dito em outra ocasião. E disseram mais: que no dia antecedente se lhe mataram 3 castelhanos, sendo poucos os índios em que lhe não matassem gente as nossas balas. E que entendiam ser castigo de Deus por vir fazer esta guerra e sítio a Colônia tão injustamente.

Das nove para as dez horas do dia partiu deste porto a nau capitânia, por invocação Nossa Senhora de Nazaré e [a] almiranta, por alcunha o Corta Nabos, com a galera que estava e a corveta do capitão João da Costa Quintão. E dizem vão a Barragán em procura dos navios do inimigo e não o[s] achando lá irão a Montevidéu ou aonde houvesse notícia que eles estivessem. E como a nau capitânia [52v] encalhou, por se achar o rio baixo, deram todos fundo à vista, e não muito longe, da Praça. No decurso de todo este dia esteve o inimigo sossegado, mas dos nossos baluartes sim se lhe atiraram algumas peças para a sobredita fortaleza e para a baixa de Santo Antônio.

Em 12 quinta-feira, amanheceu o dia algum tanto novelado [sic], mas sempre se descobriu terem feito à vela nossos navios a buscarem o canal de Barregán. Até o meio dia esteve a Praça e o inimigo em silêncio, a cujas horas se descarregaram da Praça obra de 15 peças das de maior calibre, por se observar [que] tinha o inimigo juntamente cavalhada na baixa de Santo Antônio. Dobrou-se o cuidado e vigilância na Praça com a falta dos nossos navios,

por correr notícia que não desistia o [governador] Salcedo de avançar à Colônia, segundo ele dizia aos seus. E, nesta consideração, mandou o governador e ordenou que os oficiais e boa parte dos soldados que se achavam na ilha de São Gabriel viessem guarnecer os navios surtos no ancoradouro, para que, intentando o inimigo [52v] qualquer assalto por mar achasse os ditos navios guarnecidos, tornando-se no dia e manhã seguinte a retirar para a dita ilha.

Em 13 esteve tudo sossegado até o jantar. E nesse tempo se atirou uma peça do Baluarte de São João a uma pouca de gente que se avistou na roça de Manuel Duarte, dando-lhe a bala bem no meio. E, perto da noite, também descarregou a Praça algumas mais. Em todos estes dias passados não tinha aparecido gente de consideração na fortaleza e no campo do inimigo como dantes se via. E assim se supôs terem ido a Barragán com a nova expedição dos nossos navios.

Em 14, domingo, assim que de manhã se viu vir um vulto pela praia, caminhando para a nossa muralha. E, com o receio de se atirar algum tiro, vinha dando vozes. Deu-se ordem à nossa ronda de fora, que nesta ocasião se vinha recolhendo, que lhe fosse sair ao encontro, o que logo executou. E achando ser um soldado do inimigo que vinha desertado o fizeram reconduzir para dentro juntamente com 2 índios Tapes que também tinham chegado a falar com o governador, cujos [índios] já tinham vindo por 2 vezes e voltado. E todos 3 entraram pela porta falsa.

Deu o soldado desertor várias notícias [53] que se estimavam saber. Entre as quais foi ter ontem chegado de Buenos Aires o seu governador. E que trazia já consertado o morteiro que se lhe tinha cá desconsertado, dizem que de uma bala nossa. E que também [n]o dia antecedente lhe chegara o socorro de 3 mil índios. Deu a certeza de tudo o que lá tinha noticiado o artilheiro desertor que tinha desertado no dia antecedente. Como também que de Montevidéu se lhe mandara mais cem homens para reforçar aquela guarnição. E que se lhe tinha mandado 150 e que

pretendia o [governador] Salcedo, desde este dia por diante, continuar com a sua artilharia e granadas. Mas até o meio dia se viu não se ter movido nada. Neste dia, de manhã, mandou o governador retirar a guarnição que se achava na ilha de São Gabriel, com todos os seus oficiais, deixando lá as 2 peças que os castelhanos tinham deixado para se conduzirem quando o tempo desse lugar. Depois das ave-marias[51] se despediram os 2 Tapes, dando-se-lhes algum fumo e outras miudezas de que eles fazem muito apreço. E de noite não houve nada de novo.

Em 16, segunda-feira, [53v] passou o inimigo sossegado até as 5 horas da tarde, em que principiou a lançar algumas granadas da dita fortaleza, que não fizeram dano. De noite entendeu-se lançaria, mas cessou com essa execução.

Amanheceu o dia 17, terça-feira, e viu-se vir um índio pequeno para a muralha. E, chegando mais perto, conheceu-se ser Tape; [vinha] trazendo um papel na mão [que] recolheu-se e levou-se ao governador. Nesta manhã chegaram os nossos navios que tinham ido a Barragán. E dando fundo fora da fortaleza de São Pedro veio a terra a lancha da corveta do capitão João da Costa. E dela logo se soube tinham achado os navios do inimigo metidos na enseada. E que mandando o comandante Tomas Gomes sondar o dito canal lhe achara 3 braças de água. Desejosos estavam [sic] toda a gente de guerra e marítima[52] por entrarem dentro [e] buscarem o inimigo. O que não consentiu o comandante, dizendo ao prático, que nessa ocasião era um francês por nome Felipe Bernardo, que se lhe [as]segurasse a nau, o que ele não podia fazer e assim vieram como foram.

À chegada dos navios atirou o inimigo 5 peças para a muralha do norte, cumprindo a promessa que, segundo correu notícia, tinha feito nos dias antecedentes de salvar os nossos navios

[51] Ave Marias. São as que se tangem duas vezes ao dia, a saber, pela manhã e à boca da noite, ou três, porque em algumas partes se tangem também ao meio dia. BLUTEAU.

[52] Ou seja: soldados e marinheiros.

quando [54] chegassem pela grande façanha que tinham obrado na viagem. E em correspondência lhe atirou a nossa Praça 12 peças em satisfação de tanto cuidado. E no decurso da mais parte do dia se passou com silêncio, mas pelas dez horas da noite se tocou arma com um tiro e, não se divisando se era longe, sempre se conheceu ser no inimigo. Pegou-se nas armas em toda a muralha com todo o mais fogo pronto, como sempre estava, e com todo o cuidado se passou a noite. Não só por este motivo como por que teve o governador notícia que o [governador] Salcedo queria a todo o risco assaltar a Praça.

Em, 18 quarta-feira, se passou com sossego até o meio-dia. Que nessas horas se atiraram 6 peças para a baixa de Santo Antônio. Pelas 10 horas do dia, veio de bordo da capitânia o tenente Domingos da Luz dar conta ao governador do sucesso da sua viagem. Em a parte que lhe deu se averiguou concordar a causa de se não fazer a empresa, como que já se tinha divulgado, o que, visto pelo governador, mandou e ordenou que, sem mais outra qualquer demora, haviam [54v] de tornar ao tal efeito com as mesmas embarcações e práticos do rio e dito canal, que eram o sobredito Felipe Bernardo e o capitão Domingos Gonçalves Viana, para cujo fim haviam de seguir viagem.

A noite seguinte, de tarde, lançou o inimigo 9 peças, digo granadas, sem ofender pessoa alguma. Dos baluartes também se atiraram bastantes peças que, segundo a minha fantasia, passariam de 60. Pelas 8 horas da noite chegou à muralha um índio Tape. Recolheu-se este e levando-se ao governador disse que a noite antecedente se tinha colhido outro índio vindo para a Praça, com um cavalo carregado de carne fresca para presentear a sua senhoria em gratidão do bom agasalho que em outras ocasiões lhe tinha feito. E que o tinham [por] morto os castelhanos e que, por este motivo, se tinham quase levantado os índios, ao que se deu algum crédito, porque das 8 horas da noite até as 9 se ouviam para aquela banda, donde se achavam arranchados, 12 tiros de

espingarda. E da meia noite até as 2 horas se ouviram 6 e daí para o dia 19.

Em 19 do dito mês, quinta-feira de madrugada, se despediu o dito índio, dando-se-lhe o seu convite de tabaco, aguardente e outras miudezas. Ao meio dia se atirou da Praça 6 peças, [55] aplicadas as balas para a sua fortaleza e outras partes. E de tarde nos lançou o inimigo 6 granadas. E da fortaleza 2 peças a uma pouca de gente que se achava junta na praia do trem, cujas balas não ofenderam a pessoa alguma, dando bem no meio, que se teve por grande prodígio. Em toda a tarde se lhe atirou da Praça bastante artilharia, de cujas balas foram louváveis 2 que, ao tempo que o inimigo deu fogo ao seu morteiro, se disparou as duas peças juntas metendo-lhe as balas pelas canhoneiras direitas do dito morteiro. No decurso deste dia se trabalhou com grande cuidado em descarregar a nau capitânia e almiranta da carga que traziam para a Praça, só a fim de irem mais aliviadas à tornada da Barragán.

Em 20, sexta-feira, dia de São Sebastião, continuou a Praça a bater o inimigo com repetidas descargas de artilharia. E nesta operação se gastou o dia sem receber dele senão uma peça apontada à praia do trem. Pelas 10 horas da manhã, se fizeram à vela a capitânia e mais navios acima referidos, [pela] segunda vez mandados a Barragán. E por que neste dia [55v] baixou muito o rio e ficou toda a estacada da praia abaixo do forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, acautelando-se, o nosso governador ordenou fosse uma reserva de gente com um capitão e alferes e 48 soldados e 2 sargentos guarnecer aquele forte, que nesta ocasião foi o capitão João de Abreu, o alferes Manuel Lopes, o sargento Lourenço Francisco. Pelas 7 horas da noite chegou um Tape e ratificou ser certo que os índios se tinham levantado [contra] os castelhanos e que os tiros que se tinham ouvido no dia 18 eram os ditos castelhanos com eles. E que tinha havido nessa noite mui boa peleja entre uns e outros, não só pelo sobredito índio apanhado se

não por outros motivos e desconfianças. E deu outras notícias de menor porte que, por não fazer volume, as não refiro.

Em 21, sábado, logo que clareou o dia, se avistou ainda a nau capitânia que do dia antecedente tinha ficado encalhada com o rio baixo, já mareada com os mais navios na volta da Barragán. De tarde se conduziram à Praça as duas peças de artilharia que tinham deixado na ilha de São Gabriel os castelhanos, como já disse em outro lugar. Em o decurso de todo o dia não houve movimento [56] e só da Praça se atirou ao inimigo 2 peças a uma pouca [sic] de gente na chácara de Manuel Duarte, de que logo fugiram.

Pelas 10 horas para as 11 da noite, chegou ao forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo um preto fugido do inimigo que, andando sempre pela praia com água pelo pescoço, com receio de o não [re]colherem veio ter ao dito forte aonde falou à sentinela para que lhe não atirassem. Botou-se-lhe um cabo e por ele subiu para cima e se levou ao governador em fazerem-se suspeitas por que em desertores ainda que falem verdade nunca é bom haver confiança, mas como estas eram possíveis e a nosso favor, as referirei aqui. Primeiramente, perguntando-se-lhe que gente teria o inimigo disse que 500 entre pagos e vizinhos e 2 mil índios Tapes. E admirando-nos dos mais que faltavam para o número que se dizia respondeu que lhe tinha morrido muita gente de balas e outros fugidos. Disse que o seu governador pretendia mudar-se para o sítio de Nossa Senhora da Oliveira, aonde queria firmar seu arraial, para o que fazia [56v] [in]tenção conduzir artilharia no dia seguinte e mais petrechos de guerra, por experimentar neste lugar muito dano e outros inconvenientes.

Em 22, domingo, ao nascer do sol, disparou o inimigo uma peça. E daí até a noite não fez operação nenhuma, nem da Praça se lhe fez, senão atirar-se-lhe 5 peças. De tarde se viu alguma artilharia para a banda da Barragán [que], entendeu-se, serem os nossos navios. Pelas 5 para as 6 horas da tarde, chegaram 2 índios e entre algumas coisas que disseram de menos circunstância

acrescentaram que ficava para vir outro com uma carta do seu sargento-maior para o nosso governador.

Em 23, segunda-feira, se observou andarem carreando madeiras para a parte do Arraial de Veras e virem outras para a baixa de Santo Antônio. Supôs-se andarem mudando alguns trastes, [a]os quais se lhe atirou [com] algumas peças, das quais foi louvável um tiro, caindo a bala entre as carretas, se viu ficar uma. Das 4 horas da tarde por diante se lhe atirou algumas peças e não houve mais movimento de parte a parte. Depois das ave-marias [18hs] chegaram 3 Tapes que logo se levaram ao governador.

Em 24, terça-feira, ao romper do dia se expediram os ditos índios. Deles se soube tinham os seus maiores pedido licença ao [governador] Salcedo para se irem, o que não quisera conceder-lhe, mas que sempre andavam nessa diligência porque diziam os tinham enganado e não queriam pelejar com os portugueses. Neste dia, até o jantar, atirou o inimigo 18 peças, [57] dirigidas as balas para o trem,[53] aonde saiu ferido um oficial de entalhador que aí trabalhava com uma ferida na cabeça de um estilhaço. E até a noite dispararam 24 que não fizeram prejuízo.

Por 3 índios Tapes que, ao tocar das ave-marias entraram na Praça, se retificou a notícia de se quererem mudar [com] o [governador] Salcedo para a Oliveira. E perguntado para que era uma barraca grande que aparecia principiada na estrada que toma para o Arraial de Veras, disseram que era para ter aí uma guarda e que o dito [governador] Salcedo dizia que não queria que os portugueses dissessem que não sabia pelejar, por estarem fechados na Praça e para que saíssem se retirava para mais distante. Mas eu digo que, se pelo tempo adiante assim sucederá, como com efeito sucedeu a 4 e 6 de outubro deste mesmo ano, que não era por esse motivo, antes entendo se receava de algum assalto. Neste dia

[53] Trem da artilharia. São as peças de campanha, os canhões e as carretas que puxam por eles. BLUTEAU. Em Colônia o trem fiava perto da porto, conforme o mapa do padre Diogo Soares.

alguma artilharia se lhe atirou, que reduzida a número seria 26. Nesta noite se teve suspeita ter o inimigo diferente movimento por que até o presente depois que pôs sítio à Praça nunca tinha atirado de noite, o que até nesta em que [57v] disparou 12 até o dia, de meia em meia hora.

Em 25, quarta-feira, continuou o inimigo com a sua artilharia e algumas granadas que, no decurso de todo o dia, seriam 20 peças e 7 granadas. Na manhã deste dia se expediram 5 Tapes dos que tinham entrado nos dias antecedentes. De tarde se ouviu muita artilharia para as partes da Barragán. Entendeu-se serem os nossos navios pelejando com os castelhanos que, com a sua vinda, se soube ser certo. Nesta noite não houve movimento da parte do inimigo e, das 10 para as 11 horas da noite, se lhe atirou do baluarte da bandeira 3 peças para a sua fortaleza. E não sei se o motivo de se atirar àquelas horas seria alguma notícia que dariam 5 índios que, na madrugada daquele dia, tinham entrado ou se seria o ter-se ouvido àquelas horas algum rumor de trabalho na dita fortaleza.

Em 26, quinta-feira, assim que clareou, se viu [que] tinha o inimigo desfeito a sobredita fortaleza e casa de que atrás falamos de Sampaio. E era o trabalho que de noite se tinha ouvido. O intento com que demoliu esta casa de certo se não sabe mais quanto disseram o preto desertor e os Tapes. Até o meio dia fez a Praça 20 tiros de artilharia e lançou uma granada. Pelas onze horas do dia chegaram mais 5 índios [58] que se encerraram na casa do governador, assim como se fazia a todos os que vinham aonde estavam até que eram expedidos. De tarde, com 6 peças que disparou o inimigo, saiu ferido um negro escravo de Francisco Gonçalves, casal de que veio a mulher, pelas 10 horas da noite; [ela] deu parte à nossa ronda de fora [que] sentia rumor de gente e tropel de cavalaria, por cuja razão se lhe atirou por aquela banda 3 peças com bala mestra e miúda, ficando o tal tropel logo em silêncio. E, perto das 11 horas, se ouviram 5 peças para a banda da

Barragán. O restante da noite se passou com sossego, mas [continuamos] sempre vigilantes.

Em 27, sexta-feira, vindo-se recolhendo a ronda, ao tocar da alvorada, foi mandada em pôr 5 Tapes que estavam dentro e logo que fizeram se recolheram. Assim que clareou o dia avistaram-se de fronte da Praça, para a banda do sul, 2 embarcações ancoradas. E conhecendo-se ser uma corveta e uma lancha. E pelas dez horas se fez esta à vela na volta de terra, buscando um navio nosso que se achava fundeado de fronte da fortaleza de São Pedro e, chegando a ele, tornou a virar [58v] no mar. E não se soube a causa daquele movimento. Entendeu-se ser o Quintão e a lancha do capitão José Ferreira de Brito que tinham ido acompanhar os nossos navios a Barragán. Pelo meio dia se atiraram da Praça 4 peças aos inimigos, sem mais movimento de parte a parte.

Depois das ave-marias chegou a terra a dita lancha. E deu notícias de que os nossos navios tinham entrado na Barragán. Porém, que não puderam chegar aos castelhanos por falta de fundo e, desse lugar, lhe fizeram algum fogo. E em sondar aquela enseada e outras diligências que se fizeram para verem se podiam chegar gastaram alguns dias, em que tiveram lugar os castelhanos de desaparelharem os seus navios de massames[54] e artilharia, que logo puseram em terra, formando com ela vários ataques, de donde atiravam aos nossos com muita força aonde feriram 2 artilheiros da almiranta.

Por falta de fundo não podiam os nossos chegar porque os castelhanos tinham os seus encalhados pelo lodo e, como os ditos fortes os defendiam, ainda que não lhe fariam os ditos fortes total impedimento se o fundo ajudasse os nossos. E nestes termos mandou o comandante sargento-mor esta lancha acompanhada desta corveta a dar parte do sucedido ao governador. Nesta noite se deu princípio a uma estacada na parte de fora [59] da muralha, abaixo do baluarte de São João, ao correr da muralha obra 10, 60

[54] Maçame [ou massame]. Termo náutico. É todo o encordoamento da nau... BLUTEAU.

[?] passos arredado dela até a praia. O trabalho que nesta noite se fez foi abrir-lhe a vala para, na seguinte, se lhe cravarem as estacas.

Em 28, sábado de madrugada, se impuseram 5 Tapes para fora, entrando ao mesmo tempo 3. Avistou-se da barra uma embarcação e, havendo votos que parecia a balandra[55] de Antônio da Costa Quintão que se esperava carregada de farinha, se pôs em fugida, dando sinais de ser inimiga, por cujo motivo foi mandada a dita corveta e lancha a seguirem. Ordenou o governador da Praça [que] se achassem em palácio todos os oficiais de guerra, de capitão para cima, para se fazer conselho sobre a resolução dos nossos navios da Barragán. Não direi do que resultou do dito conselho por que me não veio notícia, só direi tornou a sobredita corveta aos navios. E o movimento que houve neste dia foi disparar o inimigo 4 peças e do Baluarte da Bandeira também se lhe atiraram obra de 20.

Nesta noite se continuou a estacada que se tinha dado princípio no antecedente. Assistiu a feitura dela [59v] o tenente general Pedro Gomes de Figueiredo e João Gonçalves, gastando a noite toda nesta operação, dispondo o necessário e útil para a dita obra. Tendo o dito João Gonçalves o encargo de pagador em todas as obras da fortificação, dado pelo governador da Praça. E era necessária guardar-se aquela gente de qualquer movimento do inimigo com guarda de gente de guerra, pelo que foi nomeado o alferes Antônio Pereira Vassalo e o sargento Manuel Soares Dorneles, com 20 soldados armados. Os quais se ocuparam, enquanto durou o trabalho daquela noite, no terreno, encostados [sic] às obras de Nossa Senhora do Rosário, com sentinelas algum tanto mais avançadas. E recolheram-se todos pelas 3 horas da noite. Em o dia antecedente esteve com o mesmo encargo o alferes

[55] Balandra. Embarcação de um só mastro, com coberta, usado para transporte costeiro, especialmente no Peru e nas Filipinas. Também designava um veleiro de um mastro de espicha ou de latino quadrangular, com velas de proa, utilizada no Mediterrâneo. GODOY. Op. Cit., p. 662.

Pedro Frutuoso e o sargento Matias Francisco Tibau com outros 20 soldados. E recolhendo-se pelas 2 horas.

Em 29, domingo, ao romper do dia, viu a nossa ronda de fora caminhar 5 pessoas, endireitando para a Praça. E como tinham ordem de deixarem chegar só 3, desconfiando de serem mais, desfecharam com 3 tiros. E querendo segundar com mais, divisaram um deles batendo as palmas e conheceram serem índios Tapes que vinham com o interesse do tabaco e aguardente com que se convidavam. Pelas 11 horas do dia se avistou um homem buscando a muralha [60]. E como este mostrasse algum receio se lhe ordenou que podia chegar e, dando-se parte ao governador, mandou que entrasse. Indo o sargento Brás dos Santos com 2 soldados a fazê-lo entrar e executando-se assim se levou à presença do governador, do qual se não soube novidade por que se deu alguma foi ao dito governador, despedindo-o pelo meio dia sem falar com pessoa alguma. Divulgou-se depois da sua saída que, sendo perguntado por algumas coisas, falara tão variado que não merecia crédito e que por esse respeito o mandara lançar fora.

Esta tarde chegaram 5 índios e dizem [que] um deles era o seu sargento maior que vinha despedir-se do nosso governador e dar-lhe os agradecimentos pelo bom agasalho que tinha feito aos seus índios. Perto da noite se atirou da Praça 2 tiros, sem haver mais movimento em todo o dia. Nesta noite seguinte se não trabalhou na estacada atrás referida e parece o permitiu Deus assim, porque no decurso desta noite disparou o inimigo 7 peças com bastante intervalo entre uma e outra. E todas apontadas para a estacada e cada uma das suas lhe correspondia a Praça com 2, com pontaria para a sua fortaleza.

Em 30, segunda-feira, [60v] se despediram para fora os Tapes, entrando ao mesmo tempo 3. Logo que amanheceu foi enviada a corveta do capitão João da Costa a Barragán com carta do governador para o sargento-mor Tomas Gomes. Divulgou-se que os mandava retirar, pouco gostoso do nada que fizeram. Na noite seguinte se deu fim à estacada já acima mencionada e para a

sua guarda fizeram tirar para o sobredito sítio do Rosário o alferes Antônio Pinto e o sargento Lourenço Francisco, com 20 soldados. Os quais, incorporados com a ronda de fora, impuseram 20 e tantos índios que se achavam na Praça, em que entrava o sobredito sargento-mor e um capitão de outro povo. Logo que a nossa gente se recolheram [sic] disparou o Baluarte da Bandeira 12 peças para o ataque do moinho de vento, por se ter observado andar lá gente, disparando ao mesmo tempo o inimigo 6 peças com algum intervalo entre uma e outra.

Em 31, terça-feira, ao romper do dia, saíram para fora 5 índios. E pelo decurso do dia entraram outros. E já saíam sem receio dos castelhanos, o que não faziam ao princípio. Sobre a tarde chegou a corveta do Quintão. E botando o bote a terra embarcou nele o sargento-mor Tomas Gomes e o capitão de mar e guerra da capitânia e almirante, que todos juntos foram falar ao governador. Neste dia não houve mais que atirar o inimigo duas peças a uma pouca de gente que se achava lançando uma rede na praia do trem, que não fez prejuízo. E da Praça também se lhe atirou 6, por não [61] haver ocasião para mais. De noite, indo uma lancha da Praça a conduzir uma pouca [porção] de carne fresca, por ajuste que tinha havido, foi sentida do inimigo, de forma que não foi pequena felicidade vir outra vez à Praça.

Em o primeiro de fevereiro, quarta-feira, não fez o inimigo movimento algum. Da Praça se lhe atiraram algumas peças a várias partes donde se avista gente. Em todos esses dias passados não houveram granadas que o inimigo lançasse. De noite se deu princípio a outra estacada [na] parte do sul do baluarte novo, ao correr da muralha até perto da praia, obra de 200 passos arredada do Baluarte da Bandeira, para cuja guarda se nomeou o alferes João de Macedo Pereira [e] o sargento Francisco Xavier da Silva, com 20 soldados, que passaram a noite enquanto durou o trabalho, com sentinelas avançadas.

Em 2 do dito mês, ao recolher-se a nossa ronda, trouxeram um índio que já estava ao pé da muralha. Levou-se ao governador,

em cuja presença disse [que] não queria tornar e que vinha desertado, pelo [sic] terem maltratado os castelhanos, porquanto o tinham achado matando vacas, inferindo serem para embarcarem na lancha que tinham corrido. E, prendendo-o, depois de lhe darem muita pancada, assim como fizeram a mais 4 que com ele estavam, teve meio por um amigo seu para se escapar, ficando os outros em apertada prisão. [61v]

Em todo o dia não fez o inimigo mais movimento que atirar de tarde uma peça e da Praça se lhe atiraram bastantes, com mui boa pontaria. Pelas 9 horas da noite, ou perto delas, se viu lançar o inimigo fogo a sua fortaleza de Sampaio. E esteve ardendo toda em roda, porque era toda de faxina, toda a noite. E, por reconhecer-lhes andaria lá gente, se lhe atirou alguma artilharia e passou-se a noite sem outro movimento.

Em 3, apareceu a dita fortaleza toda queimada, ficando só os parapeitos, dos quais tinham caído muita parte quando se queimaram os cordões. Na mesma noite passada atacaram fogo também à parte do ataque do moinho de vento que, ao apartar-se dela, tinham deixado ainda em pé. E querendo o governador da Praça descobrir aquela campanha [e] desfazer algum restante da faxina que o fogo tinha deixado, para não só se aproveitar alguma [coisa] mais suficiente, mas também para que o inimigo se não tornasse a valer dela nem daquela obra, ordenou fossem o capitão Domingos Lopes Guerra, o alferes Francisco Saraiva, os sargentos Barros dos Santos e João Gonçalves, com 80 soldados, para que executassem a dita diligência com cautela possível. [62]

Saindo a cumprir esta ordem, pelas 7 para as 8 horas do dia, adiantando-se a descobrir campo 3 ginetes, um dos quais era o ajudante da Praça, José de Morais. Em seguimento e reserva deste corpo se expediu logo o capitão João de Abreu e o tenente Pedro Pereira e 50 soldados. Chegando ao dito ataque, mandou o dito capitão Domingos Lopes dividir aquele corpo em 2 esquadras para que, ficando uma sobre as armas, se ocupasse outra em apagar o fogo e a tirar faxina, empregando-se esta diligência até o meio-dia,

em cujas horas se recolheram à Praça com bom sucesso, fazendo-se reconduzir para dentro tudo o que se achou de préstimo, tempo em que o governador tinha mandado tocar caixa a recolher para o sinal. Em todo este dia não fez o inimigo demonstração alguma e só se viam alguns ginetes e sentinelas que, de longe, no alto da atalaia e em Francisco Gonçalves, estavam de vigia. E passou-se o resto do dia e noite seguinte com algum silêncio.

Em 4, sábado, ordenou o governador segundasse ao dito ataque, para se acabar de tirar a faxina e estacas. Executando esta diligência o sargento maior Manuel Botelho de Lacerda, o capitão Plácido Alves, o capitão Teodósio Gonçalves, o capitão Domingos Lopes, o ajudante Manuel Nunes, o alferes Silvestre Teixeira, os sargentos Francisco Xavier da Silva, Matias Francisco Tibau e Francisco de Figueiredo, com 150 soldados. Com este corpo de gente saiu também, por ordem do governador, João Gonçalves Casão com 80 negros, armados com lanças e chuços, com os quais conduziu cordões de faxina, estacas e algumas balas de artilharia que se acharam, ocupando-se o dito nesta diligência até a noite, tendo executado a mesma diligência no dia antecedente.

Em 5, domingo, mandou o tenente general Pedro Gomes, por ordem do governador, que a ronda que se havia de recolher à Praça ao romper do dia deixasse uma sentinela no dito ataque desfeito, a qual, sendo cometida de alguns ginetes do inimigo, se pôs com cautela, disparando-se da nossa Praça obra de 8 peças que logo os fizeram retirar. De manhã partiu a corveta do Quintão a levar para seus navios ao sargento-mor Tomas Gomes e os mais oficiais que na dita tinham vindo [63] a chamado do governador.

Antes do meio-dia chegou à Praça um índio Tape e já no dia antecedente tinham chegado 2. E disseram que umas barracas que apareciam na estrada do Arraial de Veras, que se achavam quase sós e com pouca gente, e que as tinham ali por forma. Deram notícias aonde o inimigo tinha a sua cavalhada, aonde se achavam os índios que, segundo disseram, era na lagoa do Vicente. E que a sua cavalaria ronda costumava rondar de dia e de noite, por de trás

da lomba de Santo Antônio. Acrescentaram que o padre da Companhia que os governava tivera umas conferências com o governador e que por essa causa estavam todos de partida para suas terras. Nesta noite seguinte foi nomeado o sargento Lourenço Francisco para a patrulha de noite, que já nas antecedentes se tinha acrescentado o número de gente por certas causas, cujo motivo se dividiu a dita ronda em 2 corpos. Nesta mesma noite vieram à Praça 2 índios Tapes e trouxeram 2 reses e 2 cavalos, os quais, sendo sentidos da patrulha do sul, os pôs esta em algum aperto, disparando-lhe 5 tiros de espingarda que os não ofenderam por se acharem longe.

Em 6, segunda-feira, logo que amanheceu, querendo-se a dita patrulha recolher para dentro, sendo primeiro mandada descobrir campo como era costume [63v]. Nos mais dias pôs o sobredito sargento sua gente em terra e, marchando pela baixa adiante das casas do tenente Manuel de Souza, descobriu não haver movimento algum subindo pela lomba arriba, se foi incorporar com outra que se achava ao ataque desfeito do moinho de vento. E logo se mandou dar parte à Praça de não ter novidade naquela noite até segunda ordem.

Enquanto esperava ordem para se recolher sucedeu que, distraindo-se um soldado do domínio desta patrulha, a tempo que o dito sargento se achava ocupado com outra aplicação, levado este soldado da curiosidade de saber e ver a fortaleza de Sampaio, se foi a vê-la sem licença e, correndo-a em toda em roda, voltou para o seu corpo dando notícias de como se achava e de sua figura. Causou este excesso alguma emulação a outro soldado que com a mesma sagacidade se foi aperpincando [sic] à dita fortaleza, passando logo ao alto, donde esteve a nossa atalaia e, posto em cima das pedras explorou todo aquele campo e mais partes circunvizinhas em que, segundo disse depois, não aparecia pessoa alguma.

E como o dito soldado se demorasse mais do que devia fazê-lo, foi preciso ao dito sargento mandar 3 do dito corpo a reconduzi-

lo solícito, na consideração de o ver tão apartado, não tendo a certeza de se ir desertado para o inimigo. Em tempo em que já ele vinha de retirada e querendo os 3 também curiosamente descobrir o campo também no alto das pedras, vieram ao pé de umas barracas, tinham subido a cavalo 5 ginetes e botaram-se atrás deles e logo se puseram em retirada para o corpo de gente [64]. Mas o fizeram com tanta pressa que em poucos instantes se não pusessem quase ao pé da atalaia [?]. E assim que o dito sargento os descobriu, marchou com sua gente formada a buscá-los e cobrir os seus 3, achando já estes muito perto dos 5 do inimigo, pondo-se logo em termos que já lhe ficavam debaixo das armas. E [n]esta operação os 5 do inimigo [fizeram] uma parada, revoltando em meia lua, e deram lugar para marchar com mais sucesso um dos 3 nossos que, descansado, se tinha retirado a um barranco, mas tornando a segui-lo continuou o dito sargento na marcha, não querendo disparar arma sem ser de perto, para melhor se empregarem.

E neste tempo se atiraram dos baluartes 3 peças e de uma bala da qual escapou prodigiosamente um deles, vestido de encarnado, que, segundo mostrava, cá depois se soube, era o seu sargento maior e comandante Dom Francisco Neto. Livrando[se] desta ocasião veio sempre a morrer nas mãos dos portugueses, como adiante refiro, pela que foram obrigados os 5 do inimigo, de que falo, a retirarem-se. E unidos os nossos quatro ao corpo, se recolheu este à Praça, deixando 4 sentinelas divididas no alto do curral, por assim lhe ordenar o governador, para divisarem melhor algum movimento do inimigo. E estiveram até o meio-dia, em cujas [64v] horas foram mandadas retirar. Passou-se por ordem na noite deste dia que se continuaria com os ditos sentinelas todos os dias, nos sobreditos lugares ou donde a necessidade o pedisse, correndo pelas companhias do terço, principalmente pela do Mestre.

Em 7, terça-feira, deu-se princípio a fazer a muralha de pedra no lugar da brecha porque até ali o conserto que se lhe tinha

feito era de faxina, em ordem a tapar. De donde se tirou muita madeira, digo, muita bala de artilharia que o inimigo tinha metido quando a bateu. De tarde chegaram da Barragán os nossos navios, com cuja vinda se divulgou ia a almiranta para Montevidéu esperar uns navios nossos que se esperavam.

Pelas 11 horas se avistaram da Praça 2 lanchas do inimigo. Houve que[m] disse que eram 3 [os] que tomaram [o] caminho do Arraial de Veras. E em todos esses dias passados se observou não se estender o inimigo do alto de Sampaio para a Praça, desde o dia em que deixaram a dita fortaleza. E, por acaso, apareceu algum com bastante distância, por cujo motivo se iam alguns moradores com licença a verem as ruínas das casas dos casais e hortas que dantes haviam perto da Praça, mui bem destruídas e desbaratadas.

Em 8, quarta-feira, mandou o governador passar ordem que todos os moradores da Praça fizessem resumo de tudo o que tinham perdido nesta guerra, de casas, chácaras, gados, cavalos, escravos e outros bens e que os apresentassem na secretaria até sábado a noite [65]. Entende-se seria para dar conta de tudo a Sua Majestade. Até o presente se não teve por certo o sítio aonde se achava arranchado o inimigo, por que uns diziam estava em o Arraial de Veras e outros que tinha ido para São João, aonde queria fortalecer-se e outros que foi mais certo em Nossa Senhora da Oliveira.

Em 9, quinta-feira, se passou mostra a todo o destacamento do Rio de Janeiro e se distribuíram pelos postos que se lhe assinalaram, retirando-se as ordenanças que os guarneciam.

Em 10, sexta-feira, pelas 11 horas para o meio-dia, andando uma canoa lançando fora da muralha, algum tanto distante, apareceram 3 ginetes pela Cova da Traição. E vindo-se avizinhando a ela foram embaraçados de uma bala de artilharia que se lhe atirou do baluarte da bandeira. E pelas 3 horas da tarde atirou o inimigo 2 peças a outra canoa, andando pescando na ilha dos Fornos, que não fez dano. E então se verificou ter o inimigo peças

no lugar das suas barracas. De tarde chegou uma balandra de Antônio da Costa Quintão carregada de mantimentos.

Pelas 11 horas da noite, chegou desertado do inimigo um castelhano, que logo se levou à presença do governador, de cujo se retificou [65v] de serem mortos os 3 companheiros de Domingos Fernandes e o padre que também com ele tinha ido e da certeza de estar o dito prisioneiro com os mais companheiros em Buenos Aires. Noticiou que o inimigo tinha uma guarda no Rosário e outra em São José. Cada uma de 12 soldados para lhe fazer aviso de algum movimento, porque corria entre eles certa mentira que os nossos paulistas vinham por terra. Como também disse que o governador Salcedo se achava na barraca grande que aparecia branquejando [?].

Em 11, sábado, chegou ao ancoradouro a dita balandra vinda de Paranaguá, pelo não [o] poder fazer no dia antecedente. E dizem [que] traz 2500 alqueires de farinha de mandioca, comprada lá a 800 réis. Deu notícias que no Rio de Janeiro, Santos e Minas já se sabia da guerra e sítio da Colônia e que o governador [de São Paulo], conde de Sarzedas, tinha despedido aviso ao governador Gomes Freire, governador das Minas. E que tinha chegado à dita vila uma embarcação da Bahia dando notícias [que] se preparava socorro para esta Praça e que o mesmo fazia o governador de Pernambuco.

De tarde, pelas 3 horas, desertaram 3 ingleses em uma lancha do capitão José Ferreira [66] de Brito, os quais, não havia muito tempo, tinham saído da prisão, por se ter neles suspeita. O poderiam fazer seguindo 2 companheiros que, no princípio, tinham fugido em o bote do bergantim Del Rei, de que atrás falei, a cuja lancha se atirou algumas peças, mas, como já ia longe, lhe não prejudicaram, indo por dar na praia, ao pé das barracas do inimigo, [onde] metendo-lhe gente sua a expediram para Buenos Aires.

Em 12, domingo, pelas 2 para as 3 horas da tarde, chegaram desertores dois peões a cavalo, os quais um tinha estado na Colônia

e nela era casado. E disseram vinham de Montevidéu e que tinham dormido em o Rosário a noite passada. Nesta noite seguinte partiu a almiranta para a Barragán, por ordem do governador.

Em 13, segunda-feira, pela manhã, se ouviram peças. Supôs-se seria a almiranta salvando a capitânia, que tinha ficado na boca da enseada da Barragán. Quando os mais navios se retiraram, pelo meio-dia, saiu para fora o ajudante José de Morais, com 15 soldados, que, juntamente com o alferes Silvestre Teixeira, se puseram de emboscada para boa cautela. Enquanto o dito ajudante falava com um castelhano sobre certo negócio oculto, com senha para aquelas horas, se acharam adiante da chácara do tenente Manuel de Souza. De tarde chegou a nau almiranta, vinda [66v] da Barragán. Inferiu-se [que] ia dar aviso à capitânia de ter desertado a dita lancha; para se não fiarem nela, pois tinha ido também à mesma diligência. Em todos estes dias passados se não tem avistado ginete do inimigo, senão alguns de vez em quando, não passando nunca de 20 ou 30, com que rendiam as patrulhas e as sentinelas. De alguns índios que vinham dentro se soube andarem quase diferentes com os castelhanos, porque em vários encontros se tinham maltratado e mortos uns aos outros e que entendiam tomariam a última resolução.

Em 14, pela manhã, mandou o governador chamar para conselho todos os capitães e mais oficiais de maior graduação sobre a súplica que lhe fez o sargento-mor Tomas Gomes para o mandar retirar da enseada de Barragán. E não tendo por certo o que se resultou mas, falou-se, que lhe mandara o governador em resposta que não convinha irem aqueles navios sem virem outros de tanta e maior força que se esperavam e que estando no posto importava ao real serviço se ocupasse no dito posto para impedir a saída de qualquer dos navios do inimigo. De tarde se dispararam 2 peças a uns cavaleiros do inimigo que apareceram na baixa de umas árvores, na chácara de Manuel Duarte.

Em 15, quarta-feira de cinzas, saindo a patrulha que costumava sair de dia se adiantou mais e foram à fortaleza de

Sampaio. E descendo pelo alto da atalaia chegaram à chácara de Francisco Gonçalves, em que não descobriram movimento do inimigo e falaram com 2 castelhanos por lhe acenarem [67] com sinal de paz. Os cabos desta patrulha eram os sargentos Manuel Soares Dorneles e Domingos Nunes Taborda. No decurso de todo o dia se não atirou peça senão pelas 3 horas da tarde, [quando] se dispararam 3 a uns cavaleiros que apareceram.

Em 16, quinta-feira, não houve coisa digna de memória e, no dia 17 do dito mês, pelas dez horas do dia, desertou um soldado de cavalo por nome João Pereira, da companhia do capitão Manuel Teles Correa, tendo saído em guarda dos negros que trabalhavam na muralha, juntamente com outros.

Em 18, sábado, logo pela manhã, se ouviram umas peças para as partes da Barragán. Inferiu-se ser a almiranta despedindo-se deste porto para Montevidéu. Tinha ido pela [sic] Barragán a certa diligência a nau capitânia e neste navio almiranta foram alguns castelhanos com seus lombilhos, que na Praça tinham ficado no princípio do sítio para se botarem, e falou-se iam até o Rio Grande a certa diligência.

Em 19, domingo, vindo-se recolhendo a ronda, que no dia antecedente tinha saído para rondar de noite, topou [com] um mulato desertado do inimigo e disse vinha do arraial de Nossa Senhora da Oliveira e que era cativo de um vizinho de Buenos Aires que de presente se achava ali. Deu notícia era ido para a dita cidade o governador Salcedo e que se tinham desamparados aqueles campos de grande parte de vizinhos, querendo acudir [67v] às suas casas, enfadados do prolongado tempo e muito trabalho que tinham aturado.

Soube-se ter o inimigo passado para a outra banda a sua artilharia, balas e mais petrechos. Depois do meio dia, saindo alguma gente da Praça a advertir paisanos e particulares até o alto do Quintão e da atalaia, foram buscados de uns cavaleiros do inimigo. Trataram os nossos de se ajuntarem no dito lugar da atalaia, porque viam virem crescendo mais ginetes que, com toda

força, os rodeavam com vários tiros de espingarda. E como esta gente era ordenanças, que não sabem nem observam forma e união, receosos alguns se puseram em caminho, buscando a Praça com toda a pressa, deixando os outros já bem apertados do inimigo, que escaramuçando lhe faziam grande perturbação, foram perzicados [sic] a virem-se retirando, ganhando o terreno de Nossa Senhora da Conceição, aonde fizeram alto por alguns instantes, com bastante fogo de parte a parte, de que saiu um dos nossos ferido.

Já dos baluartes se lhe atiravam algumas peças e, para se livrarem das balas, usavam de se espalharem. Obrigados porém os nossos de tantos que a cada passo se mostravam mais se resolveram a fugirem para dentro, sem ordem, botando-se cada um quanto melhor podia para a baixa das casas, que é o que o inimigo queria, porque assim que os viu em tal desordem e desunião tomou um mui bom corpo e, marchando a toda a rédea pela baixa do Quintão, por onde a nossa artilharia lhe não fazia mal, tomando a calçada da horta [68] do governador, lhe saíram ao encontro a muitos que, como vinham espalhados e sem ordem, lhe foi preciso arrimarem-se a algumas paredes de casas, de onde lhe fizeram algum fogo. E achando a um soldado no largo da Polônia [?] que, por acaso, tinha também saído com a sobredita gente, o acometeram alguns ginetes e em um disparou a sua espingarda, mostrando-se com grandioso valor porque, rodeando os tais, defendeu-se [o] quanto pôde com o coice da espingarda, sem que houve quem lhe acudisse, porque cada um, como eram paisanos, só buscavam o remédio de se escaparem. E pelejando nesta forma multiplicaram-se-lhe tanto as lançadas que de todo o mataram com 6 brechas de boa marca e, que, rendendo-lhe acudir um frade leigo de São Francisco que também tinha ido e se achava mais acima, foi também cometido de outros tantos, com quem também pelejou valorosamente com uma espingarda. Mas vendo [que] eram muitos, a quem não podia escapar não tendo socorro, não teve remédio senão render-se, o que não foi bastante para que

um soldado de bem mau coração lhe não desse com o coice de uma arma de fogo na cabeça que o maltratou, recebendo também nessa ocasião uma cutilada que o não molestou por desviar dela o melhor que pôde. E assim o levaram prisioneiro.

Dos baluartes se lhe não podia [68v] atirar peças, porque ficava a dita baixa encoberta a elas [e] ainda que ficasse em alguma parte descoberta era atirar debalde, porquanto tudo eram paredes de casas por onde se encobriam nos parapeitos das muralhas. Não faltava gente e soldados lamentando aquela desgraça e maldizendo-se de raiva de não deixar o governador sair gente a tomar-lhe o encontro. E, doendo-se daquela desordem, uns desobedientes se lançaram das muralhas abaixo e outros mais racionais se resolveram a fazer súplicas ao tenente general Pedro Gomes de Figueiredo para aquela expedição que, a vozes chorando, queriam acudir a seus camaradas. Mas como este se não queria meter nela sem expressa ordem do governador, ainda que como tão honrado e valoroso oficial, bem queria ele mesmo pessoalmente sair para mostrar e desempenhar o seu alentado procedimento, deu parte ao governador com súplicas.

Que logo [o governador] mandou sair o capitão de infantaria Domingos Lopes Guerra, com 40 soldados que, por não haver para mais número se recusaram os muitos, que desejosos estavam esperando à porta falsa. E chegando aos ditos casais a tempo que já os castelhanos se punham em retirada não tiveram lugar de outra operação se não de especular se achavam alguns do inimigo em quem executassem a sua vontade que a levavam de alentados soldados [69]. Mas, como eles andavam de cavalo, logo se sacodiram para fora ainda alguns que tinham ficado atrás. E assim se recolheu o sobredito capitão, fazendo conduzir para dentro o sobredito defunto nu e com tão horrendas feridas que causava lástima. A nossa artilharia, enquanto se andou com esta tragédia, algumas peças atirou quando se chegava [a] avistar para cima de três ginetes, que dizem caíram 2, avistando-se ficarem os cavalos sós. Este soldado era muito alentado e de conhecido valor. Filho da

Colônia e nela casado, com 4 filhos e duas filhas, e chamava-se Pedro Gonçalves Macieira. Desta função saiu ferido um casal de uma lançada em um queixo, de que escapou.

Em 20, segunda-feira, pelas 10 horas do dia, apareceu uma embarcação da banda da Barragán. E, chegando-se mais ao perto, se conheceu era a capitânia que vinha buscando a Praça. E deu fundo perto da noite ainda distante.

Em 21, terça-feira, pelas 9 para as 10 horas do dia, chegou um castelhano com uma caixa que trazia carta para o nosso governador. Mandou-se entrar e levou-se ao governador. Divulgou-se que pedia nela a João Gonçalves em troca do padre que lá tinham [69v]. Dizem que fora a resposta [do governador] que não estava por isso e que se deixasse lá estar o padre, que a seu tempo [voltaria], como os mais que lá se achavam.

Em 22, quarta-feira, pelas 11 horas do dia, se avistou da nossa Praça bastante gente formada vir marchando junto das barracas do inimigo em esquadrões; supôs-se seriam os 400 correntinos[56] que, houve notícia, estavam a chegar de socorro.

Em 24, ao tocar da alvorada, topou a nossa ronda com 8 índios Tapes abaixo da praia do sul, adiante das casas do tenente Manuel de Souza, que andavam bem apertados da cavalaria dos castelhanos para os levarem a castigar, como tinham feito a outros que apanharam caminhando para a Praça. E obrigados os ditos 8 se tinham metido no rio onde os perseguiam. E, ao mesmo tempo, foram socorridos da nossa ronda que, buscando os castelhanos, foram estes constrangidos a porem-se em retirada, dando lugar aos 8 índios a virem para a Praça. Com a nossa ronda e de noite tornaram os ditos índios a sair.

Em 25, sábado de manhã, achou a ronda na praia, na parte do norte, um índio morto com uma lançada em um braço e uma bala na cabeça. Supôs-se ser um dos 8 que faltou [e] que o tinham morto os castelhanos quando os tinham perseguido [70].

[56] Milicianos de Corrientes.

Em 27, segunda-feira, apareceu na praia da banda do sul outro Tape morto, que se mandou conduzir para se lhe dar sepultura. Nesse dia apareceram alguns esquadrões do inimigo, que faziam caminho para a baixa de Santo Antônio, aos quais se atiraram da Praça 10 peças, que logo se encobriram. De tarde, andando uma lancha de uma galera em procura do leme da mesma embarcação, que com uma tormenta lhe tinha saltado fora perto da ilha dos Fornos, lhe atirou o inimigo uma peça que lhe chegou a bala.

Sábado passado, 25 do corrente mês, mandou o governador passar ordem para se nomear oficiais e 4 soldados de 4 cada companhias para se acharem prontos de piquete para a ocasião que fosse necessário. E neste dia estiveram prontos em seus distritos e que dali por diante se observasse o mesmo.

Em 28, terça-feira, mandou o governador passar nas ordens que fazia a saber a todos os moradores desta Praça que ainda faltavam muitas contas das perdas que tinham recebido na presente guerra pela ordem que já tinha passado. Assim que os que não tivessem dado as fosse[m] logo apresentar à secretaria. Também se passou ordem que dali por diante havia o alferes da artilharia da guarnição do Rio de Janeiro, por nome Manuel de Lima, havia de fazer exercício na dita artilharia 2 vezes no dia a seus soldados, pela manhã e à tarde, na [sic] em o Baluarte da Bandeira, do que também assistiriam os da guarnição da Praça e que, sendo necessário, dar-se fogo a alguma peça para ponto o fizesse.

Em 29 não houve movimento algum. Em todo este tempo [70v] passado se trabalhou na muralha e vai continuando no conserto da brecha, fazendo-se sempre de faxina todos os dias com o terço da Praça [e] o destacamento do Rio de Janeiro. Ao trabalho da gente mencionada assistia sempre o sobredito João Gonçalves Casão com o seu costumado zelo e benefício ao real serviço, satisfazendo também no cargo de pagador com mui boa satisfação.

Em primeiro de março do dito ano, quinta-feira, avistaram-se 4 lanchas castelhanas sobre a ilha dos Fornos. E perto da noite se observou faziam o caminho de São João.

Em 2, sexta-feira, apareceu logo pela manhã uma embarcação para a parte da barra. E, como o vento era fraco e algum tanto escasso, tardou em chegar. Perto da noite chegou e viu-se ser o nosso bergantim que tinha ido de aviso ao Rio de Janeiro. Deu por novidade que vinham de socorro 7 embarcações, 4 navios e 3 bergantins armados em guerra, com gente e mantimentos em que vinha também o socorro da cidade da Bahia, com 3 capitães de infantaria daquela guarnição.

Em 3 não houve movimento algum entre nós e o inimigo mais que avistar-se um esquadrão seu saindo das barracas, tomando para a banda de Santo Antônio e, segundo a sua forma, inferiu-se seriam 200 ginetes.

Em 5, segunda-feira, apareceram 2 embarcações para a banda da barra. Pelas 10 horas do dia e perto da noite chegou uma ao atracadouro e conheceu-se ser a almiranta Corta Nabos que trazia um navio inglês que, carregado de negros, vinha para o assento[57] [71] de Buenos Aires. E, como fosse noticiado pela dita nossa almiranta do estado da Colônia, o trouxe a esta Praça para que o nosso governador dispusesse como lhe parecesse. E assim ficou fundeado de fronte da Praça, fora do ancoradouro dos navios e de tiro de peça. Disse andava fora de Inglaterra a 9 meses. Neste dia partiram da franquia em que estavam o navio Caramogipe

[57] Assento. Ao fim da Guerra da Sucessão Espanhola, a França teve que renunciar a vários privilégios comerciais que havia obtido por ocasião da ascensão de Filipe d'Anjou ao trono espanhol. Entre eles figurava o contrato do *asiento de negros,* uma das principais concessões feitas à Inglaterra por Filipe V para ser reconhecido como legítimo soberano da Espanha nos tratados de Utrecht. A concessão do *asiento* foi feita à Companhia do Mar do Sul *(South Sea Company),* que também conseguiu assegurar o direito de introduzir víveres e roupas para o sustento dos escravos e abastecimento das feitorias, livres de qualquer direito alfandegário. Como os ingleses não possuíam colônias próximas ao Rio da Prata, ser-lhes-ia concedido um terreno em Buenos Aires onde instalariam os escravos recém-chegados do continente africano. Consultar: PANTALEÃO, Olga. *A Penetração Comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713 a 1783.* São Paulo: s/ed, 1946; STUDER, Elena F. S. *La Trata de Negros en el Río de la Plata.* Buenos Aires: Libros de Hispanoamérica, 1984.

[sic], a corveta do Quintão [com] o capitão João da Costa e a balandra para Paranaguá, a conduzir farinhas.

Em 6, terça-feira, não houve movimento que se movesse entre nós e o inimigo. Nesta manhã chegou a terra a lancha do navio inglês com o capitão a falar com o governador sobre o meio que teria para transportar os negros no assento em Buenos Aires. E, segundo se divulgou, assentaram em que viesse para o ancoradouro dos nossos navios e que de lá mandaria um bote a Buenos Aires a dar parte ao presidente [do assento] de como se achava neste porto para que visse a forma de se conduzirem os ditos negros. Tomou o nosso governador este acordo porque não lhe pareceu ir o dito navio só para aquelas partes, receoso não tenha lá alguma ordem com que o represassem e com ele armado [71v] nos fizesse guerra. E suposto não é de tanta força que o pudesse fazer aos navios com que hoje nos achamos, contudo sempre pareceu prudência evitar inconvenientes quando pode ser.

Em 7, quarta-feira, logo pela manhã, se fez a vela o dito navio inglês para a outra banda. E entendo se tomou resolução em ir junto com a nossa almiranta, que foi logo no dia seguinte.

Em 8 do dito mês, quinta-feira, partiu a dita almiranta para as partes da Barragán. Disse-se fora a descobrir mar[58] e observar o movimento que faziam os navios do inimigo na Barragán e daí chegar o sobredito navio inglês.

Em 9, sexta-feira, mandou o governador 3 lanchas à ilha dos Fornos, a conduzir alguma madeira para barracas acompanhadas do bergantim, a quem atiraram os castelhanos algumas peças que não passaram de 8. E suposto [que] lhe não fizeram dano sempre tomou a resolução em se retirar mais para fora e sobre a paz, digo, a tarde se recolheram em paz.

Em 10, sábado pela manhã, apareceu uma embarcação para a parte da barra e, com vento favorável, chegou ao porto antes do meio dia. E era a corveta de Pedro da Silva que vinha de Paranaguá

[58] Descobrir mar: verificar as condições de navegação.

com 2 mil e tantos alqueires de farinha de mandioca para a guarnição [72]. Pelas 3 horas da tarde, chegou um peão dos que tinham servido a Praça em outro tempo [e] deu notícias de se terem ido os Tapes e que [os inimigos] só se achavam com os correntinos vizinhos e pagos,[59] que por todos poderiam ser mil homens.

Em 11, domingo, perto da noite, chegou a esta Praça o padre frei Francisco da Porciúncula, leigo franciscano, que se achava prisioneiro. O qual, indo a Buenos Aires depois de ser curado, o tornou a mandar o governador Salcedo com tal rancor que nem o queria ver nem saltara em terra, porque na mesma lancha o tinha remetido.

Em 12, segunda-feira, não houve mais movimento que deixar-se ver um esquadrão do inimigo que, segundo a operação que mostrava, parecia andar descobrindo campo. Pelas 7 horas da manhã, veio desertado um soldado castelhano [que] retificou de certo o terem se retirado todos os índios Tapes e que, antes da sua retirada, houveram bastantes mortes entre eles com os castelhanos por andarem já diferentes. Conferiu a notícia de se acharem no seu campo com mil homens [72v]. Com pouca diferença, nesta noite seguinte, pelas 9 horas, partiu o nosso bergantim para Maldonado. Divulgou-se ir esperar o socorro do Rio e Bahia.

Em 14, quarta-feira, pelas 10 horas do dia, mandou o governador convocar todos os oficiais de maior graduação, de capitão para cima, assim da terra como do destacamento [do Rio], para o conselho de guerra sobre se querer fazer uma saída às barracas do inimigo. Resolveu-se, segundo correu vulgarmente, que visto se não ter feito a tal saída até o presente se esperasse pelo segundo socorro que se esperava, porque então se podia executar com melhor acordo.

Em 15, quinta-feira, das 7 para as 8 horas da manhã, se avistaram 2 esquadrões do inimigo marcharem das suas barracas

[59] Os "vizinhos" eram os milicianos; os pagos, as tropas de linha.

para baixo da lagoa do Vicente e pouco depois vir um ginete fazer umas escaramuças a uma sentinela nossa. E porque esta se dobrou com outra, que em outro posto estava pouco distante, se retirou, vindo logo 8, de 2 em 2, meter-se na fortaleza do Sampaio. E 2, escaramuçando mais perto, aos quais se lhe atirou da nossa muralha uma peça com bala. E logo mandou o governador pôr prontos no fosso da parte de fora da muralha todos os oficiais e soldados que neste dia se acharam de piquete para o movimento que se oferecesse [73]. De manhã se fez à vela a nau almiranta na volta do mar, uns dizem ia a Barragán e outros que a Montevidéu. Neste dia desertou um soldado da companhia do capitão Plácido Alves, achando-se este de guarda ao aos trabalhadores da parte de fora.

Em 16, sexta-feira, perto do meio-dia, chegou um bote de Buenos Aires com três portugueses fugidos que na cidade se achavam prisioneiros. E também vieram 3 castelhanos [que] deram notícia que se dizia lá antes de chegar o nosso que, por instantes, estavam esperando pelos portugueses da Colônia amarrados e a Praça tomada, mas que tanto que souberam tinha chegado o socorro cessara o tal boato, sem falarem mais nessa matéria. Disseram mais que por negligência não estavam os da Colônia senhores dos navios da Barragán, porque da primeira vez que lá foram os podiam tomar sem resistência e saltar em terra, aonde [os espanhóis] não tinham senão uma pequena quantidade de gente dos navios, porque ainda deles lhe tinha fugido boa parte e que ainda da segunda vez se podia fazer o intento; suposto que já nessa ocasião se achavam com mais gente e mais fortificados, com 2 fortes. Mas que sempre largavam tudo, havendo deliberação porque não tinham gente [que] se pudessem igualar [73v] com os nossos e ainda dos que tinham muitos não eram guerreiros. Estes portugueses, de que acima falo, tiveram ocasião de se esconderem e fugirem, tendo-os o [governador] Salcedo mandado degredados para a terra dentro como fez a todos os que lá se achavam quando

quis dar princípio a esta guerra, de sorte que ou casar e pegar em armas ou [serem] desterrados.[60]

Em 18, domingo, 5.a [sic] não houve novidade. E só no dia antecedente tinha fugido um soldado do destacamento do Rio de Janeiro, da companhia do capitão Antônio Carvalho de Lucena.

Em 19 do dito mês, não houve movimento de parte a parte. E só no dia antecedente avistaram-se 4 castelhanos marchando de 2 em 2 para o alto da atalaia, aos quais se lhe atiraram 2 peças e logo desceram para a baixa. E neste [dia] se viram 2 ginetes na Cova da Traição, a quem se lhe atirou uma peça do forte da Nossa Senhora do Monte do Carmo, de que se encobriram na dita cova, aonde têm uma guarda de 12 soldados e um cabo de esquadra.

Em 22, quinta-feira, se atiraram do forte de Nossa Senhora do Carmo 3 peças a uns cavaleiros que saíram da Cova da Traição. De tarde se observou andar trabalhando alguma gente junto da dita cova e atirou-se-lhe 8 peças. Inferiu-se que aquele trabalho seria [para] fazer acento para montarem alguma peça para com ela impedirem a pescaria às canoas na praia dos casais do norte [74].

Em 24, assim que amanheceu, foi a nossa ronda descobrir campo até ao pé de Nossa Senhora da Conceição. E foi um dos 2 sargentos cabos daquela ronda com 3 soldados até a fortaleza de Sampaio a divisar se era certa a suspeita que se tinha da guerra de querer o inimigo pôr uma peça adiante da Cova da Traição. E descobriram ser falso, pois nem indícios tinham visto dessa operação. De tarde chegaram à Praça 2 índios Tapes fugidos, que os tinham cativado os castelhanos na despedida que fizeram os ditos Tapes quando diferentes[61] se foram para as suas terras.

Em 28, segunda-feira, avançou a nossa ronda algum tanto adiante do que costumava e viram chegarem alguns ginetes do

[60] Era prática comum entre os governadores de Buenos Aires de enviarem os estrangeiros para o interior quando havia algum perigo ao porto. Ocorreu em todas as vezes que eles atacaram a Colônia do Sacramento.

[61] Diferenças. Controvérsias, desavenças. BLUTEAU.

inimigo à fortaleza de Sampaio e atirarem alguns tiros, de que saiu ferido um furriel de cavalos, um dos 2 cabos. Bem queria a dita ronda ir buscá-los ao dito lugar mas, acautelando-se de poderem estar na baixa alguma emboscada e estarem eles de melhor partido, foi o motivo de o não fazer, além de não ter ordem dessa execução. E com uma peça que da nossa muralha lhe atiraram se puseram logo em retirada. Pelas 6 horas da noite se observou haver lua gris,[62] ficando o hemisfério denegrido. E durou [74v] 2 horas e meia.

Em 27, de tarde, se avistaram 2 castelhanos junto à Cova da Traição, encobertos com uma lomba areia, aos quais se lhe atirou uma peça do forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo cuja bala, dando-lhe por cima, os obrigou a esconderem-se. Também se avistou de manhã uma embarcação da parte da barra que, segundo mostrava, parecia navio e uma lancha. E, dando fundo a uma vista da Praça, mandou a lancha a terra perto da noite, que foi mandada dar fundo ao pé do forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo. E logo se mandou buscar o mestre que, sem demora, se levou ao governador. E disse era de um navio inglês que se achava fundeado abaixo e pedia prático para vir para cima. E que vinha carregado de negros e que era o navio de quem tinha dito o que se achava em Buenos Aires havia de vir. Mais atrás soube-se que o navio que aparecia era a nossa almiranta Corta Nabos que, por falta de vento, tinha ficado ali. E vinha a dar parte daquele navio e conduzir a lancha para o porto. Foi mandado para prático do dito navio inglês o capitão Domingos Gonçalves Viana.

Em 28, quarta-feira de trevas, não houve movimento entre nós e o inimigo, tem-se observado aparecer no campo do inimigo muita pouca gente e se infere não estar muito reforçado dela. Neste dia partiu a lancha inglesa com o prático que [75] pedia o navio. À noite mandou o governador passar nas ordens que, no dia seguinte, quinta-feira de endoenças, todos os oficiais e soldados da

[62] Gris. É tomado do francês, *gris,* que é uma cor entre branco e negro. BLUTEAU.

guarnição e mais destacamento podiam de dia correr as igrejas; ficando seus postos guarnecidos com suficiente guarnição, mas que de noite acudissem todos, assim uns como outros, a seus postos sem discrepância alguma por serem semelhantes noites acomodadas para o inimigo achar descuido em uma Praça. Pelas 8 horas da noite, veio à muralha um peão castelhano que trazia uma carta do alferes Pinhana [?] para o ajudante da Praça. E mandou-se entrar e se levou ao governador.

Em 29, quinta-feira santa, pelo meio-dia, deu fundo no ancoradouro a nau capitânia vinda da Barragán. E também chegou a almirante, que se achava fora.

Em 30, sexta-feira da Paixão, não houve movimento entre nós e o inimigo. Neste dia apareceu o navio inglês e, distante da Praça, deu fundo e salvou a terra com 11 peças, recebendo a fortaleza com 1.

Em 31, sábado de Aleluia, pelo meio-dia, se atiraram da Praça 3 peças, cujas balas se encaminharam para a praia de João Ribeiro aonde apareceram uns ginetes, mas logo se retiraram. Perto da noite deram as sentinelas parte [que] aparecia uma vela para a parte da barra e, com a noite, se não descobriu mais.

Em o primeiro de abril do dito ano, domingo de Páscoa, [75v] logo pela manhã, se avistou a dita embarcação, e chegou ao ancoradouro pelas 8 horas do dia. E soube-se ser um barco de 2 cangrejos [?] que, vindo do Rio de Janeiro, um dos 4 bergantins que se sabia vinham no segundo socorro deu notícias que, em 11 de março, tinha saído com o sobredito socorro do Rio de Janeiro e que, em certa altura, com um tempo, se tinha apartado de sua conserva. Que vinham 3 galeras, 1 de 30 peças e 2 de vinte e quatro [e] bergantins e que traziam 400 centos [sic] homens de armas. E que tinham chegado ao Rio de Janeiro 2 navios do Porto e um iate de Lisboa. Mandara El Rei botar bando, com pena de morte, que ninguém falasse em guerras, porém que tinha o exército preparado e as fronteiras guarnecidas e que tinha o Império [Romano-

Germânico] ganho uma grande batalha à França, com perda de 40 mil homens, e outras novidades de menos circunstância.

Em 2, segunda-feira, pelas 4 para as 5 horas da tarde, apareceram alguns ginetes na praia, junto ao Arraial de Veras, aos quais se lhe atirou 3 peças, com uma que se achava de bronze no forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo. E ainda que houve quem dissesse que caíra um, eu o tenho por duvidoso. Pelas 8 para as 9 horas da noite, se ouviu atirarem-se 2 peças para a banda da ilha dos Fornos e, sem embargo que de alguns postos se deu parte, era no acampamento do inimigo, da cortina do capitão José de Oliveira. Com mais certeza disseram serem no mar e para a sobre dita banda do inimigo. E divisavam, ainda que muito [76] mal, por haver grandioso escuro, uma embarcação ir-se chegando para a praia do inimigo. E supondo-se ser o bergantim Latino, que não havia muitos dias que tinha chegado do Rio de Janeiro que, ou por lhe rebentarem as amarras ou por algum levante de gente, tinha perdido o seu amarradouro, mandou-se o dito capitão dar parte dessa observação ao governador que, mandando saber daquele movimento achou ser certo por faltar o referido bergantim. E com a brevidade possível mandou ordem ao capitão da nau Nazaré mandasse a sua lancha armada e preparada a socorre-lo, o que logo fizeram. Chegando ao dito bergantim que já se achava encalhado, não muito longe da praia, lhe deram espias e reboques, ajudados de outras lanchas e o tiraram para fora, trazendo-o ao seu amarradouro, que não foi pequena felicidade, porque o inimigo já tinha concorrido à praia, esperando ocasião de o represar.

Em 4, quarta-feira, pela uma hora depois do meio-dia, mandou o nosso governador uma embaixada ao governador do inimigo, levando-a 2 soldados de a cavalo de distinção, com um trombeta, que não passaram do alto de Santo Antônio enquanto o dito não veio com a resposta. E na despedida vieram acompanhá-los o filho do [governador] Salcedo e o tenente Pinhana [?] e outros mais até [76v] o alto do Sampaio. Pelas 8 horas da noite chegou à Praça um castelhano, irmão de outro, por alcunha o

Bordão, e vinha dar parte que, tendo os castelhanos preso o seu irmão quando saiu desta Praça na diligência de trazer uma língua, fora colhido e preso levado a Buenos Aires, de cuja prisão tinha fugido. Perto da noite se deu parte apareciam 2 velas para a banda da barra.

Em 5, quinta-feira, logo que amanheceu, se avistaram 7 embarcações para a mesma parte e, pelas 10 para as 11 horas do dia, chegaram ao ancoradouro. E era o segundo socorro do Rio, em que vinha também o da Bahia, em que vieram 3 capitães de infantaria e um de artilharia e 3 alferes e 200 infantes da guarnição da Bahia e outra recruta para o terço da Praça. Constavam estas embarcações de 3 galeras e 4 bergantins e, por capitão de mar e guerra, Cipriano de Matos.

Em 6, sexta-feira, mandou logo o governador 2 bergantins correr o rio, fazendo caminho para Buenos Aires. E os outros não seguiram a mesma rota por terem alguma carga. E neste dia não houve novidade entre a Praça e o inimigo.

Em 7, sábado de tarde, se atirou 1 peça a 3 ginetes que, pelo alto de Sampaio, chegaram ao sítio onde esteve o ataque de Nossa Senhora da Conceição, cuja bala, dando-lhe algum tanto perto, os três logo pôs em retirada.

Em 8, domingo, não houve movimento [e] pelas 7 horas da noite foi mandado sair para fora da Praça o piquete nomeado, que era o capitão Antônio Carvalho de Lucena, o alferes Francisco Saraiva e o sargento Antônio Gonçalves Caldas a certa [77] diligência oculta. E recolherem-se pelas 10 horas.

Em 9, segunda-feira, saiu para fora outro bergantim. Supôs-se iria reconhecer uma vela que aparecia para as partes da Barragán. Sexta-feira passada, 6 do corrente, se deu princípio a uma nova obra no Baluarte de São João, fazendo-se nele uma sapata ou alicerce, alta de 40 palmos, para se acabar de faxina por cima. Assiste a dita obra o tenente general João Gonçalves Casão.

Em 11, quarta-feira, pelas 4 horas da tarde, veio um castelhano desertado do inimigo; vendo-se ao mesmo tempo vir 5

ginetes pelo alto do Sampaio, chegaram mais adiante e, escaramuçando que bem mostravam a irem atrás do desertado, atirando-lhe 2 peças do Baluarte da Bandeira se retiram. Logo deu notícia o dito desertor que o seu governador se achava em Buenos Aires.

Em 12, quinta-feira, se viu tinha faltado a lancha da galera de Lisboa, a qual, faltando o cabo com que estava amarrada pela popa, foi dar na praia do Arraial de Veras aonde, acudindo, os castelhanos a encalharam. De tarde pretenderam os nossos ir a reconduzi-la com 4 lanchas, 2 pequenas e duas maiores, todas com armas e gente. O que logo se executou, mas, chegando-se ao pé da dita praia, acharam que já estava muito [77v] despedaçada e incapaz de se poder conduzir e assim voltaram para a Praça em que lhe atirou o inimigo 5 peças, sem nenhuma lhe fazer prejuízo.

Em 13, sexta-feira de noite, mandou o governador passar ordem que daí por diante se botariam na Praça 4 rondas todas as noites para que, havendo toda a noite ronda, se pudesse melhor evitar qualquer desordem que pudesse embaraçar a conservação dela. Esta noite entrou na Praça um castelhano e deu a notícia de que os nossos bragantins se tinham encontrado com algumas lanchas castelhanas, por cujo motivo mandou o governador que no dia seguinte, 14 do dito mês, se expedirem mais 2 bragantins, o Tavares e o Latino. No primeiro foi o alferes Francisco Saraiva e o sargento Lourenço Francisco e no segundo o alferes do destacamento do Rio de Janeiro, João Batista, e o sargento Antônio Gonçalves Caldas. E cada um [ia] com 32 soldados de guarnição, além da gente do mar.

E embarcando-se neste dia, à noite, na mesma, se fizeram à vela [a] caminho de São João. E se ocuparam alguns dias bordejando da ilha de Martim Garcia até as 2 Irmãs e [a] ilha Sola, em que não tiveram novidade até o dia 19, quinta-feira, que achando-se os sobreditos bergantins (2, porque os outros 2 os não tinham já encontrado) para a Colônia com uma lancha castelhana prisioneira, de fronte do rio das Vacas, avistaram uma lancha no

sobredito rio que, pelo mastro e o alto [que] se deixava ver, fizeram os oficiais conselho sobre se ir buscar em lanchas pelo rio dentro [78] ou esperá-la no largo. Ajustou-se em ser mais conveniente entrar no dito rio com uma lancha grande da nau Nazaré, capitânia, e 2 dos 2 bergantins, botando em terra um corpo de gente para marcharem por terra, ao mesmo tempo que marchavam as lanchas por mar. E logo se pôs em execução, embarcando-se pelo meio dia os ditos 2 alferes, sargentos e infantaria. E desembarcaram na boca do rio com 57 soldados dos 2 bergantins. Marcharam formados pela costa do rio acima, obra de meia légua e, chegando ao pé do porto onde se achava a dita lancha, fizeram sinal já dado para que os que vinham nas lanchas apertarem os remos a chegar.

E chegaram enfim ao porto e, à força de muita violência e diligência, se [a]prisionaram um lanchão grande, de coberta, e uma lancha pequena chamada Paraguaia. E se tacou fogo a 2 armazéns de courama, sebos e outras fazendas. E como era já tarde e o tempo não dava lugar a mais demora, se cuidou na retirada que, por haver dúvida na forma que havia de ser, se pôs a gente em alguma desordem, mas, tornando-se a melhor acordo, se uniram os ditos alferes a formarem a sua gente e retirarem-se pela mesma maneira que tinham vindo expedindo primeiro pelo rio abaixo.

Não só as nossas lanchas, senão as 2 presas, chegaram à boca do rio e viram [que] não podia sair [78v] a presa grande, porquanto tinha encalhado, com o rio muito baixo, saindo para fora todas as mais, pelo que ajustaram os 2 alferes que se fosse embarcando a gente que tinha marchado por terra nas 2 lanchas pequenas e a presa Paraguai, com o alferes Francisco Saraiva, enquanto o alferes João Batista ficava na boca do rio assistido da lancha e gente da nau Nazaré, fazendo diligência por aliviar o dito lanchão, prisioneiro dos couros de touro que tinha dentro, para verem se podiam tirá-lo. Em que gastaram toda a noite, mandando o dito alferes João Batista a bordo dos bergantins buscar socorro de

pólvora e bala e gente para o que se pudesse suceder de noite. Que prontamente lhe mandou o dito alferes Saraiva e assim se passou a noite com grandioso trabalho. E vendo-se já de dia que o lanchão não saía, por ir o rio abaixando cada vez mais, com muito vento norte que ventava, sentindo-se já o inimigo ter-se reforçado de gente, que nessa ocasião fazia bastante fogo à nossa gente, determinou retirar-se para bordo com toda a sua gente, atacando fogo ao dito lanchão.

E já no dia 20, sexta-feira, começando o inimigo apertar os nossos com continuado fogo que lhe faziam de um espesso mato que ao pé estavam, fazendo-lhe mui dificultoso o embarque da nossa gente na praia descoberta; esforçando-se quanto puderam fazer uns frente ao inimigo, fazendo-lhe fogo com repetidas descargas, enquanto os outros se embarcavam [79]. E assim pelejando com louvável valor se embarcaram e chegaram a bordo sem perigar um, somente de balas, sendo elas tantas como testemunha o curioso e só um se queimou, quando ardendo em lento fogo o dito lanchão quis um soldado ir dentro em procura de certa coisa e, pegando-lhe o fogo em um saquinho de pólvora que de curioso trazia na mão, se queimou gravemente, de que esteve mal, porém escapou. E no mesmo dia se fizeram à vela para [a ilha de] Martim Garcia, aonde acharam os outros 2 bergantins que, por ordem do governador, vinham a chamar estes 2 para a Praça. Neste mesmo dia houve na Praça embaixada do inimigo em resposta das que se tinha mandado os tempos passados.

Em 21, sábado, partiram os 4 bergantins na volta da Colônia e, vindo em direito de São João, avistaram uma lancha no rio de São João. E virando todos na volta da terra deram fundo. E, fazendo-se conselho sobre a resolução que teriam para buscarem aquela lancha, ajustaram que, visto terem ordem do governador de se acharem todos na Colônia neste dia, se fizessem à vela, que não sabiam o para que queria lá o governador os bergantins, e seriam lá mais necessários em que a operação em que ali se achavam e logo se fizeram à vela 2, que che[ga]ram à Praça pelas ave-marias.

E a[s] 2 que ficaram lhe atiraram os castelhanos 5 peças [79v]. De noite se fizeram à vela e chegaram à Praça pela manhã e, como fazia ainda escuro, se atiraram 2 peças com bala, uma da fortaleza de São Pedro de Alcântara e outra de da nau Nazaré, por que desconfiaram de serem inimigas, por cujo motivo fizeram logo sinal para poderem chegar.

Em 24, terça-feira, pelas 9 para as 10 horas do dia, apareceram 4 ginetes que, escaramuçando, faziam alguns tiros de espingarda às nossas sentinelas. Achando-se ao mesmo tempo o capitão de cavalos Inácio Pereira da Silva com alguns particulares tirando faxina para queimarem, saiu logo o piquete daquele dia, que era o capitão Manuel Félix Correa, o alferes Manuel Lopes Lima, o sargento Lourenço Francisco, com 52 soldados. E encorpando-se com o sobredito capitão Inácio Pereira da Silva no sítio ao pé do moinho de vento aí fizeram alto, havendo de parte a parte alguns tiros.

Suposto que os nossos não podiam fazê-lo em cargas, por andarem os inimigos sempre espalhados, e deixando ele naquela paragem obra de 15 ginetes a deter o dito esquadrão, pretenderam buscá-lo pela retaguarda, marchando encobertos pela baixa do Quintão. E saindo do alto do meirinho da igreja já para chegar à horta do gentil homem a tempo que, marchando já outro esquadrão, segundo piquete, em que vinha o capitão Teodósio Gonçalves Negrão, de 60 soldados, por parte encoberta ao inimigo.

Vendo o dito capitão a forma que trazia de vir buscá-lo, fez alto, com as armas em punho e as baionetas caladas, [e] lhe deu uma tão grandiosa carga de mosquetaria que, vindo adiante seu comandante [80], Dom Francisco Neto, foi passado de 2 balas, caindo logo ali. E pouco mais adiante outro sargento maior dos correntinos [foi] morto. E, como o inimigo fizesse uma parada para alguns instantes, foi preciso ao primeiro piquete que, emboscado, esperava marchar unindo-se com o sobredito capitão e reforçar-lhe o corpo. E logo o dito inimigo voltando as costas picaram os cavalos, postos em bem [sic] desordem.

Não tardaram da Praça mais 2 esquadrões de socorro que, postos todos em boa ordem, esperavam segunda vez o inimigo, mas, vendo que este [seguia] em direitura para o seu acampamento, mandou o governador para se recolherem à Praça. O Baluarte de São João também nessa ocasião atirou algumas peças aonde o inimigo se deixava ver mais descoberto, com bons pontos, principalmente um, que dando a bala na atalaia aonde vinham alguns ginetes do inimigo, caiu no meio de que disseram morreram 3. Assim que todos os nossos esquadrões se recolheram ou, para falar com mais verdade, se mandou conduzir para a Praça o comandante do inimigo que atrás dissemos, ainda vivo, e o sargento maior dos correntinos, já morto; mas não tardou muitos instantes que não expirasse o dito comandante, porque vinha gravemente ferido, e se prepararam de mortalha para lhe dar darem sepultura.

Refletindo eu agora [8ov] o número de gente que nesta operação saíram dos nossos ao campo, seguindo à frente de 5 esquadrões que chegaram ao lugar do choque, faço saírem 300 soldados, excetuando os oficiais, que não eram poucos, e particulares e outro esquadrão de reserva [que] se achava no fosso da parte de fora. Perto da noite mandou o governador tirar destacados 4 soldados de cada uma das companhias, assim da guarnição da Praça como dos destacamentos do Rio e da Bahia, com oficiais nomeados para irem correr o rio [da Prata], para a banda de São João, por ter corrido notícia terem nesta tarde ajustado 7 lanchas e fazerem caminho para aquelas bandas. Fazendo-se à vela pelas 9 horas da noite, foram em 2 bergantins o alferes Manuel Lopes Lima e o alferes de cavalos Antônio Pinto. Nesta noite mandou o governador passar nas ordens que as sentinelas e rondas da muralha estivessem com muito cuidado e grande vigilância para qualquer movimento que o inimigo fizesse, para o que estiveram todos os oficiais com boa assistência, prontos em seus postos.

Em 25, quarta-feira, se cuidou em dar-se sepultura aos 2 sargentos mores. E foi suntuoso o funeral do comandante Dom Francisco Neto por que, além de ser pessoa de grande nobreza [81] e [um] dos principais de Buenos Aires, estava comandando e servindo de governador no campo do inimigo. E assim, fazendo-se-lhe um magnífico ofício com missa e todos os sacerdotes que se achavam na Praça. Assistiram com muita honra e pompa o governador e todos os oficiais da guarnição e destacamentos, achando-se arrumada toda a infantaria para lhe darem as 3 cargas, ao tempo que fosse o corpo dar-se à sepultura, para cujo efeito se ajuntaram a pegar no caixão os 2 sargentos maiores Manuel Botelho de Lacerda, da guarnição da Praça, e Tomas Gomes, do destacamento do Rio, o tenente general Pedro Gomes de Figueiredo e o capitão [co]mandante do destacamento da Bahia. A primeira carga a infantaria da Praça, a segunda o destacamento do Rio, a terceira o da Bahia. Concorreu a estas magníficas exéquias muita parte do povo, acompanhando a toda a nobreza da Colônia.

Estando-se a ofício do dito defunto, chegou um castelhano, não muito longe da muralha, e, falando com um casal nosso, que andava a certa diligência, lhe pediu viesse [para] dentro [a] trazer umas perdizes ao tenente Pedro Pereira Chaves. Mas supôs-se viria a saber do seu comandante, se era morto. Deu notícias que no choque do dia antecedente tinham morrido 8 homens e vários feridos; em que entravam um capitão, um alferes [81v] e um sargento com feridas de morte. Pelas 2 horas da tarde chegou à Praça uma embaixada do inimigo que a trousse um trombeta. E trouxe carta para o governador sobre o sucesso do dia passado. E, segundo se divulgou, se era morto ou prisioneiro o seu comandante e disse lhe faltavam ainda alguns soldados e, que neste dia, tinham achado 3 mortos ao pé da atalaia e, como resposta que lhe deu o governador, se despediu. De tarde chegou ao ancoradouro um dos nossos bergantins e deu notícia o mestre

dele, chamado Guilherme,[63] [que] tinha ido à outra banda aos navios ingleses, aonde lhe disseram supunham haver em Buenos Aires algum movimento, porquanto tinham mandado as suas lanchas a terra havia 5 dias e que até então não se eram chegadas, não sabendo a causa desta demora. E que também vira andar-se preparando o [navio] São Bruno, suspeitando-se queria o [governador] Salcedo vir a estas bandas.

Em 28, sábado, pelas 2 horas da tarde, chegou um bergantim com carta do regente do partido inimigo para o governador, que ele recebeu e deu resposta, e não me chegou a notícia a certeza nem de uma coisa nem de outra, mas só fiz reflexão que tardou em despedir-se, porque não saiu senão pelas ave-marias.

Em 29, domingo, se soube que a embaixada e carta do dia antecedente constara de pedir o governador Salcedo ao nosso governador lhe deixasse carregar de couros os 2 navios ingleses que se achavam surtos no ancoradouro [82] de Buenos Aires com as lanchas dos ditos navios, conduzindo-as das Vacas a Montevidéu. E que também pedira satisfação da perca das Vacas. Dizem respondera o nosso governador que não punha dúvida consentir se carregassem os ditos 2 navios, porém que havia de ser com condição que na vinda e ida haviam de vir a Colônia a registrar e se lhe meterem guardas portugueses. E que em quanto à satisfação das Vacas, de se queimarem os armazéns e lanchas, sendo tudo do assento de Inglaterra, que lhe não constava terem os ingleses feitura naquele sítio e que naquele rio entravam [a] cada instante lanchas Del Rei Católico e mercantes e que nesse sentido se fizera [a] operação referida.

[63] O inglês William Kelly (mais conhecido como Guilherme Kelly), naturalizado português em Colônia e convertido ao catolicismo no Rio de Janeiro, estabeleceu-se definitivamente em Sacramento, onde nasceram os onze filhos que teve com sua esposa, nascida em Buenos Aires. Em recompensa aos serviços prestados durante a guerra de 1735-1737, recebeu da Coroa portuguesa a patente de tenente de mar e guerra, em exercício na Colônia do Sacramento. Cf. POSSAMAI. Op. Cit., p. 398.

Em 30, segunda-feira, partiu deste porto a galera Alameda, de que é mestre Antônio Barbosa. Foi acompanhá-la a galera Bonita.

Em o primeiro de maio, terça-feira, de tarde, chegou um bergantim dos que andaram correndo o rio. E não trouxe novidade.

Em 3, quinta-feira, chegou outro bergantim. E também não trouxe novidade, nem na Praça a houve com o inimigo.

Em 6, domingo, partindo da Praça para fora um bergantim e uma lancha avistaram uma canoa e, indo a ela, acharam serem 2 negros que vinham fugidos de Buenos Aires [que] eram cativos deles. Se teve [82v] notícia que o [governador] Salcedo pretendia passar-se a estas bandas, mas que a gente não estava desse acordo. Disseram que já se lá sabia do choque que tinha havido e também da morte do comandante.

Em 8, em terça-feira, não houve novidade. Neste dia se festejou o Senhor São Miguel com uma missa cantada solenemente na matriz que lhe mandou dizer o governador, em ação de graças pelo bom sucesso da Colônia, nesse sítio a quem o mesmo governador tinha eleito [o santo] general desta Praça, entregando-lhe o seu bastão logo que foi invadida dos castelhanos. Assistiu a esta solene missa todo o militar da Praça e mais destacamentos.

Em 20, domingo do Espírito Santo, não houve movimento algum. Na noite passada chegou à Praça um bote inglês e divulgou-se [que] trouxera 3 mil pesos para comprarem fazenda. E já nos dias antecedentes tinha vindo outro com mais quantidade de prata, para o mesmo emprego, o qual disseram ser do assento de Inglaterra que se achava em Buenos Aires. Dele se soube que o governador daquela cidade já não falava na Colônia, que a respeito dela estava tudo lá em silêncio, como também que fora muito sentida a morte do sargento maior. E que se achava aquela cidade em grande consternação e falta de mantimentos, por se não recolher trigo neste ano como nos passados, e se verem sem as

graxas, sebos [83] e lenhas que desta banda sempre lhes iam oprimidos dos nossos bergantins.

Em 23, quarta-feira, expediu o governador 4 bergantins Del Rei, com 150 soldados destacados do terço [com] o alferes de mestre José Inácio de Almeida, os quais foram às reduções a ver se podiam fazer alguma carne e um pouco de gado que se achava em um rincão. Foi também nesta diligência o capitão dos moços solteiros, João da Costa Quintão, e o capitão da ordenança, Manuel Pereira do Lago, e alguns castelhanos peões que ficaram na Praça no princípio do sítio até o último deste presente mês. Não houve novidade alguma.

Da sobredita diligência não resultou efeito algum, porque chegando ao dito povo das reduções, botando alguma gente em terra e querendo apanhar alguns cavalos, foram sentidos dos castelhanos, que obra de 300 os estavam esperando. E logo ali houve de parte a parte algum fogo e de 4 que andavam dos nossos montados em uns cavalos já podres e cansados, que se tinham adiantado do corpo da gente para apanharem alguma ponta de cavalos, saiu um ferido com uma bala de mosquete e outro lançado o aprisionaram, escapando os mais por [83v] grande fortuna, recolhendo-se para o corpo da gente. E, tornando-se a embarcar, por não achar sítio de conseguir o intento, se foi ao povo. E, botando em terra toda a gente e 2 peças de artilharia pequenas, se foi ao arraial, queimando-lhe 6 casas, se pôs em retirada e se embarcou por ser já tarde e não haver tempo de seguir mais adiante.

Em o primeiro de julho, sexta-feira, amanheceram a bordo de um dos nossos navios 4 negros castelhanos que tinham vindo fugidos de Buenos Aires em uma canoa que, trazendo-se para terra, foram logo levados à presença do governador. Pela uma hora mandou o governador o tenente Pedro Pereira Chaves, com 10 soldados embarcados em uma lancha, a conduzirem umas reses na praia da lagoa do Vicente, compradas ocultamente a troco de

fazenda, para se embarcarem. E veio com bom sucesso e não houve movimento para com o inimigo.

Em 4, segunda-feira, chegou uma lancha castelhana em que vieram alguns prisioneiros portugueses que tinham sido do navio Pau de Pinho, que os castelhanos aprisionaram em Montevidéu, e não deram novidade digna de memória.

Em 8 saiu para fora a galera Leão Dourado, do capitão de mar e guerra Cipriano de Matos, que foi a correr o rio até a boca da barra do inimigo. Em todos estes dias não houve movimento algum.

Em 9, sábado, tivemos notícia por um peão que falou com um [84v] casal da Praça, dos que tinham ido às reduções, tinham feito muito fogo e que tinham queimado alguns ranchos do dito povo, obrigando a seus moradores a fugirem para o campo, levando as famílias em carretas. Como com sua chegada a esta Praça se soube ser certo que no dia antecedente tinham chegado ao inimigo 2 homens, cada um com uma perna quebrada da dita função. Nesta tarde apareceu uma embarcação para a parte da barra e, por se chegar à noite, se não descobriu quem era.

Em 11, segunda-feira, não apareceu a embarcação que no dia que tinha aparecido para a barra, e supôs-se seria castelhana. Neste dia apareceu uma embarcação para a ilha de São Gabriel e em poucas [horas] se soube ser o bergantim Latino, que vinha a mudar uns soldados da sua guarnição.

Em 12, terça-feira, pelo meio dia, deram as sentinelas parte [que] aparecia uma embarcação para a banda da Barragán e parecia ser navio. E logo pela uma hora chamou ao conselho o governador a todos os oficiais da guarnição e destacamentos sobre ir-se com a nau Nazaré em procura da dita embarcação. E resolveu-se que não convinha, por que para essa execução não havia mantimentos para a sua guarnição, pois para passarem os que de presente se achavam a bordo era necessário virem a terra comprar com [o] que se fossem mantendo.

Em 14 do dito mês, pelas 7 horas da manhã, deu-se parte e apareciam 7 embarcações [84v]. Chegando estas ao ancoradouro do porto, viu-se serem os bergantins e lanchas que tinham ido à diligência das reduções, acima referidas, e o bergantim Latino, que tinha seguido viagem a correr o rio. Os ditos bergantins não conseguiram o desígnio de fazerem alguma carne, por que além de se andar falando claramente na Praça [que] se pretendia fazer esta diligência, coisa que sem dúvida havia de chegar aos ouvidos do inimigo [pois] fugiram 2 negros antes que eles partissem, os quais noticiaram [os inimigos] dessa execução. E assim já o inimigo se tinha prevenido, mandando para lá gente que lhe fizeram grande guerra e fogo, achando-se lá para cima de 300 homens, entre soldados e peões. O sucesso que tiveram os nossos nesta diligência atrás o expressei, agora só direi que, assim como saltaram à primeira vez em terra, logo avistaram muito gado, de que se podiam valer para o intento, se eles não tivessem lá aviso.

Em 15, sexta-feira, deu-se parte [que] apareciam 2 embarcações para as partes de São João. E logo mandou o governador aparelhar 2 bergantins, com 30 soldados e um alferes e sargento, cada um para as irem seguindo, o que executou no mesmo dia.

Em 16, sábado, não houve movimento algum para com o inimigo. Em todos estes dias passados houve grande vigilância na muralha principal, muita na parte do sul, por correr notícia que o [governador] Salcedo queria vir outra vez a cometer a Praça e que o faria pela barra do sul e que havia de ser de súbito do que, [85] segundo corria, diziam que havia profecia de um que se tinha por virtuoso, mas que o [governador] Salcedo havia de morrer dentro da Praça com alguma gente que com ele havia de entrar nela. Pelo que mandou o governador a João Gonçalves Casão fosse logo acudir a reforma da muralha, que da mesma banda se achava arruinada bem junto do rio, o que logo se fez com toda a gente necessária, reforçando-se aquela paragem com mais alguma

artilharia. Mandou-se também fazer uma boa estacada, correndo a praia, da parte de dentro da muralha, para maior cautela.

E não houve mais movimento até o dia 22, sexta-feira, em que pelas 3 horas da tarde, deram as sentinelas parte [que] apareciam 2 embarcações. Mas, como fazia tempo chuvoso e com névoa, chegou a noite sem se reconhecerem. Mas antes de anoitecer de todo, se observou tinham atirado uma peça e depois se ouviu outra. E, considerando-se seria chamar por falta de alguma coisa, ou outro movimento, expediu-se a lancha da nau de guerra Narazé e não a deixaram chegar, dizendo não conheciam ninguém de noite, por mais que dela lhe repetiam que era a lancha da nau de guerra, por cuja razão se veio a dita lancha dar parte ao nosso governador daquele sucesso, comunicando-lhe [85v] outras circunstâncias que nas ditas embarcações tinham observado, o qual mandou logo outro escaler com o capitão de infantaria Teodósio Gonçalves Negrão a conduzir um prego[64] de Sua Majestade. E soube-se ser um paquete que tinha vindo de aviso de Lisboa, pelo Rio de Janeiro. E do inimigo não houve movimento algum.

Em 23, sábado, se viu ficar o dito paquete fora em franquia, fundeado com alguma distância da Praça, guardando um tal segredo que não se sabia nada de novidades. Com certeza assim se botavam mil juízos temerários e por antonomásia se apelidou "o paquete do segredo" com que esteve na dita paragem muito tempo. Neste dia se observou, digo, se embarcou alguma infantaria em 2 bergantins para seguirem viagem para as partes de São João.

Em 28, quinta-feira, sucedeu haver um quase motim na Praça entre os soldados da Bahia, por que armando-se na praia do colégio, aonde se costumava vender o peixe, uma pendência na qual queria um negro de um capitão de infantaria, João Caetano, dar com uma faca em um homem branco, acudiram um ajudante e

[64] Prego. Carta fechada e selada com ordens secretas. SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa. http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/prego*

vários sargentos da Praça, a quem o dito negro não quis obedecer, mas sempre foi preso. E, indo o dito ajudante dar parte, lhe saíram ao encontro 4 soldados do sobredito capitão, da cor honesta, perguntando-lhe por que causa tinha mandado preso o negro do seu capitão. E, respondendo o ajudante com toda a cortesia, [86] continuaram com dissonâncias tão faltas de política como alheios da obediência militar.

Deu[-se] logo parte deste sucesso ao governador, que mandou se prendessem os agressores e chamar à sua presença ao dito capitão da Corta Nabos. E falou-se em se expedir o dito destacamento, mas não se sabia para onde, ainda que alguns entendiam era para a sua Praça, para se livrar de alguma desordem que costuma suceder em Praças sitiadas. Pelo que mandou ao almoxarife da fazenda real, Silvestre Ferreira Silva, buscasse alguma carne seca, ainda que fosse a peso de dinheiro, ou outro gênero de mantimento, para lhe meter a bordo para seu sustento.

Nesta tarde apareceu uma embarcação para a parte da barra. E já perto da noite deu fundo, bastante distante, ainda que com esse movimento causou alguma admiração, porque para seguir viagem tinha vento próspero.

Em 29, de manhã, se fez à vela a embarcação que tinha aparecido no dia antecedente, que era uma corveta, para vir para dentro, o que não conseguiu, porque do paquete que se achava de largo lhe atiraram 5 peças com bala, cada uma por sua vez, para que desse fundo, o que logo sem demora fez.

Em 30, sábado, se fez pagamento ao destacamento da Bahia para embarcarem e se remeterem para a sua Praça, segundo corria no vulgo, mas eu sempre lhe pus dúvida, por quanto me parecia não se havia de remeter aquela [86v] gente, achando-se a Praça em total aperto ainda em tempo que tinha vindo aquele paquete com tanto segredo.

Em o primeiro de julho do dito ano não houve movimento com o inimigo digno de memória.

Em 3, terça-feira, logo que amanheceu, deram as sentinelas parte que aparecia uma embarcação e, pelas 11 horas, chegou ao pé do paquete, que lhe atirou 2 peças com bala, para que dessem fundo, o que logo assim fez. E conheceu-se ser uma corveta que tinha vindo de Lisboa pelo Rio de Janeiro, mas não se soube logo por que não chegava [de] lá ninguém.

Em 5, quinta-feira, logo que amanheceu, saiu para fora um bergantim, fazendo-se na volta do mar. E, pela uma hora depois do meio-dia, foi visto da Praça vir na volta de terra um, sobre uma corveta, atirando de quando em quando peça, com uma de 4 que trazia pela proa. E, botando-se o óculo, conheceu-se ser muito maior que o dito bergantim. Vieram na terra mais de 2 horas e, botando-se alguns juízos temerários sobre que embarcação poderia ser e como se observasse faziam forma de peleja, porque atiravam com pedreiros de parte a parte que mal se divisava, ordenou o governador saíssem logo, logo, [sic] alguns bergantins em socorro.

Pelo que mandou embarcar [a] infantaria no bergantim Latino e Cavalinho; este com aquele como alferes do destacamento do Rio, João Batista, [87] e o capitão da almiranta Corta Nabos. Fazendo-se à vela estes 2 para reforçarem o nosso, contra o que já se conhecia ser castelhano, pelo muito fogo que o nosso fazia, como depois se conheceu ser certo. E tanto que ela conheceu e viu ser socorro ao nosso botou a popa na volta de Buenos Aires, indo-a [sic] sempre seguindo o nosso, tomando-lhe a parte do mar para que não pudesse tomar a enseada de Barregán. Os 2, que acima digo, tinham partido seguiram o mesmo rumo. E, como o vento era fresco, ao sol posto se conheceu da Praça se achava o Latino já perto e, pelas 7 horas da noite, se emparelharam o primeiro e o Latino com o inimigo, com muito fogo de artilharia e mosquetaria, que pela resistência que fazia pretenderam os cabos dos 2 nossos ir abordar.

Chegando-se cada um por sua banda, lhe passaram banda com artilharia tanto a queima-roupa, principal[mente] o Latino que, com o seu fogo, se sentiu na corveta grandioso incêndio,

voando toda a coberta pelos ares, aonde morreram alguns do inimigo, queimados outros, feridos sãos bradavam em altas vozes lhe acudissem por não morrerem queimados, que já estavam [87v] rendidos a tempo que, indo-se já chegando o Latino, lhe disseram os nossos que largassem ferro ao fundo, como assim fizeram. E chegaram enfim os 2 nossos. E, tomando-lhe a gente, se cuidou em se lhe apagar o fogo, que ainda andava ardendo com muita força mas, como este era mais forte, por mais diligências que por 2 vezes se fez, nunca se pôde vencer.

Alguns disseram, ouvindo da boca dos prisioneiros, que eles mesmos tinham posto fogo à embarcação, mas eu acomodo-me com algumas circunstâncias mais racionais, [pois] me parece que foi fogo da artilharia do bergantim Latino, porque indo resoluto abordar lhe deu a banda tanto de perto que até as buchas lhe meteu dentro. E me persuado ser fogo que iria em algum taco.

Vendo os nossos que a dita corveta ardia por uma vez, tomando-lhe a gente como acima refiro, se voltaram para a Praça, ficando lá o bergantim Cavalinho, para ver se podia colher alguma até desse ir ao fundo.

E, amanhecendo o dia 6, sexta-feira, assim que clareou se viu já no ancoradouro o Latino e o outro vir chegando. E logo se divulgou o sucesso e que vinham [como] prisioneiros o capitão contramestre e escrivão e mais gente do dito aviso. Que logo mandou o nosso governador distribuir pelos navios, metendo-se o capitão a bordo da capitânia e o contramestre e os mais na almiranta, aonde se curaram o escrivão, que veio gravemente queimado, e outros que escaparam. Morrendo do inimigo 4 e dos nossos um só morto e um [88] ferido sem perigo.

Soube-se ser esta corveta [um] aviso que mandava El Rei de Espanha ao seu governador Salcedo. E tinha saído de uma Praça de Galiza e que as coroas de Portugal e Espanha se achavam em paz. Outras novidades deu o sobredito capitão, que as não creio, porque reconheci no dito ser sagaz e de mui bom valor e, em uma súplica que fez ao governador, disse [que] era capitão tenente de um

galeão de Espanha. Neste dia chegou também o paquete e uma lancha com o capitão João de Abreu e [com] infantaria, que o governador tinha também mandado mais atrás em socorro. E salvou a terra com 7 peças que recebeu com 3. Houveram na Praça muitos abraços e parabéns pela vitória referida. E o governador teve também grande contentamento e alegria, que ele mesmo mostrou nesta ocasião a todos os militares. Neste dia se fez pagamento a todo o destacamento do Rio de Janeiro.

Em 9, segunda-feira, entrou para dentro do ancoradouro uma das 2 corvetas que se achavam fundeadas fora de São Pedro de Alcântara, cujas [corvetas] dizem ser de Antônio Novais e Antônio da Costa Quintão, que vinha carregada de farinha, de peixe e feijão.

Em 11, quarta-feira, ordenou o governador que se embarcassem todos do destacamento da Bahia, com seus oficiais, no navio Corta Nabos para seguirem viagem. Nesta tarde chegaram 2 bergantins, que tinham saído a correr [88v] o rio, e também chegou uma lancha inglesa. E disse tinha trazido uma carta para o governador. Supôs-se seria dos dois 2 navios que lá se achavam ou do seu presidente.

Em 12, quinta-feira, pelas 10 horas do dia, partiu o sobredito navio Corta Nabos, com o referido destacamento, e com ele se fez à vela o paquete. E suposto que na ocasião se não pode saber o para onde iam, contudo soube-se depois iam para Santa Catarina a incorporar-se com a nossa armada. Também nessa ocasião saiu o bergantim do mestre José Tavares para a mesma ilha de Santa Catarina e Laguna, a conduzir alguns gêneros de mantimentos, em que foi o capitão da ordenança Manuel Pereira do Lago e o sargento de infantaria pago Domingos Nunes Taborda. Foi abordo do sobredito navio Corta Nabos o governador da Praça, passar mostra à toda a gente, e foi dentro dele até fora da ponta de São Pedro de Alcântara.

Em 14, sábado, saíram para fora 2 bergantins a correr o rio e outras operações que se não sabe.

Em 16, segunda-feira à noite para terça, saiu também o Latino. E não se soube par aonde. Em todo este tempo não tem havido movimento algum de guerra. Continuou-se sempre com o reparo e reforma das muralhas e se vai continuando com assistência do tenente general engenheiro e João Gonçalves Cação, acima referidos.

Em 22, saíram para fora 2 navios para o Rio de Janeiro, um do mestre Jacinto Vieira Bastos e outro do capitão [89] José Barbosa. Em todos os dias passados, que não faço menção e passo adiante, não declaro movimento da Praça ou do inimigo, porque neles não houve coisa que se pudesse escrever.

Em 29, domingo, chegou um preto trombeta com embaixada do governador Salcedo que, fazendo-se entrar na forma costumada, se levou a palácio. E com a resposta se em pôs de tarde e não posso referir o que continha a dita carta. Também nesse dia se divulgou uma notícia de uma falua[65] do inimigo que tinha aprisionado uma lancha do capitão José Francisco de Brito, achando-se esta fazendo lenha em Martim Garcia, com 4 soldados, 3 marinheiros, 5 negros do capitão de cavalos Inácio Pereira da Silva. E supôs-se que a sobredita embaixada seria sobre os ditos prisioneiros, pelo que se soube depois.

Em 30, não houve movimento mais do que fugirem para o acampamento do inimigo 3 soldados do destacamento do Rio de Janeiro, da companhia do capitão Antônio Carvalho de Lucena, e 2 castelhanos que assistiam na Praça. E falou-se tinham saído pelo forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que guarnece a dita companhia, e nessa noite se achava de sentinela no dito forte um dos soldados desertores [89v].

[65] Falua. Embarcação mais comprida e que tem mais remeiros que a fragata. BLUTEAU

Falua. 1. Embarcação do Tejo semelhante à fragata em casco e velame. 2. Antiga embarcação de vela e remos usada para recreio pelos reis de Portugal no século XVIII. GODOY. Op. Cit., p. 668.

Na noite passada se fez à vela uma corveta de Teles de Lemos, uma das 2 que tinham estado em franquia que atrás falamos, descarregando primeiro a carga de noite.

Em o primeiro de agosto não houve nada de novo.

Em 2, indo a lancha Del Rei e outro bote à praia da lagoa de Vicente, a conduzir umas reses mortas por ajuste que se tinha com alguns castelhanos, saindo um casal por nome Antônio de Souza na sobredita praia, junto com um soldado, a ver se descobriam ou sentiam rumor de gente, foi tanta a sua tardança que foi preciso aos da lancha virem-se embora. Depois chegaram de noite à Praça, tendo-os escondidos um seu amigo castelhano para não serem vistos das rondas.

Em 8, quarta-feira, com um grande vento arrebentou o cabo com que se amarrava o bote do bergantim Sereia, e foi dar na praia do inimigo, junto do Arraial de Veras. E dando-se parte ao governador, mandou fossem já perto da noite algumas lanchas com infantaria a ver se [o] podiam reconduzir. E, estando-se com a lancha Paraguai, em que foi o alferes Antônio Pinto, e 2 da nau Nazaré e Leão Dourado e, ao chegar ao pé da praia, tiveram algum fogo do inimigo com mosquetaria, [90] aonde atirava também a nossa infantaria. E se disparavam alguns pedreiros que as ditas lanchas levavam. E não se podendo conseguir a empresa pelos castelhanos irem já levando pela praia arriba o dito bote, feito em 2 pedaços, voltaram para a Praça ao tempo que as sobreditas lanchas se achavam.

Nesta operação se tiraram obra de 20 peças do baluarte de São João e do forte do Monte do Carmo aos castelhanos, que se viam na praia ocupados com o dito bote. E foi célebre um tiro dos que se fez no baluarte de São João a uma pouca de gente que se achava a cavalo no alto do [sic] ao pé da sua sentinela que, caindo a bala no meio, os fez imediatamente espalhar com grande alvoroço e ligeireza.

Em 9, quinta-feira, mandou o governador embarcar infantaria em 2 bergantins, para saírem a certa diligência e virem na volta conduzir lenhas de Martim Garcia.

E não houve mais novidade até o dia 15, quarta-feira dia da ascensão de Nossa Senhora, que, achando-se a Praça já muito necessitada de mantimentos, foi preciso pedir-se licença ao governador para saírem alguma gente armada a uma xácara que tinha sido de Francisco Gonçalves [90v] a buscarem verduras, para ajuda de passarem. E, concedendo-lhe o dito governador, mandou logo da uma hora da tarde para as 2 sair adiante o primeiro troço, piquete nomeado deste dia que era o capitão Antônio Carvalho de Lucena e o alferes Antônio Pereira Vassalo, com 48 soldados armados, para tomarem encontro ao inimigo, querendo este fazer alguma operação à sobredita gente.

E, chegando-se à dita xácara, se avistaram alguns ginetes castelhanos de várias partes da campanha [que] se vinham ajuntando para aquela banda o que, vendo o governador, ordenou [que] saísse logo o segundo piquete a reforçar o primeiro, cujo capitão era Teodósio Gonçalves Negrão, o alferes Francisco Fernandes, mandando ao mesmo tempo preparar o terceiro, que era capitão José de Oliveira, o alferes de cavalos Antônio Pinto, com o mesmo número de soldados como primeiro e segundo, que também logo marchou a incorporar-se com os outros 2 acima referidos, a tempo que já os castelhanos vinham em bastante quantidade. Cometendo o primeiro piquete pelo alto da atalaia, não mui longe da olaria do capitão João da Costa Quintão, em cujas ruínas, emboscando-se o alferes de infantaria José de Mascarenhas de Figueiredo, [91] com, obra de 20 soldados, lhe deu uma grande carga de mosquetaria de que caíram 2. E, ainda que acudindo-lhe os seus, os levantaram e ajudaram outra vez a montar, sempre se julgou irem gravemente feridos. E assim, com este fogo e boa marcha que este para eles fazia o primeiro piquete, que era o que se achava mais perto, como pela artilharia que se lhe atirava dos

baluartes, se puseram os castelhanos em retirada, já desunidos e sem ordem.

Vendo o primeiro piquete que o inimigo se tinha retirado, marchou a buscar os 2 que se ajuntaram na estrada que vai para o Quintão. E, formados em 3 esquadrões, aonde fizeram alto, até que chegou o sargento maior Tomas Gomes. E estiveram por espaço de uma hora. E, vindo-lhes ordem do governador, se puseram em marcha para diante a ver se o inimigo fazia alguma operação. E chegou até perto da baixa de Santo Antônio. E, tendo todos os soldados e oficiais grande desejo e vontade de seguirem adiante, advertiu o sargento maior [que] tinha já excedido as ordens do governador, que eram de não passar da Conceição. Pelo que mandou logo dar meia volta à direita e marchar para a Praça, reconduzindo-se para diante alguns casais que tinham descido à horta de Santo Antônio [para] apanhar ervas. Avistando-se já neste tempo [91v] um grande corpo de cavalaria do inimigo que, segundo alguns juízos racionais, passariam de 200 cavalos, os quais, já saindo das suas barracas, vinham marchando algum tanto devagar pelo alto da sua sentinela. E, assim, os nossos esquadrões muito mais devagar se vieram retirando, esperando sempre pelo inimigo. E, como este não chegou, se recolheram à Praça em paz ao pôr do sol.

Em 16, quinta-feira, chegaram os 2 bergantins que atrás falei. Tinham saído e com sua chegada se soube [que] tinham deixado os botes na costa de Buenos Aires quando, saindo a botar em terra 2 contrabandistas com várias fazendas e vindo-se já para bordo dos ditos bergantins os não puderam tomar. E abrigados do muito vento e mar que, de repente, lhe sobreveio, voltou um deles [a] caminho do [rio] Paraná [?], aonde andou escondido por 18 dias, sem ter [o] que comer. Os que vinham dentro dele, que eram cinco soldados e 4 marinheiros, até que topando naquela paragem uma canoa com 2 índios, lhe deram estes um quarto de carne e biscoito, com que puderam tornar à Colônia, embarcando-se na dita canoa 4 soldados dos 5 do bote, dizendo o faziam assim para

virem mais seguros porque a tal canoa era muito grande, com que chegou o bote e a canoa não antes. Depois se soube [que] tinham fugido para São João [e] os que chegaram no mencionado bote não deram notícias do outro. Estiveram os bergantins em cima, esperando 3 dias sem chegarem os ditos [92] botes, se vieram dar parte deste sucesso ao governador, que logo mandou partissem outra vez na noite seguinte à mesma paragem a ver se os podiam descobrir.

Em 17, sexta-feira, logo pela manhã, se deu parte vinha uma lanchinha pequena da banda de São João. E chegando-se viu ser o sobredito bote em que vieram 4 marinheiros e um soldado, que foram logo à presença do governador, aonde narraram a causa de seu desterro acima referido. Do inimigo na Praça não houve movimento.

Em 20, segunda-feira, chegaram os 2 bergantins que tinham saído em procura dos seus botes que tinham deixado. E não dando notícia de nenhum, supondo estarem ambos prisioneiros, ou no fundo, acharam um na Praça com menos os 4 soldados. E não tardou que não corresse logo a notícia de estar prisioneiro o outro com toda a sua gente.

Em 21, terça-feira, sucedeu [um] acidente na lancha da nau Nazaré. E foi que indo esta à ilha dos Fornos carregar de lenha para o reverendo padre vigário da matriz, correndo a costa do Arraial de Veras, já perto da noite, sentindo em terra alguns castelhanos lhe atiraram um pedreiro carregado por descuido 2 vezes. Outros dizem que fora para cursar[66] melhor. Lhe arrebentou este, matando logo o guardião, que não apareceu senão daí a 3 dias, e ferindo gravemente a 2 de que escaparam e outro que, vindo também ferido, faleceu depois de passados alguns dias. E outro casal também [foi] ferido que sendo leve a ferida lhe deu bem [92v] que fazer. E como tivesse a referida lancha este sucesso na ida voltaram para Praça.

[66] Cursar. Navegar. BLUTEAU.

Em 25, sábado, ao amanhecer, se viu terem fugido 2 marinheiros do bergantim, por alcunha a Palomita, em um bote do dito. E, sem embargo que no mesmo dia, se não soube para onde tinham desertado. Contudo, pouco depois correu notícia [que] tinham ido para o inimigo.

Em 28, pelas 4 horas da tarde, mandou o governador destacar de cada companhia da guarnição e destacamentos 3 soldados para embarcarem em 2 bergantins e irem correr o rio e na volta conduzirem lenha das [ilhas] 2 Irmãs e madeiras para as obras, com os sargentos Brás dos Santos e Manuel Soares Dorneles. E partiram pela meia-noite.

Em 29, pela manhã, se viu uma lancha ao pé da ilha dos Fornos e logo foram 2 escaleres nossos a elas e a trouxeram para bordo do Leão Dourado, que era castelhana e vinha a comprar fazenda para levar a Buenos Aires com toda a dissimulação, por ser contrabando na dita cidade.

Em o primeiro de setembro não houve novidade para com o inimigo. Neste [dia] saiu para fora a corveta de Antônio Novais e divulgou-se ia para Santos, Paranaguá e Cananéia a carregar de farinha, peixe e feijão. Pelas 10 horas do dia saiu também o bergantim Palomita atrás da dita corveta por que, achando-se já esta distante da Praça, mandou o governador atirar peça com bala e bandeira colhida para que esperasse para deixar a sua lanchita [sic] para o dito bergantim. Ao que não quis obedecer e, por isso, mandou o governador o sobredito bergantim, que veio no dia seguinte [93].

Em 4, terça-feira, mandou o governador dar a cada Praça da guarnição, e destacamentos, 3 peixes, tainhas, que por muita aderência os tinha tomado da corveta do capitão João da Costa Quintão. E foi coisa de estima, por que há bastante tempo que a Praça se achava muito falta de mantimentos, sustentando-se a gente com farinha, toda a qualidade de ervas agrestes do campo e toda a imundície de animais, como cavalos, gatos, cães e ratos de que ainda se não viu outro segundo sítio de tanto tempo e de tanta

necessidade. E assim o governador lhe mandava dar a cada soldado 40 réis para cada dia, que não chegava nem ainda a comprar um pão nem peixe de casta nenhuma, por que cada bagrinho custava meia pataca [e] seis vinténs, que não chegava para um homem comer uma vez. E do mais que havia na Praça, ou vinha de fora, tudo se vendia por um preço muito irracional e sem proporção.

E não houve mais novidade até o dia 7 do dito mês, sexta-feira, em que, pela uma para as 2 horas da tarde, apareceu uma embarcação fora da barra. E por não ter maré próspera não chegou.

Em 8, sábado, chegou ao porto a embarcação que era a balandra de Antônio da Costa Quintão. E logo se avistou outra que, pela 10 para as 11 [93v] horas do dia, chegou a dar fundo no ancoradouro. Destas 2 embarcações se não deram cartas pelo segredo que até o presente se observava. Pela uma hora depois do meio-dia, apareceram 2 embarcações para a banda do sul, de que se deu logo parte ao governador. E não tardou muitos instantes [para] que o dito não mandasse dar as cartas até aí encerradas, descobrindo-se logo o segredo de serem chegadas 3 naus de guerra nossas e alguns navios carregados de mantimentos, faltando ainda a fragata Nossa Senhora da Conceição e uma galera do Porto que chegaram depois e as 3 e mais mercantes [que] se achavam em Montevidéu.

Divulgou-se que em Maldonado tinham topado com 2 galeões de Espanha e que indo-os reconhecer o navio Corta Nabos lhe deram bandos de artilharia, acudindo logo uma das 3 nossas, a Lapadoza, que pelejou de sorte com elas que, obrigadas do muito fogo, se puseram os castelhanos em fugida, vendo vinha chegando a capitânia em seu socorro, a qual, indo-as seguindo, chegou a meter-se no meio. E pelejando desde a tarde até as 8 horas da noite. E com o escuro lhe furtaram os castelhanos o rumo, ficando a nossa capitânia bem desconcertada dos cabos. Já de barra em fora tinha topado com elas a Conceição e, pelejando algum tempo [94], se veio buscar as outras, com que todas tiveram encontro

com os ditos castelhanos, mas sempre tiveram a felicidade de apanharem as nossas divididas por causa do tempo. As naus referidas eram a Vitória, em que vinha comandante o coronel Luís de Abreu Prego, as Ondas e a Lampadoza e vinha também na capitânia o brigadeiro José da Silva Pais, que diziam vinha sitiar Montevidéu com o mestre de campo André Ribeiro [Coutinho], oficiais de guerra e soldados de Lisboa e do Rio de Janeiro, com vários petrechos de guerra e munições, como preparados para a guerra.

Em 9, domingo, se avistaram as 2 embarcações para a mesma banda do sul. E suposto que neste dia se duvida[va] que naus eram, contudo depois se souberam [que] as 2 castelhanas que atrás falamos tinham pelejado com as nossas fragatas na noite passada, despediu o governador um bergantim para Montevidéu. Pela manhã se avistou pela parte de Barregán um navio e, pondo-se à vista da Praça obra de 2 léguas, botou a lancha fora e veio a terra. E soube-se ser português, por alcunha o Francesinho, da conserva das nossas naus e, temendo-se ser aprisionado das 2 castelhanas, que se não achavam longe, mandou o governador aprestar um bergantim e algumas lanchas para o trazerem, ainda que [94v] a reboque. Mas, a tempo que se queria executar esta ordem, teve o dito navio vento e se fez à vela para o ancoradouro.

Perto da noite mandou o governador destacar um soldado de cada companhia para embarcarem em outro bergantim, por alcunha o Cavalinho, e o expediu logo para Montevidéu. Supôs-se levaria algum aviso ao brigadeiro José da Silva Pais.

Em 10, segunda-feira, se avistaram ainda os ditos 2 navios castelhanos andarem bordejando em todo o dia. E, já perto da noite, deram fundo a uma vista da Praça. Neste mesmo dia se avistaram mais 2 navios virem da banda de Buenos Aires. Suspeitou-se serem ingleses, que se achavam em o porto da dita cidade, que se vinham meter debaixo da bandeira portuguesa por terem tido lá umas diferenças com o governador Salcedo.

Em 11, veio a terra a lancha dos ditos navios. Então se soube a certeza de serem os mesmos ingleses e vinha o capitão de um deles falar ao nosso governador.

Em 12, quarta-feira, se não avistaram os ditos navios ingleses e se supôs terem-se ido, mas não se soube para onde. E avistando neste dia 4 embarcações para a Barregán, entendeu-se serem os ditos com os castelhanos. Nesta manhã foi vista a falua do inimigo andar bordejando por detrás da ilha dos Fornos. E deu caça a um escaler, que lhe escapou, pelo que mandou o governador [95] sair o bergantim Latino, com o alferes Teodósio Guerreiro e infantaria, com o sargento João Gonçalves.

Em 13, quinta-feira, não houve movimento para com o inimigo. De tarde chegou uma canoa com 2 portugueses e um clérigo desertados de Buenos Aires, os quais tinham ficado prisioneiros na [embarcação] Pau de Pinho. E trouxeram um cadáver que o tinham achado aboiado [sic] no rio, que era o guardião da nau Nazaré, aquele que tinha levado o pedreiro quando arrebentou na lancha, como já em outro lugar referimos. Por estes se teve a certeza de serem espanhóis os 2 navios que até este tempo ainda se não sabia, senão só por suspeita de como tinham pelejado com as nossas naus.

Em 14, sexta-feira, se divisou faltarem os 2 galeões de Espanha do lugar onde tinham aparecido, mas não se soube a sua derrota. E como na mesma manhã tivesse chegado o bergantim Latino, mandou o governador sair o dito a saber o caminho que tinham feito os ditos galeões. Correu com a chegada do dito bergantim ter-se encontrado com a falua, escapando-lhe esta por causa de lhe faltar o vento, tendo-a já debaixo da proa, mas que ainda fora bem sucedida, com 3 peças com bala pela proa.

No dia quarta-feira, em 15, [95v] sábado, não houve movimento, assim no mar como na terra, mais que atirar o inimigo 6 peças com bala do calibre de 6 do alto, adiante da Cova da Traição, com uma peça que tinham trazido para aquele sítio. O primeiro tiro foi a uma pouca de gente que andava pescando, o

segundo à igreja matriz e deu-lhe na torre. Os outros a várias partes, sem prejuízo de pessoa alguma. Dos nossos baluartes se lhe atirou obra de 30 tiros de artilharia, de que foi louvável uma bala que, levando pontaria para 15 ou 20 cavaleiros que marchavam no alto de Santo Antônio, dando em os que iam mais atrás se observou disparar o cavalo sem ninguém em cima. Houve quem disse vira cair o cavaleiro, o que não dou por certo, mas ao menos direi que quando não perigasse ficaria bem assustado.

Em 16, domingo, se achou já ancorado o bergantim Latino, do qual se soube tinha ido até a Barregán. E que os 2 galeões se achavam fundeados na boca da enseada, aonde estavam descarregando com lanchas e lhe tinham atirado 6 peças que não chegaram as balas. De tarde atirou o inimigo à Praça uma peça, com a sobredita que atrás falamos, cuja bala, vindo por elevação, se não viu aonde caiu. Também nesta tarde desertou da Praça um soldado do destacamento do Rio de Janeiro, da companhia do capitão Antônio Carvalho de Lucena, [96] em uma canoa. E não houve mais novidade digna de memória.

Em 17, segunda-feira, assim que clareou o dia, deram parte as sentinelas [que] aparecia uma embarcação para a banda da barra. E não tardou que não chegasse ao ancoradouro com uma trovoada do sueste, por cuja causa pode vir lancha a terra senão depois do meio-dia. E soube-se ser o Rosa, que vinha do Rio de Janeiro, carregado de mantimentos por conta Del Rei, a cujas horas entrou outra galera, o Fumeiro, do mestre José Barbosa, com a mesma carga. A qual disseram vinha de aviso pelo governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, [que] mandava.

Em 18, terça-feira, mandou o governador sair o bergantim Latino com um alferes de infantaria e sua guarnição, o que logo se executou. Supôs-se iria a descobrir o rio até a barra do sul. Neste dia se mandou arrumar todo o destacamento do Rio de Janeiro para dele se tirarem oficiais e soldados para embarcarem na nau Nazaré, para ir acompanhar as nossas fragatas que se achavam em Montevidéu. Segundo corria [e] se divulgava, iriam mais

embarcações. De tarde nos atirou o inimigo 5 peças, com a referida peça que não fizeram dano.

Em 13, quarta-feira, [96v] ao romper do dia, [a]pareceram 2 embarcações para a banda da Barregán. E suspeitando o governador da Praça serem os galeões de Espanha, mandou logo tocar caixas a recolher e fazer sinal de rebate, acudindo toda a gente paga e ordenanças à muralha e marinhas, prevenindo-se toda a artilharia da Praça e mais fogo, a saber: granadas, panelas de fogo e todo o mais necessário para qualquer ocasião que se oferecesse. Também se preparou o forte de São Pedro de Alcântara, acrescentando-lhe mais artilharia, reformando-lhe os parapeitos de novo.

E seriam 9 horas [quando] se avistaram [as] demais 2 embarcações, que mostravam serem pequenas, por cuja razão não faltou quem levantasse figura que seriam 2 fragatas nossas das que se achavam em Montevidéu, que vinham com os 2 bergantins que daqui tinham ido. Mas não tardaram muitas horas que se não tirassem da dúvida, avistando-se 6 lanchas; pelo que se conheceu serem do inimigo. E, pelo meio-dia, deram fundo bastantemente [sic] distante da Praça. E atracando as ditas lanchas inferiu-se que [era] para lhe meterem alguma artilharia ou outra qualidade de carga, por que, pelas 2 horas da tarde, se viram despedirem todas 6, fazendo-se na volta da terra, ganhando-a pela parte da lagoa do Vicente, aonde fizeram [97] o seu desembarque.

Na Praça não houve novidade; só atirar o inimigo 3 tiros com a peça acima referida, que não fizeram dano. Neste dia mandou o governador [que] se retirasse a guarnição da ilha de São Gabriel, receoso que fossem cometidos do inimigo de noite, por ser muito diminuta a que lá se achava, e assim que a seguinte se passou com grande cuidado, assim no mar como na terra.

Em 20, quinta-feira, se avistaram logo pela manhã os ditos 2 galeões conservando-se em o mesmo lugar e as sobreditas 6 lanchas virem já da terra para bordo. Pelas 2 horas da tarde se observou marcharem grandes esquadrões de cavalaria para as suas

barracas. E soube-se serem socorro que lhe tinha vindo nas referidas lanchas. E pelas 4 horas se fizeram os sobreditos galeões à vela na volta do mar, buscando o canal do sul e caminho da Barregán, e desapareceram ao sol posto.

Em 28, sexta-feira, não houve mais movimento que atirar o inimigo 6 peças, com as que acima referimos, que não fizeram dano. Do baluarte de São João e forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo [97v] se lhe atirou também obra de vinte peças ao lugar da dita peça, por quanto se deixava ver alguma gente. De tarde se avistaram 3 embarcações, 2 para a banda da Barregán e uma para a banda da barra. E chegando esta ao porto se conheceu ser o Latino que, indo de aviso a Montevidéu, teve causa de arribar. E os 2 supôs-se serem os galeões que, segundo se descobriam, estavam fundeados no canal do sul.

Em 22, sábado, foi mandado sair outra vez o bergantim Latino, indo no mar e daí virando na terra deu fundo ao pé da ilha de São Gabriel. E do inimigo não houve novidade.

Em 24, segunda-feira, se avistaram os mencionados galeões dados fundo no mesmo lugar. Em todos estes dias passados se continuou com o trabalho com grande diligência na fortaleza de São Pedro de Alcântara e forte do Monte do Carmo, que se achavam com os parapeitos arruinados.

Em 26, quarta-feira, depois do meio-dia, apareceram 2 embarcações para a parte da barra. E a sol posto chegaram ao ancoradouro. E era um bergantim e o iate de Sua Majestade, em que vinha o brigadeiro José da Silva Pais. E, conhecendo-se pela bandeira, que o dito iate [o] trazia, salvou a fortaleza com 11 peças, que recebeu o dito. Com que se seguiram os mais navios que se achavam no porto.

Desembarcou o dito brigadeiro [98] ao sol posto na praia do colégio, aonde se achavam já formados todos os soldados do terço que se não achavam ocupados na obrigação e sentinelas da muralha, com todos os oficiais da dita guarnição e destacamentos e bandeiras do dito terço, assistindo também o mestre de campo

Manuel Botelho de Lacerda com o seu espontão[67] na frente do terço com os mais oficiais, cada um em seu lugar. E, recebendo-se com toda a pompa e honoricidade [sic], foi com grande acompanhamento à matriz, aonde se lhe cantou o *Te deum laudamus* e, saindo, se recolheram em palácio. Também em companhia do sobredito senhor veio o mestre de campo André Ribeiro [Coutinho] que, segundo correu notícia, vinha para governar Montevidéu; que foi hospedado em casa do mestre de campo, do terço da Praça.

Em 27, quinta-feira, logo de manhã, saíram o governador da Praça e o dito brigadeiro a ouvir missa e depois correram toda a muralha em roda e baluartes, indo o dito governador especulando com toda a miudeza, não só obras que se tinham feito para a defesa das baterias [98v] do inimigo mas também a forma e figura que o dito inimigo teve para as pôr nos sítios em que as tinha posto, dando e ensinando o meio mais fácil de reparar a muralha nas faltas que lhe achava. E assim a manhã toda a ocupou em especular a fortificação de muralhas adentro. E de tarde o fez de muros a fora, correndo fossos [e] estacadas até as mesmas baterias que tinha servido ao inimigo. E ao sol posto se recolheram.

Neste dia, à noite, se divulgou notícia certa de que o governador tinha ordenado que as famílias que quisessem ir para o Rio de Janeiro, ou outra qualquer parte, fizessem petição para serem despachados. Supôs-se ser a causa por que todos os casais pediam mantimentos e, como na Praça não havia que chegasse para a gente de guerra, concordaram entre ambos deixarem ir quem quisesse, só a fim de ficar menos quem pudesse pedir mantimentos. Antes da partida do dito brigadeiro para esta Praça tinha chegado um iate de aviso às nossas fragatas, aonde se achava o dito e expediu no seguinte dia. E, no mesmo, se embarcou para esta Praça, por cuja razão se teve a resolução de se deixarem ir os casais que até ali se impediam, seria por alguma ordem que

[67] Espontão. É um pique mais curto, que hoje só trazem os oficiais de infantaria. BLUTEAU.

tivessem de Sua Majestade. Também de tarde se avistaram [99] duas embarcações para a parte da barra. E desaparecendo a que vinha adiante chegou a outra que era o bergantim Latino que, segundo disseram, vinha dando caça a uma lancha inimiga.

Em 28, sexta-feira, partiram 2 bergantins a certa diligência para as partes da ilha de Martim Garcia. De tarde andou o dito brigadeiro e o governador medindo o terrapleno por donde esteve o curral [e] fazer novo risco de muralha que, segundo dizem, manda Sua Majestade fortificar por outra forma e por mais largueza.

Em o primeiro de outubro, segunda-feira, chegou uma embaixada do governador de Buenos Aires. E não direi o que continha, mas só notei que tardou bastante tempo em dar-se resposta, por que, vindo pelo meio-dia, se não despediu o trombeta senão pelas 11 horas da noite em uma lancha, por mar, por chover nessa noite com muita força.

Em 3, quarta-feira, chegou o iate e o bergantim Latino que os dias passados tinha ido a conduzir lenha. E trouxeram uma lancha pequena castelhana prisioneira, sem gente, por que dando-lhe caça o dito bergantim se pôs em fugida, encalhando em terra e tiveram [sic] lugar a gente de fugirem. Também nesta ocasião trouxeram uma canoa em que vinha um português do navio Pau de Pinho, que tinha vindo algumas vezes a esta Colônia com contrabando. Pelas 8 horas da noite, mandou [99v] o governador preparar o iate e 3 bergantins para uma diligência [que] se havia de fazer no seguinte dia.

A 4, quinta-feira, ordenou o governador da Praça e o brigadeiro José da Silva Pais que, pela meia-noite, estivesse toda a guarnição paga da Praça e mais destacamentos pronta e preparada de munições para sair às barracas do inimigo e destruí-las e queimá-las. E, como semelhante projeto era já há muito tempo apetecido dos militares e mais moradores da Praça, todos estimaram a resolução com grande gosto. E pela uma hora depois da meia-noite saiu a infantaria para se formarem os esquadrões no

terrapleno de fronte da cortina entre os 2 baluartes, assistindo a esta formatura o governador da Praça, o brigadeiro José da Silva Pais, o mestre de campo André Ribeiro.

Formada toda a gente em 2 corpos, se deu princípio a marchar depois das 3 horas, comandando o primeiro corpo o sargento maior Tomas Gomes e o segundo o mestre de campo Manuel Botelho de Lacerda. E depois se formou outro, em que iam muita parte das ordenanças, comandada pelo tenente general Pedro Gomes de Figueiredo, que foi mandado pôr no alto da atalaia. E, marchando com os 2 que acima digo, com todos os soldados bem amenicuados [?] e granadeiros com granadas e 3 peças de artilharia e seus cavalinhos de frisa,[68] chegaram seriam 7 horas ao dito abarracamento.

E como os castelhanos não presumiram [100] se fizesse a tal saída [e] se achassem descuidados não tiveram tempo os que se achavam no dito abarracamento, senão de fugirem cada um no cavalo que tinha amarrado. E alguns se viram fugirem a pé, por não terem lugar de outra operação. E, entrando o primeiro corpo, foram mandados os gastadores[69] a arrasar e a tacar fogo às barracas mais principais. E se lhe queimou a que lhe servia de corpo de guarda e outra que tinha uma ferraria de consertar armas, em que estavam bastantes, que umas se lhe cobraram e outras se trouxeram, como também outros trastes que os ditos gastadores apanharam. Enquanto se andava na diligência de se arrasar e queimar as sobreditas barracas, achando-se o primeiro corpo mais adiante, o segundo atrás, postos em Praças vazias prontas para toda a ocasião, não fez o inimigo operação de frente

[68] Cavalo ou cavalinho de frisa. Máquina bélica. É uma trave armada com pontas de ferro ou com paus ferrados no cabo, que se faz voltar contra outro pau fincado na terra e que se abre ou se fecha, conforme a necessidade. Ou é uma árvore cortada a seis faces, atravessada com paus compridos, ferrados nas extremidades, com que nos passos estreitos se faz parar a cavalaria e infantaria. Chama-se de frisa porque os holandeses a inventaram e fabricaram em Groninga, cidade da província de Frísia. BLUTEAU.

[69] Gastador. Aquele que no exército e nos assédios trabalha com enxada em aplainar caminhos, abrir trincheiras, fazer fossos e outras obras militares. BLUTEAU.

com que buscasse alguns dos sobreditos corpos, senão andarem fora de tiro de mosquete, hora juntos hora espalhados, fazendo alguns tiros com espingarda ao nossos 2 corpos sossegados, esperando que eles avançassem. E só com as peças se faziam alguns tiros. E assim se andou até horas do meio-dia, em que ordenou o mestre de campo se pusessem em marcha a ganhar a Praça.

Com os referidos 2 corpos saiu também o ajudante Manuel Nunes [100v] Cordeiro, com 50 soldados, sendo nomeados pelo governador para, ao tempo [em] que iam marchando os 2 corpos, fossem ao lugar aonde o inimigo tinha uma peça para lhe ganha[r], como com efeito ganharam. E se achavam com ela no alto da atalaia quando os 2 corpos se vinham retirando, recolhendo-se todos em feliz sucesso. Averiguou-se foram nesses 2 corpos 500 soldados, excetuando oficiais gastadores, que neste dia eram 30, e vários particulares e casais. Nesta ocasião morreu um preto inglês e aprisionou o inimigo 2 marinheiros e um comissário que, levados da grande ambição de saquearem e levarem para umas lanchas de navios que se achavam na praia algumas coisas que achavam nas barracas, foram encontrados de uns ginetes, algum tanto longe dos 2 corpos, e tratados na forma sobredita.

Em 8, sexta-feira, pelas 11 horas do dia, foi a sentinela da patrulha da banda do sul cometida de 3 ginetes. E como ficava bastantemente [sic] longe de seu corpo, por ser assim necessário, se resolveu buscar à praia, aonde o perseguiram, principalmente um que mostrava ser oficial, dizendo que se rendesse, atirando-lhe com uma pistola, que o não ofendeu pelo errar. E vendo o nosso soldado vir outro em seu socorro meteu a arma à cara e disparou, vendo-se o dito ginete ladear-se e ir devagar, já apeado, até que lhe acudiram outros e, ajudando-o a montar, se retiraram com eles.

Em 6, sábado, pela meia-noite, ordenou [101] o governador se tornarem a prestar a mesma infantaria e oficiais que, na noite antecedente foram nomeados, para marcharem com seus esquadrões neste dia, continuando-se a mesma saída às barracas

do inimigo para que se acabasse de queimar o que se não fez no dia 4. E, pela meia-noite, principiou a sair a infantaria pela porta falsa, formando-se os esquadrões no referido lugar [e] dando princípio à marcha depois das 3 horas. Mas, antes de chegarem ao sobredito lugar do abarracamento, foram ameaçados do inimigo que, vindo com grande ímpeto quando a nossa gente o esperava já postos em Praça vazia fez alta, começando-se a espalhar sem ordem, obrigados de uma peça que se lhe atirou do primeiro corpo.

Chegaram enfim os nossos ao lugar das barracas e a puseram em cinza em breves horas as que tinham restado da outra diligência. E, passando-se mais adiante a outro arraial, se lhe queimaram todas as que se achavam com admirável deliberação, sem que o inimigo se atrevesse a fazer o mínimo movimento de guerra, porque só andavam retirados disparando algumas espingardas e escaramuçando e não buscando forma de [101v] de acometerem os corpos que, já acautelados os esperavam. Guarnecidas as 2 Praças com cavalinhos de frisa, que eles muito temiam, algumas balas de mosquete deram entre os corpos, mas não prejudicaram a pessoa alguma, por que, vindo por elevação chegavam frias e em alguns soldados faziam somente a nódoa do tamanho da bala.

Contudo, entre as muitas que caíram no corpo das 2 Praças várias se pode ter por principal prodígio do senhor São Miguel, nosso eleito general, a quem toda esta Praça da Colônia deve e confessa repetidos favores, pela uma hora da tarde, depois de se ter demolido e queimado todas as barracas [e] algumas carretas, 2 currais de gado com estacada de pau-a-pique, se pretendia ir à mesma execução ao arraial de Nossa Senhora da Oliveira, que foi do capitão Inácio Pereira da Silva, mas, por arrebentar uma peça de campanha das que se tinham levado, foi motivo de se deixarem essa execução e buscarem a Praça. E como esta se acha cheia de milagres do glorioso arcanjo não deixarei de referir este que, arrebentando uma peça de campanha do calibre de 4 entre os dois

corpos de gente e bem chegada, não ofendeu a viva alma, donde parecia impossível deixar de não matar alguém.

Recolheram-se à Praça pelas 4 horas da tarde com tão bom sucesso que nem um homem chegou com a mínima ferida. Os comandantes desta saída foram os mesmos do dia 4 [102] e só neste dia foi o tenente general Pedro Gomes Figueiredo, o qual se houve com tão honrado e distinto valor e boa disposição que foi louvado de todos, assim pela eficácia com que se aplicava a demolir tudo, sem querer ficasse nada em pé, como na acertada eleição que mostrava hostilizar o inimigo. Os oficiais desta função foram todos os da Praça e destacamentos, exceto o capitão Plácido Alves e o capitão Manuel de Macedo e outros capitães do destacamento do Rio e o alferes da guarnição [que], por ordem do governador, ficaram guarnecendo os seus postos, sendo tudo assim necessário.

Em 7, domingo, não houve movimento. Divisou-se andar o inimigo consertando uma capela de Nossa Senhora em que se lhe dizia missa, por que se lhe tinha tirado a palha e lançado abaixo parte da parede, não se lhe atacando fogo por se ter respeito [por] ser casa de Deus ou de sua mãe santíssima. Supôs-se seria para dizerem missa, porque se viu aí grande ajuntamento.

Em 8, de tarde, chegou uma embarcação do Rio de Janeiro, que era a charruinha que foi do defunto João Rodrigues. Deu notícias ter chegado a Montevidéu o navio de mantimentos e petrechos de guerra que faltava e que também eram chegadas as 2 naus de guerra Esperança e a [102v] Arrábida e que a Esperança vira desalvorada do mastro, traquete e gurupés.[70]

Em 9, terça-feira, pelas 9 para as 10 horas da amanhã, apareceram uns ginetes do inimigo pelo alto do Quintão, aos quais se lhe atiraram 3 peças do baluarte de São João, mas logo desapareceram. E não houve neste dia mais movimento algum.

Em 10, quarta-feira, pelas 7 horas da manhã, chegou [uma] embaixada do inimigo. Falou-se ser sobre a carga dos navios

[70] Gurupés. É um mastro que assenta sobre a roda de proa. BLUTEAU.

ingleses, o que não tenho por certo. Soube-se ter o [governador] Salcedo passado a esta banda e que pretendia fazer o arraial na Oliveira.

Em 11, de tarde, saíram 2 navios dos que tinham vindo com o segundo socorro, o bergantim do mestre Guilherme e o iate em que ia o brigadeiro para Montevidéu. E perto da noite saiu também a corveta do capitão Antônio da Costa Quintão que, segundo se supõe, vai para fora da barra a conduzir mantimentos para a Praça.

Em 13 do dito mês, sábado, veio para a praia do colégio o bergantim Latino, que se achava arrombado e no fundo da água na ilha de São Gabriel.

Em 14, domingo, não houve movimento do inimigo. À noite se passou nas ordens que no dia seguinte se tocasse a faxina pelas 8 horas da manhã, para se trabalhar até as 10 e de tarde pelas 2 até as 5, o que se continuaria todos os dias com todo o terço nas obras da fortificação do baluarte de São João e mais partes necessárias.

Em 15, se prosseguiu a dita faxina com 2 horas de manhã e 3 de tarde e não houve movimento digno de memória até o dia 23, terça-feira [103], em que, pela 4 horas da tarde, deram as sentinelas parte [que] avistaram 4 embarcações que, com a chegada da noite, se não reconheceram.

Em 24, quarta-feira, assim que amanheceu, se descobriram 8 embarcações. E neste dia chegaram ao ancoradouro 3, a saber, a primeira uma galera carregada de farinha vinda do Rio de Janeiro, a segunda o bergantim do capitão Guilherme, vindo de Montevidéu, a terceira, que já chegou de noite, o bergantim Tavares, que tinha ido a Santa Catarina e Laguna. Deram notícia serem as outras embarcações o Leão Dourado, a galera da Bahia, que havia poucos dias tinha ido para Montevidéu, a nau de guerra Esperança, uma balandra de fogo e o iate em que tornava a vir o brigadeiro José da Silva Pais.

Em 25, quinta-feira, logo pela manhã, ordenou o governador ao sargento maior Tomas Gomes [que] fizesse estar pronta toda a

gente do seu destacamento, que logo se embarcou pelas 4 horas da tarde na nau Nazaré, que também o mesmo governador tinha mandado aparelhar para sair para fora. Na noite passada veio desertado [103v] um castelhano, peão dos que se achavam dentro da Praça no princípio do sítio e tinha ido no Corta Nabos quando se botaram alguns da mesma nação em Maldonado, o qual, andando até agora com o inimigo, se veio para a Praça por ter cá deixado sua mulher. Deu notícia que o [governador] Salcedo tinha passado para Montevidéu e que no arraial se achavam com pouca gente.

Em 27, sábado, se avistaram as referidas naus, já feitas à vela, que logo deram fundo. Pelas 3 horas da tarde ordenou o governador ao mestre de campo do terço [que] mandasse destacar 6 soldados de cada companhia dos da guarnição para se embarcarem em 2 bergantins Sereia [e] Cavalinho; que se embarcaram pelas 4 para as 5 horas da tarde, nomeando-se para o Cavalinho o capitão Antônio Roiz Figueira e o alferes Francisco Fernandes e, para a Sereia, o capitão Teodósio Gonçalves Negrão e o alferes Francisco Saraiva. E na partida, que foi de noite, deu na restinga o Cavalinho, de que se veio a perder.

Em 28, domingo, pela manhã, se avistaram a nau Esperança, Leão Dourado, galera da Bahia, bergantim e o iate dados fundo. E logo se fizeram à vela a balandra e o iate em que vinha o brigadeiro José da Silva Pais, que chegou à Praça pelas 10 horas [104] do dia. E foi buscá-lo a bordo o governador e outros oficiais. E se recebeu na praia do colégio com a magnificência devida. Como da primeira vez, levaram grandiosas salvas de artilharia e foram para a igreja matriz, aonde ouviram missa do padre vigário. De tarde houve conselho com todos os oficiais de maior graduação e não me chegou a notícia sobre que seria.

Em 2 de novembro não houve novidade para com o inimigo. Neste dia se recolheu para o ancoradouro o Leão Dourado, que se achava ao pé da nau Esperança.

Em 3, se repartiu pelas companhias do terço 50 e tantos soldados que tinham vindo na recruta do segundo socorro do Rio de Janeiro.

E não houve mais movimento até o dia 6, terça-feira, em que mandaram o governador e o brigadeiro preparar a infantaria para, [pela] terceira vez, ir dar no acampamento do inimigo, que já se achava em Nossa Senhora da Oliveira. E, saindo pela meia-noite, e formando-se no mesmo sítio das outras vezes com os cavalinhos de frisa e 3 peças de artilharia, por certo inconveniente se desistiu da saída e se tornaram a recolher todos os oficiais nomeados e mais gente, que nesta ocasião era muito mais avantajada, porque além de sequer ser grande [104v] número de infantaria da terra e destacamentos particulares, também levavam 40 granadeiros de Lisboa, com seu tenente que tinham vindo na nau Esperança.

Em 7, quarta-feira, ordenou o governador, pelas 3 horas da tarde, arrumassem toda a guarnição e destacamentos com seus oficiais na Praça da parte de dentro, ao pé das casas do tenente Domingos da Luz e Souza, aonde, formando a gente em 3 corpos, o dito governador e o brigadeiro, acompanhados do mestre de campo Manuel Botelho de Lacerda e André Ribeiro, pondo-se cada oficial em seu lugar determinado. E, postos nesta forma, mandaram pôr as armas em terra, com sentinelas nos ângulos, para irem comer e descansar até as 9 horas da noite, em cujas horas, ajuntando-se todos, mandaram pôr os sobreditos corpos em marcha, saindo a desfilada pela porta falsa.

E achando-se pela meia-noite tudo pronto no dito terreno, com os cavalinhos de frisa, peças de campanha e todo o mais necessário, descarregou uma tão grande trovoada com chuva [e] escuridão que obrigou a recolherem-se e desfazerem toda a forma, ficando frustrada a diligência que se pretendia executar. Segundo o que se observou na forma destes corpos, porque assim estavam divididos, se encarregava o primeiro ao mestre de campo Manuel Botelho de Lacerda, o segundo ao tenente general [105] Pedro Gomes de Figueiredo, o terceiro ao sargento maior Tomas Gomes.

E não deixarei de referir o que notei, que, querendo-se executar esta diligência por 2 vezes, de nenhuma [forma] se chegou a efetuar. Intendeu-se ser permissão divina, embaraçando-a sempre o eleito general da Praça, o arcanjo São Miguel.

Em 9, sexta-feira, mandou o governador um homem, português, que algum dia tinha andado com os castelhanos à patrulha de Nossa Senhora da Conceição, para que esta lhe desse 4 soldados armados e com eles ir ganhar a sentinela do inimigo na atalaia, para que fim [?] que o dito governador sabia; e a mim me parece seria para descobrir melhor o campo, o que prontamente se fez, ganhando a dita sentinela. E chegando àquele sítio já desamparado, acharam os nossos uma lança e 2 ponchos, que são como mantas pintadas. E, saindo a este tempo a nossa patrulha a cobri-los, se vieram os 5 retirando, aparecendo depois 9 ginetes no dito lugar, fazendo demonstração de quererem cometê-los, o que não chegaram a executar, por que incorporados os 5 com a sobredita patrulha que lhe ia em socorro, esperando que eles os buscassem, fazendo uma escaramuça se foram retirando. Era o cabo da referida patrulha o sargento Manuel Soares Dorneles. [105v]

Em 10, sábado, foi a bordo da fragata Nossa Senhora da Esperança o brigadeiro José da Silva Pais. E [a fragata] salvou com 9 peças [de artilharia]. E para o inimigo não houve mais movimento até o dia 12, segunda-feira. E nele arrumou todo o destacamento do Rio de Janeiro e lhe passou mostra o sobredito brigadeiro, tornando-se logo a recolher em seus quartéis e alojamentos.

Em 13, chegaram os 2 bergantins que tinham saído o dia antecedente atrás de uma lancha que se avistou, que lhe não deram alcance. E não trouxeram novidade nem na Praça a houve.

Em 16, sexta-feira, ordenou o governador da Praça e o brigadeiro que se preparassem a nau Nazaré, Leão Dourado e as 2 galeras, Bonita e da Bahia, que sem demora se puseram de verga de alto. E mandou ao sargento maior, Tomas Gomes, fizesse

aprestar todo o seu destacamento para embarcarem [sic], o que prontamente se fez. Estando para se executar o dito embarque chegaram 2 bergantins que o dia passado tinham saído a descobrir mar ou outra diligência para as partes da Barregán. E das notícias que trouxeram não tive nenhuma, mas fiz reparo o não se continuar no sobredito embarque, ainda que se quis dizer era por causa do tempo.

Em 11, sábado, passaram ordem o governador da Praça e o brigadeiro [para] que os oficiais e soldados do dito destacamento se embarcassem com toda a brevidade, [106] o que sem demora se executou, pondo-se tudo pronto para seguir viagem. Pela uma hora depois do meio-dia, começaram a fazerem-se à vela os mencionados navios, sendo a primeira a fragata Nossa Senhora da Esperança. E, perto da noite, deram fundo ao mar, do iate, junto da ilha de São Gabriel. O sobredito brigadeiro também se embarcou no iate para dispor o que se havia de fazer, por que se falava iam a Barregán. Demais [sic] das embarcações nomeadas foram o bergantim do capitão Guilherme e uma charruinha[71] cuja, disseram, ia se meter no fundo com a galera Bonita para taparem a barra da dita enseada. A galera da Bahia, depois de estar de fora, tomou a volta de Montevidéu e foi levar aguada às nossas fragatas.

Em 18, domingo, pelas 8 horas, se fizeram à vela tomando o caminho da Barregán e logo desapareceram.

Em 20, terça-feira, chegaram 2 embarcações do Rio de Janeiro, uma corveta e um navio maior. E soube-se ter chegado àquela cidade um iate que tinha vindo de aviso de Lisboa às nossas fragatas e fora remetido para o Rio. Nesta tarde chegou um soldado do inimigo, [106v] desertado, e disse que o seu governador Salcedo era passado para Buenos Aires e que deixara para a

[71] Charrua. Navio de carga, de grande bojo e popa estreita. BLUTEAU.

Charrua. Antigo navio de transporte de três mastros, com um grande porão e pouco armamento. Substituiu a urca do século XVII e foi usada durante todo o século XVIII e parte do século XIX. GODOY. Op. Cit., p. 666.

regência de Montevidéu um coronel que tinha chegado de Espanha nos galeões.

Em 23, sexta-feira, expediu o governador da Praça 2 bergantins e a lancha Paraguai, com oficiais e infantaria a correrem o rio e conduzirem lenhas, mas eu sempre infiro iriam a outra diligência.

Em 24, sábado de tarde, se ouviram vários estrondos de artilharia para a banda da Barregán e se avistou para a mesma banda uma embarcação que mal se divisava.

Em 25, domingo, se avistou a armada que tinha ido a Barregán de volta para a Praça. E por ser o vento fraco não chegou ao ancoradouro. Do inimigo não houve movimento.

Em 26, segunda-feira, amanheceu no ancoradouro um bergantim que veio da Bahia a Laguna carregar de carne para a Praça e, pelo meio-dia, chegou também o iate em que tinha ido o brigadeiro, que logo saltou em terra. Então se soube não se poder conseguir o intento que o dito tinha na Barregán, porque as 2 naus se tinham recolhido mais para dentro, mas sempre lhe entrou dentro o iate e o bergantim do Guilherme. E fizeram bastante fogo para a terra, recebendo também muitas balas de 2 fortes que o inimigo tinha, e mais dos sobreditos galeões. Notou um capuchinho barbôneo [sic], Francisco Antônio, que tinha ido no iate [107] acompanhando o dito senhor brigadeiro, que não deixou de ser grande prodígio serem tantas as balas sobre o iate e dar-lhe bastante sem a leve ofensa dos muitos soldados e marinheiros que nele se achavam.

Em 30, o último de novembro, sexta-feira de tarde, apareceu uma embarcação para a banda da barra. E por ser já tarde e não poder chegar, se ficou na dúvida de ser o iate que [n]os dias passados tinha seguido viagem para as nossas fragatas de Montevidéu, a levar alguns soldados para a sua guarnição, por lhe ter morrido muita gente e trazer de lá alguns doentes para se curarem na Praça.

Em primeiro de dezembro, sábado, se viu ter já entrado a embarcação do dia antecedente. E era o Alameda, vindo do Rio de Janeiro, carregado por El Rei, de donde se soube ter chegado àquela cidade uma nau de guerra e 2 paquetes carregados de pólvora e bala e armas. E que na Europa se não falava em guerras. Também nesta manhã entraram o Leão Dourado e a galera da Bahia, ficando ainda de fora a fragata Esperança e nau do Porto.

Em 2, domingo, chegaram os 2 bergantins e a balandra Del Rei, que tinham ido a conduzir lenhas a [ilha de] Martim Garcia [107v]. E neste dia desertaram para o inimigo 3 soldados, achando-se na patrulha que costumava sair de dia.

Em 3, segunda-feira, se mandou repartir a dita lenha por toda a infantaria da guarnição e destacamentos a 2 arrobas cada Praça.

Em 4 chegou uma galera do Porto que já se achava com as nossas fragatas e trouxe alguns doentes das ditas e alguns petrechos de guerra necessários na Praça, de que tinha vindo carregada do Rio de Janeiro. E não houve movimento até o dia 7, sexta-feira, em que vieram desertados do inimigo 2 soldados dos que tinham vindo de Espanha. E, de tarde, chegaram mais 2 desertados da guarda de São João, vindos em uma canoa, que da Praça tinha levado um negro fugido.

Em 8, sábado, pelas 8 horas da noite se embarcou alguma infantaria de granadeiros nos bergantins e algumas lanchas para irem ao rio de São João na diligência de queimarem alguns ranchos e armazéns de mantimentos e várias fazendas e petrechos, mas não partiram na seguinte noite.

Em 10, segunda-feira, se viu terem partido 3 bergantins e seis lanchas, sendo nomeado para cabo desta empresa o capitão Antônio Rodrigues Figueira, acompanhado do tenente de cavalos Pedro Pereira Chaves, o alferes Silvestre Teixeira, o alferes Brás dos Santos, o alferes Francisco Saraiva, todos da guarnição da Praça, e outros alferes do destacamento do Rio de Janeiro e vários sargentos [108].

Pelas 9 horas, se ouviram da Praça algumas peças, que logo se supôs serem em a dita paragem. Pela uma hora se avistaram as nossas embarcações que vinham aparecendo pela ilha dos Fornos. Chegando em terra as primeiras lanchas, deram notícias tinha sucedido mal à nossa gente, por que tinha ficado lá prisioneiros boa parte de gente e alguns mortos e outros feridos. E para maior inteligência referirei aqui o caso tão fielmente como me veio a notícia, por que lá me não achei. E foi chegando os referidos bergantins a ancorar ao pé do dito rio, trataram os nossos de botar gente em terra, o que fizeram ao romper do dia. Pondo-se em forma de marcha foram seguindo o caminho rio acima, para uns ranchos aonde o inimigo tinha um grandioso armazém de vários mantimentos e outros petrechos de guerra e campo, aonde chegaram lançando fogo e arrasando tudo o que ali acharam.

E vindo para o rio, achando um lanchão grande de coberta, o colheram a tempo que já se viam alguns ginetes, que vinham marchando para eles, ajuntando-se logo mais que fizeram vários [108v] esquadrões, trazendo consigo uma peça de artilharia de calibre de 3. E, havendo entre os nossos oficiais vários pareceres sobre o modo mais conveniente da retirada, se resolveu embarcarem-se todos em 6 lanchas nossas que tinham ido pelo rio arriba e no sobredito lanchão e irem nelas fazendo-lhe fogo, o que logo fizeram. E como o inimigo se tinha avizinhado ao rio, enquanto os nossos fizeram o embarque, começou a pelejar com muita mosquetaria e com uma peça, que acima disse tinha trazido, que atirava com bala mestra e miúda em tão pequena distância que até as buchas lhe metiam dentro. E trazendo as nossas o lanchão ao reboque, vendo-se assoberbadas do muito fogo de mosquetaria e metralha, houve quem lhe cortou os cabos do reboque, sacodindo-se as nossas a todo o risco pelo rio abaixo, deixando lá o dito lanchão, que na ocasião se não achava com vela nem com remos. E assim, apertando o inimigo com continuado fogo, vendo se achavam com aquela desordem, se viram os nossos que nele se achavam precisados a renderem-se por não irem a pique e

morrerem todos, principalmente estando já o dito lanchão atravessado no rio com a proa em terra da mesma banda do inimigo.

Não deixarei de referir aqui o que observei deste sucesso e é [109] que, achando-se o mencionado lanchão já nestes termos que não podia escapar ao inimigo, ainda haviam [sic] nele portugueses de tão reconhecido valor que se não queriam entregar, fazendo muito fogo como sempre fizeram não só neste senão nas nossas lanchas, que por esse respeito tinham vaga de escaparem, mas, a rogo de outros e vendo a preciosidade [sic] a que os tinha posto a fortuna, se sujeitaram a render-se, principalmente por que viram lhe não acudiam as outras lanchas.

E assim ficaram prisioneiros 122, entrando neste número oficiais, excetuando mortos e feridos. Os oficiais que ficaram prisioneiros foram o tenente Pedro Pereira Chaves, o sobrinho do brigadeiro José da Silva Pais, o furriel de cavalos Manuel de Sá, os sargentos Manuel da Silva, Antônio de Morais e outros 2 do destacamento do Rio de Janeiro. Os mortos não passaram de 8. E feridos mais foram que ficaram prisioneiros, sendo um deles um alferes do destacamento do Rio que, ficando prisioneiro no mencionado lanchão com os queixos fora [por causa] de um pedaço de metralha, veio morrer à Praça por pedir esse favor ao comandante do inimigo, que não pôs dúvida, porque via que não escapava.

Nestes dias chegaram os bergantins e mais lanchas. E logo expediu o governador embaixada do inimigo, que não mandou [109v] logo a resposta, por se achar o seu comandante em São João, na ocupação de enterrarem os feridos [?] que tinham lá ficado.

Em 11, se passou mostra à toda a gente. E, segundo correu, achou-se faltos 61 do terço e 15 da cavalaria. E do destacamento do Rio 22, fora marinheiros, que se supõe seriam 8, e os referidos oficiais, e 4 granadeiros de Lisboa.

Em 12, ao amanhecer, partiram 3 bergantins para a costa de Buenos Aires, [a] fazerem espera aos seus lanchões [para a] condução dos referidos prisioneiros.

Em 13 mandou o governador da Praça tocar a sargentos [sic], passando-lhe ordem que dessem parte aos seus oficiais [que] se quisessem mandar alguma roupa aos soldados de suas companhias que se achassem prisioneiros a aparelhassem, aonde se tomou conta delas, para se mandarem. Que neste mesmo dia se puseram em palácio as trochas para irem para o campo do inimigo. E se expediu de tarde [uma] embaixada, cuja resposta chegou pelas 9 horas da noite, e pelo que dela se contou foi que os tais prisioneiros já se achavam distraídos daquele arraial e assim ficou a dita roupa. De tarde se avistaram 2 lanchas para a banda de São João e, suspeitando-se serem castelhanas em que iriam os prisioneiros, se expediu logo, a toda a pressa, o bergantim do Guilherme com o tenente Paulo Pais Pereira e infantaria [110].

Em 14, sexta-feira, de tarde, chegou o sobredito bergantim, trazendo consigo uma lancha nossa que tendo saído com outros bergantins se tinha apartado deles com falta do leme. E deste se soube que as embarcações que tinham aparecido eram os nossos bergantins.

Em 15, sábado, se passou mostra ao destacamento do Rio de Janeiro e se lhe fez pagamento. Neste dia chegaram 2 castelhanos desertados e disseram vinham de Montevidéu. E não deram novidade digna de memória.

Em 17, se principiou a embarcar o destacamento do Rio e Bahia em a nau Nazaré e Leão Dourado. E do inimigo não houve movimento.

Em 18, terça-feira, se acabou de fazer o embarque da dita gente com todo o necessário.

Em 19, já perto da noite, apareceu uma embarcação para a banda da barra. Pelas 8 horas da noite, chegou ao ancoradouro e era um bergantim como os que se achavam vindo do Rio de Janeiro. Deu notícia [de] ter chegado às nossas fragatas o socorro

de Pernambuco e que desta banda do Rio Grande se achava já alguma gente nossa com Cristóvão Pereira [de Abreu], o qual, com 200 homens e cavalhada, se tinham feitos fortes em uma angustura [sic] chamada de São Miguel. [110v]

Em 21, sexta-feira, se embarcou em algumas embarcações, que neste porto se achavam, vários gêneros de mantimentos, cavalinhos de frisa, escadas, bombas de vários gêneros de morteiros, pás, picaretas, machados, enxadas, várias madeiras, barracas de campanha, selas, armas de fogo de sobressalente para levar o brigadeiro na expedição que fazia, que se dizia era para Montevidéu.

Em 24, segunda-feira, amanheceu na Praça um soldado português, dos que se achavam prisioneiros em poder do inimigo, o qual teve meios de poder desertar e buscar a sua Praça. De tarde se fez à vela a nau Nazaré e mais embarcações. E por lhe faltar o vento logo deram fundo.

Em 25, dia do nascimento de Cristo, se fizeram à vela os referidos navios. Pelo meio-dia, chegou à Praça a falua do inimigo, desertada com 7 homens biscainhos. E trouxeram 16 armas de fogo e algumas catanas, granadas, pólvora e bala que costumava trazer. A qual, vindo a São João com uma carta do governador de Buenos Aires, e saltando em terra um sargento e alguns da dita falua, se resolveram os que vieram a desertarem. Esta falua é uma lancha de 2 proas, 16 remos que assim a remo como à vela se andava muito sem haver quem lhe pudesse dar entrada [111]. Comprou-a o governador por 400 pesos de 150 réis cada um.

Em 26, quarta-feira, pelas 2 horas da tarde, chegou uma embaixada do inimigo, a que deu resposta o governador de que não direi nada. Suspeitou-se, pelo que se falou, ser a respeito dos prisioneiros.

Em 27 não houve movimento para com o inimigo. Na noite passada se apanhou um soldado da guarnição da Praça que, lançando-se ao rio a ganhar a sobredita falua, foi colhido e preso, porque se teve por certo queria desertar.

Em 28, sexta-feira, amanheceram no porto os 2 bergantins e lancha Paraguai que se achavam fora e trouxeram lenhas para a Praça. Neste dia levou o inimigo 12 cavalos e 4 mulas, andando pastando por um descuido do cavalariço que os guardava.

Em 30, domingo, não houve movimento do inimigo. De tarde veio um cavalo fugido, o qual era um daqueles que [o inimigo] tinham apanhado, não havia muitos dias. Já acostumado e mui velho nesta Praça, buscou-a, escapando a toda a fúria de alguns cavaleiros que o quiseram atacar no caminho. E é para reparar que, desertando alguns portugueses desta Praça, [111v] fugindo de servir ao seu rei, ainda nesta guerra vão aceitar partido servindo e pegando em armas pelo rei estranho, e os animais brutos sem conhecimento racional fogem do inimigo, lembrando-se de seu natural costume.

Em 31 partiu para o Rio de Janeiro uma charruinha. E levou 6 famílias com bastantes almas. Em o primeiro de janeiro de 1737 não houve novidade. Nem houve no dia 2.

Em 3, quinta-feira, saiu para fora a balandra do capitão Antônio da Costa Quintão, seguindo viagem para Santa Catarina e Laguna. E levou alguns casais que correu [notícia] iam para o Rio Grande. Neste dia desertou um soldado do capitão Antônio Rodrigues Figueira e, de tarde, chegou também outro soldado castelhano, desertado na noite passada. Se soube viera dentro [da Praça] um cabo de esquadra dos vizinhos, que tinha entrado dentro com os 2 soldados, a quem o português desertado tinha acusado que tinha vindo dentro [d]a Praça e que, por esse respeito, tinha fugido antes que o acolhessem, ou, falando com mais verdade, sendo preso teve meio por um seu amigo de se escapar e buscar a Praça, do qual se não soube novidade se não de terem chegado a São João 2 lanchas carregadas de biscoito e outros víveres.

Em 6, dia de reis, domingo, chegaram 2 bergantins; um que se achava com as nossas fragatas em Montevidéu e outro vindo do Rio de Janeiro, carregado por El Rei; o qual deu notícia [de] ter

chegado à dita cidade um iate de Lisboa, de aviso com prego [112] para o governador, e outras novidades que se movem na dita cidade sobre a Colônia.

Em 7, segunda-feira, partiu a falua para a costa de Buenos Aires, na diligência de ver se podia trazer o capitão do navio inglês que, achando lá por certo movimento se veio para este porto, ficando lá o capitão debaixo de prisão.

Em 11, sexta-feira, chegou um bote de Buenos Aires com o sobredito capitão do navio inglês e, com a sua chegada, se patenteou a causa da sua prisão. E foi que queria o [governador] Salcedo que o dito navio fosse botar a escravatura na Barregán, o que o capitão não queria, fundado em ser costume dos mais ir a [?] botar e por isso se retirava de alguma traição, como ao depois se colheu ser certo, com cuja vinda se soube terem os castelhanos apanhado o mazagam,[72] [sic] português que costumava passar-se muitas vezes a Buenos Aires [com] contrabandos, ao qual tinha o [governador] Salcedo mandado arcabuzar junto com um castelhano seu companheiro. E que o esquartejaram, pondo os quartos pelas partes mais públicas da cidade.

Em 12, depois do meio-dia, veio à Praça embaixada do inimigo. E chegou um soldado castelhano, desertado, que não deu novidade. Neste dia chegou a falua que tinha ido à costa de Buenos Aires. E também não teve novidade. [112v]

Em 22, depois do meio-dia, veio uma embaixada do inimigo e, sem embargo que de certo se não soube sobre o que seria, contudo, vulgarmente correu, que era a respeito dos oficiais portugueses que se achavam prisioneiros. Para se lhes mandar alguma roupa, como na mesma tarde se fez em 3 baús que se entregaram ao inimigo, junto à capela de Nossa Senhora da Conceição.

Em 23, quarta-feira, partiram do ancoradouro 3 navios: a galera do Porto, a Bonita e a do mestre Jacinto Vieira. Levaram

[72] Seria um originário de Mazagão, fortaleza portuguesa na costa marroquina?

várias munições de boca e guerra e vários petrechos para entregar nas nossas fragatas para a expedição que, se dizia, queria fazer o brigadeiro José da Silva Pais para o Rio Grande, a povoar aquela paragem; o que se não tinha por certo, mas sim se sabia se preparava para outra operação. Nestes navios se embarcaram bastantes casais para o Rio de Janeiro.

Em 26, sábado, chegou uma corveta da Bahia, carregada por negócio, e por ela se soube estarem 4 fragatas das nossas de fronte de Montevidéu. E as mais se achavam com todas as embarcações miúdas em Maldonado, com gente em terra fazendo água. E do inimigo não houve movimento.

Em 3 de fevereiro, de manhã, saíram 2 embarcações para o Rio de Janeiro e [levaram] vários petrechos para entregar ao brigadeiro, que se achava em Maldonado. E não houve mais novidade. [113]

Em 8, sexta-feira, chegou o iate que se achava em Maldonado com as nossas fragatas. E deu notícias [que] se não tinha feito operação em Montevidéu e menos em Maldonado, mas que o brigadeiro pretendia abalar para o Rio Grande, deixando alguns soldados destacados dos destacamentos para virem para a Praça. Em o navio Santiago e Fumeiro, chegados de pouco do Rio de Janeiro, e que também vinham alguns capitães, alferes, sargentos, por ser pedida alguma gente para ajudar a guarnecer a Praça. Na manhã deste dia foram vista[s] 4 lanchas do inimigo por detrás da ilha dos Fornos. E, receoso, o navio inglês que esta manhã tinha partido do porto para Buenos Aires, que as lanchas do inimigo se botassem à caça de 3 nossas que tinham ido a conduzir faxina, se chegou para a sobredita ilha, despedindo a nossa falua a dar parte ao nosso governador daquele movimento. Que logo em antes deste aviso, pelo que tinha divisado no óculo, tinha expedido 3 bergantins com oficiais e infantaria [113v]. Foi no primeiro o capitão de infantaria João de Abreu, no segundo o tenente Paulo Pais Pereira, no terceiro o alferes Manuel Lopes Lima.

Em 9, sábado, se viu estar dado fundo o dito navio inglês ao mar dos ilhotes, com nossos bergantins andarem bordejando por fora dele, sem avistarem as lanchas castelhanas. De terra não houve movimento algum.

Em 18, segunda-feira, chegou o navio Santiago com 200 e tantos soldados destacados do Rio e Bahia e Pernambuco, com alguns oficiais. E soube-se ter abalado para o Rio Grande o brigadeiro, com 9 embarcações e para cima de 500 soldados, exceto oficiais, que não foram poucos, para fazer lá povoação.[73]

Em 19, terça-feira, se desembarcou a infantaria e, por ordem do governador, se foi distribuindo pelos postos da muralha, juntamente com seus oficiais.

Em 26, de manhã, apareceram, digo, apanharam, os castelhanos a um casal que andava guardando uns cavalos e o levaram prisioneiro. Na noite passada fugiram 10 soldados, com todos seus armamentos, pelo forte do Monte do Carmo.

Em 2 de março chegou o iate que tinha ido às nossas fragatas. E não deu novidade nem na Praça a houve até o dia 9, quarta-feira, [114] em que chegaram 2 corvetas, uma de Pedro da Silva, vinda do Rio Grande, e outra do Rio de Janeiro, por donde se soube terem 2 naus castelhanas aprisionado 4 embarcações nossas na ilha de Santa Catarina, que vinham carregadas de mantimento. Com cuja notícia partiu logo o coronel Luís de Abreu Prego na fragata Vitória com 2 nas as Ondas e a Lampadosa, em que ia o maltês a dar-lhe caça. Houve notícia que o brigadeiro tinha saltado em terra no Rio Grande com toda a gente, menos alguma que ia em 2 navios que faltavam, em que iam também o sargento maior Tomas Gomes, mas sabe-se não ser nenhum dos que os castelhanos tinham represado.

Em 15, sexta-feira, apareceram embarcações para a banda de Barregán e conheceu-se estarem fundeadas.

---

[73] Como vimos anteriormente neste diário, no Rio Grande já se achava Cristóvão Pereira de Abreu e sua gente. Ao ver a impossibilidade de tomar Montevidéu e desistir de fortificar Maldonado, o brigadeiro José da Silva Pais se dirigiu ao Rio Grande de São Pedro a fim de fortificá-lo e povoá-lo.

Em o dia seguinte, 16, ainda se deixavam ver as sobreditas embarcações, pelo que mandou o governador que a falua, na noite seguinte, fosse a reconhecer-lhes, o que fez. E, chegando pelas 2 para as 3 horas da noite, ordenou logo que saísse o iate para fora e 4 bergantins, [114v] que já estavam preparados com oficiais e infantaria e mais aprestos, fazendo caminho do sul, como bem se divisou assim que amanheceu o dia.

Em 17, domingo, em que caminhavam os ditos bergantins até desaparecerem e logo voltaram na volta da terra dando todos fundo fora e com alguma distância. E, vindo a terra, deram notícia [que] tinham avistado 2 naus de força e fora da enseada, além das que se achavam dentro, que se supôs serem os galeões vindos de Espanha pelo canal do sul. E, com os 2 que se achavam dentro faziam 4, com cuja notícia fez o nosso governador expedir o Latino pelas onze horas da noite para Montevidéu, a dar aviso à nossas fragatas.

Em 21, quinta-feira, se viu [que] tinha o inimigo 2 peças de calibre de 4 ao pé da roça de Manuel Duarte. E na mesma pagarem donde tinham posto aquela que lhe tomamos, em 4 de outubro do ano passado, e não tardou muito que se não verificasse esta observação, porque pouco depois de nascer o sol atirou à Praça 2 peças, uma atrás da outra. E daí até a noite continuou com elas atirando de 2 em 2, obra de 35, sem que nenhuma ofendesse a pessoa alguma. Da Praça se lhe atiraram 8 e não se continuou com mais por serem supérfluos semelhantes tiros, achando-se o inimigo metido em um barranco [115].

Em 23, de tarde, foi o tenente general Pedro Gomes de Figueiredo reconhecer o sítio aonde o inimigo tinha posto as sobreditas peças, a ver se andaria edificando alguma obra. E, chegando ao pé da praia, conheceu e observou não ter nada feito.

Em 24, amanheceu no porto uma corveta. E soube-se ser uma que os dias passados tinha partido deste porto para a Bahia, a qual, chegando às nossas fragatas, a tinham remetido outra vez para riba, carregada de farinha e outras miudezas de carga, que

tinha trazido o navio São Frutuoso, pelo ter assim ordenado o coronel Luís de Abreu Prego. Neste dia de manhã desertou um soldado da companhia do capitão Plácido Alves.

Em 31 chegou do Rio de Janeiro uma corveta carregada de mantimentos e não deram novidade, nem na Praça a houve até o dia 5 de abril, em que chegou o bergantim Latino de Montevidéu e trouxe uma âncora das fragatas para a nau Esperança, por se achar falta de amarração. No dia antecedente se prenderam 10 soldados do destacamento de Pernambuco com notícia de que [115v] queriam desertar para o inimigo.

Em 7 entrou na Praça um cabo de esquadra e um soldado castelhanos desertados [dos] dragões que tinham vindo da Europa. Deram notícias [que] andava o [governador] Salcedo aprestando os seus galeões para cair sobre a Colônia, ainda que se não sabia de certo, por que verdadeiramente se não sabia para donde.

Em 9, terça-feira, chegou a nossa falua e trouxe Domingos Fernandes de Oliveira e 3 portugueses que se achavam prisioneiros em Buenos Aires, com cuja vinda se soube que a expedição que fazia o [governador] Salcedo. Se dizia, pela boca pequena, que era para vir à Colônia e depois se viu ser certo.

Em 14 se determinou na Praça ser conveniente recolher-se uma pouca [quantidade] de fazenda que os ingleses tinham deixado em um dos ilhotes entre a ilha dos Fornos e São Gabriel, quando quiseram ir para Buenos Aires. E por recear se queria o [governador] Salcedo represá-la, tendo a notícia [de que] se achava ali a dita fazenda, pediram ao governador [que] lhes deixassem recolher na Praça, o que lhes concedeu, alugando umas casas, aonde a meteram com toda a cautela, para se não quebrarem as leis do Reino.

Em 15, segunda-feira, saíram para o Rio de Janeiro o navio Santiago e uma escuna. [116]

Do inimigo não houve movimento, nem novidade, na Praça até o dia 19, sexta-feira da Paixão, em que, de manhã, chegou uma balandra do capitão Antônio da Costa Quintão da ilha de Santa

Catarina, carregada de carne seca, que deu notícias das presas que tinham feito os navios castelhanos. E soube-se serem uma corveta do capitão Antônio da Costa Quintão, outra do seu irmão, capitão João da Costa, um patacho, por alcunha o Vinagre, e um navio carregado de negros vindo de Angola. E deixando uma, a mais pequena, a Antônio Novais, capitão de uma das sobreditas presas, por certo câmbio que lá fizeram, levaram as outras todas a Buenos Aires, que logo foram conduzidas a Barregán

Também se soube a certeza terem-se levantado cento e tantos soldados castelhanos em um dos 2 referidos galeões, amarrando todos os oficiais do dito, saltando na dita ilha com um, outros dizem 2 capitães, que também levaram amarrados. Soube-se ter chegado a Montevidéu a capitânia, Nossa Senhora da Vitória, do coronel Luís de Abreu Prego [116v] e que as Ondas tinha seguido viagem para o Rio de Janeiro, na diligência de transportar à dita cidade os cento e tanto castelhanos. E que, do cabo de Santa Maria, tinha seguido a mesma rota a Lampadosa, em que andava o maltês, abrigada do grande [mau] tempo que lhe levou o talhamar[74] e lhe tinha feito outras ruínas, se recolheu ao Rio. De tarde partiram 3 bergantins sobre uma lancha que apareceu, supondo-se ser castelhana, que a não puderam colher por se lhe acalmar o vento já perto da enseada da Barregán, para onde rumou a dita lancha. Foi vista outra embarcação que se não divisou por ser tarde.

Em 20, Sábado de Aleluia, chegou a dita embarcação, que era o paquete Del Rei que vinha de Montevidéu. E não houve mais movimento até o dia 26, sexta-feira, em cujo dia chegou um navio do Rio de Janeiro, por alcunha o Francesinho, carregado de mantimentos para as nossas fragatas, que, por não aturar o rigor do tempo se veio para a Praça com a falta de duas amarras. Deu notícias que tinha chegado ao Rio um navio de licença de Lisboa,

[74] Talhamar. É o pau que [se] prega sobre a roda de proa e [que] vai adiante, cortando a água. BLUTEAU.

dizendo tinham partido já as 2 galeras e a fragata São Lourenço e que na Corte se não falava [117] em guerras.

Em 28, domingo, saíram o paquete e 3 bergantins a correr o rio. E de volta conduziram lenhas de Martim Garcia.

Em 2 de maio, saíram para fora uma corveta e uma escuna de negócio e 2 bergantins Del Rei, estes a levar mantimentos às nossas fragatas e que aquelas para seguirem viagem para o Rio de Janeiro.

E não houve novidade até o dia 15 de maio, [quando], das onze para o meio-dia, apareceram 4 embarcações da parte da Barregán. E logo se supôs serem os galeões, que já há muito se esperavam. E, com todo o cuidado, mandou o governador prevenir o necessário para as baterias, assim para o mar como para a terra, e ordenou [que] se tocasse a recolher, arrumando as ordenanças que já se achavam encostadas, assinalando-se-lhe postos que guarnecessem com todo o necessário pronto. Mandou também fazer estacadas atravessando a praia do colégio e indo findar no forte de Santa Rita, como também todas as bocas de ruas da sobredita praia, com seu parapeito da parte de dentro, para se cobrirem os que as guarnecessem. Para melhor segurança das marinhas mandou também o governador trazer artilharia para as meirinhas [?] [117v] nas partes onde parecia mais conveniente. Na fortaleza de São Pedro de Alcântara se achava muito boa artilharia, com bom fortalecimento, principiando na capela do santo até o moinho de vento, com uma muralha de pedra e cal em roda, para onde se ajuntaram toda a artilharia de maior calibre, que eram de 18 e 14.

Depois do meio-dia se vieram avizinhar mais os ditos galeões, que logo se conheceram, e sobre a tarde se avistaram mais 2 embarcações da mesma banda que bem mostravam serem corvetas que, do sucesso adiante se verificou, pelas 3 para as 4 horas da tarde, deram todas fundo de fronte da Praça, obra de 3 ou 4 léguas, se não eram mais. E neste dia não fizeram demonstração alguma nem na Praça houve mais que o prevenir-se a muralha

com lançaria e chuços e todo o fogo de antes prevenido, passando-se a noite com duplicado cuidado e grande vigilância para o que pudesse suceder.

Em 16, quinta-feira, logo de manhã, se viu despediam os galeões 3 lanchas para a praia da lagoa de Vicente, do que logo se deu parte ao governador e [ele] mandou ordem ao capitão do paquete, Francisco Dias, [118] que se fizesse à vela sobre elas, juntamente com o bergantim Tavares, em que ia por cabo o alferes Manuel Lopes Lima. O que executaram a horas de meio-dia, caminhando sobre as ditas lanchas que já neste tempo se achavam perto da praia. Mas, tanto que viram irem sobre elas, viraram na volta do mar e assim foram um pequeno espaço de tempo, tornando logo a virar na terra, ajuntando-se todas 3, a modo de fazerem conselho. Se viu continuar uma na mesma volta de terra e as 2 virarem no mar, as quais foram seguindo o sobredito paquete Tavares, parecendo-lhe ser de melhor eleição esta execução.

Os mais bergantins que, por ordem do governador, se achavam ao pé da ilha de São Gabriel, fundeados, se foram logo levando e se fizeram à vela em seguimento do nosso paquete Tavares, sendo [que] o primeiro que executou esta ordem [foi] o barquinho, com tal presteza que em poucos instantes se pôs muito longe das nossas 2 que, como levavam bastante distância, as castelhanas não lhe puderam chegar, suposto que lhe davam alguma entrada; por que, a noite, [118v] os impediu principalmente, valendo-se os castelhanos de remos, mas sempre a seguiram até a costa da Barregán. E despedindo-se o Tavares para Montevidéu, por ordem [que] já levava do governador, [para] dar aviso às nossas fragatas, se veio o iate e o barquinho na volta da Praça, [e] a lancha que tinha buscado a terra se observou não chegar, mas ir correndo a costa abaixo, perto de terra.

Em 11, sexta-feira, logo que amanheceu, se observou e viu o nosso paquete o barquinho à vela buscando as corvetas do inimigo que se achavam distantes dos galeões com algumas lanchas, as quais, levando ferros, se foram meter entre os ditos galeões e o

nosso paquete. Reconhecendo a força delas, se veio meter dentro o barquinho [e] se fez outra vez no mar a descobrir. E gastou o dia em bordejar bem perto e à vista dos galeões e corvetas e lanchas do inimigo, sem que nenhuma fizesse operação nenhuma de guerra.

Em 18 se passou o dia em fazer vários bordos o paquete, a que o inimigo não fez movimento algum.

Em 19, domingo, em todo o dia se avistou o paquete fundeado fora da Praça, de fronte dos artilheiros. Também se viram 4 embarcações [119] miúdas fazerem-se à vela na volta do mar. E desapareceram todas, ficando os 4 galeões dados fundo em linha.

Em 20, segunda-feira, se conservou o paquete fundeado e os ditos galeões ainda se deixaram ver com as 2 corvetas.

E não houve movimento algum até o dia 22, quarta-feira. Assim que amanheceu se viram faltar as 2 corvetas do inimigo e logo se avistou uma embarcação para a banda de Buenos Aires, que ia na volta de São João. Fez sinal a torre da matriz, segundo se tinha determinado pelo governador, para os bergantins lhe darem caça e logo se fizeram à vela, Sereia, Latino, Bigodes e depois o paquete que se achava em franquia. E continuaram todos buscando a dita embarcação por entre as ilhas.

E nesta expedição sucedeu encalhar a Sereia no recife e, fazendo-se logo diligência com lanchas que acudiram, [se] safou de tal sorte arrombada que havendo todo o cuidado em se esgotar [a] água, se pretendeu trazer para o trem a encalhar, o que se não pôde conseguir, por que crescendo a água dentro [119v] em muita quantidade se não se seguia avante por causa do rio que enchia. Se foi a pique sem remédio. Os outros 2 bergantins e paquete foram sempre seguindo a embarcação e logo conheceram ser corveta, avistando mais adiante outra, que iam fazendo caminho de Martim Garcia, e pela uma hora da tarde chegaram perto da dita ilha, onde atravessaram as 2 corvetas do inimigo muito bem postas em linha, dando lugar que os nossos chegassem, sendo o primeiro o paquete, medindo-se com ele de tão perto [e] descarregando a sua artilharia

e recebendo-a também do inimigo que causava admiração a destreza e brevidade com que se carregava e descarregava. E os nossos 2 bergantins, Bigodes e Latino, chegaram também em seguimento do paquete e fizeram tão violento fogo, assim de artilharia como de mosquetaria, que bem mereceram o nome e glória dos nossos antigos portugueses.

Assim todas as nossas 3 embarcações, com duplicado ânimo e intrínseco valor, [120] pelejaram neste dia, sempre andando a vela até darem as castelhanas fundo, o que as nossas também fizeram. E juntamente com o seu lanchão, Calca Burros, que em boa conserva das corvetas também tinha pelejado mui fortemente e, como na Praça se ouviram peças de artilharia, supondo-se como assim era assim era ser de combate, fez o governador expedir a falua com o alferes Francisco Saraiva para ver se descobria a causa daquele estrondo. Os oficiais que se achavam nas ditas 3 nossas embarcações eram: no paquete o alferes do mestre do destacamento do Rio, Álvaro de Brito e Rego, o sargento Custódio Teles; no Latino o alferes Antônio Pinto e sargento José de Siqueira; no Bigodes o sargento José de Brito Bernardes. E todos se singularizaram com tão reconhecido valor na estabilidade com que mandavam e dispunham que sem encarecimento merecer a lauréola[75] e congratulações do governador da Praça, mestre [120v] de campo, oficiais e mais vulgo, como adiante direi.

Em 25, quinta-feira, amanheceu no ancoradouro o bergantim Tavares, vindo de Montevidéu, por donde se soube terem chegado a Montevidéu 2 embarcações do Rio de Janeiro, carregadas de mantimentos por conta Del Rei, que não tinham vindo, com receio dos galeões. E que a uma, chamada Gabarra, a tinha mandado o comandante Luís de Abreu para o Rio de aviso do movimento que se oferecia na Praça. Chegou também o barquinho que no dia antecedente tinha ido atrás de uma lancha castelhana

[75] Lauréola. Propriamente houvera de significar uma coroa de loureiro. BLUTEAU.

que se tinha metido na lagoa de Vicente, de que não teria notícias por mais que correu a costa as nossas 3 embarcações.

Se acharam este dia em Martim Garcia o paquete fundeado e os 2 bergantins fazendo vários bordos, atirando às corvetas e lanchão do inimigo quanto podiam, correspondendo elas também com continuadas peças, aonde saiu ferido o sargento José de Siqueira, assombrando-o uma bala de artilharia em um ombro. Nesta paragem estiveram as nossas 3 embarcações com as 3 do inimigo à vista no dia 4 e 5; dados fundo só os 2 bergantis nossos, como desejosos de pelejarem pelo seu rei, [121] se levavam e, chegando mais perto, descarregaram com a artilharia sobre as 2 corvetas e Calca Burros, o qual, saindo de entre as suas corvetas a buscar os bergantins, se recolhia a elas quando estes carregavam sobre ele.

Em 26 se fez à vela o lanchão do inimigo Calca Burros para as [ilhas] 2 Irmãs e os nossos 2 bergantins se foram sobre ele. E, vendo as corvetas esta execução, levaram ferro fazendo caminho atrás dos ditos bergantins. E receosos os do nosso paquete que, apanhando-os as corvetas no meio os maltratassem, se fizeram também à vela, com sinal para que se retirassem daquela paragem. E vendo as corvetas esta resolução, deram lugar que os bergantins buscassem o paquete, o qual tanto que viu os bergantins escapar deu outra vez fundo. E as corvetas do inimigo e Calca Burros se foram para as 2 Irmãs.

Em 27, segunda-feira, determinou o comandante daquela esquadra, o alferes do mestre Álvaro de Brito e Rego e o capitão do dito paquete Francisco Dias, mandar o Latino de aviso à Praça, escrevendo ambos ao governador, dando-lhe individual notícia do combate e peleja com os castelhanos. E também escreveu [121v] ao dito senhor José de Brito Bernardes, sargento e cabo, que só se achou no bergantim Bigodes, dando-lhe inteira conta do que tinha obrado no dito bergantim. Expedindo-se depois do meio-dia se veio caminho da Praça aonde não houve novidade em todos estes dias passados.

Em 28, terça-feira, apareceu da Praça uma embarcação por fora da ilha de São Gabriel e, como amanheceu o dia com muita névoa, não se divisava bem que embarcação era. Mas pelo óculo se colhia ser o Latino e houveram bastantes na Praça que desconfiavam sendo o mesmo que diziam ter-lhe sucedido alguma coisa ou estar em poder do inimigo, por que parece se ia retirando na volta do mar, tendo algum vento, ainda que era pouco. O governador que, da sua janela, estava vendo com o óculo a dita embarcação, mandou logo fazer sinal para a irem a reconhecê-la os bergantins Tavares e barquinho a tempo que, tendo já clareado algum tanto, se conhecia estar fundeado e ser o mesmo Latino. E, levando-se, fez volta para a terra, desfazendo-se o cuidado com que quase todos se achavam, mas antes que ele chegasse solicitou o governador de saber a novidade e estado em que se achavam os nossos. Mandou a bordo uma canoa que, chegando à praia do colégio aonde a esperava a maior [122] parte de gente da Praça, se divulgou a notícia do bom sucesso dos nossos bergantins. E foi este de tanto gosto para o governador e mais povo que, não cabendo em si a alegria uns aos outros se davam mil abraços, recebendo-os primeiramente o dito governador de todos os oficiais de guerra que ali se achavam e disseram dera 2 dobles [sic] de alvíssaras.[76]

Chegou enfim o dito Latino ao ancoradouro e saltando em terra o alferes Antônio Pinto entregou as cartas ao governador que, ao receber lhe deu um abraço, agradecendo-lhe da parte Del Rei e da sua o muito que tinha obrado e, comunicando-lhe o cuidado em que o pusera aquela desconfiança, leu as cartas. E vendo [que] lhe pediam socorro de bergantins, gente, pólvora e bala e mantimentos, ordenou que logo se embarcasse a infantaria e oficiais da guarnição dos 2 bergantins com todo o pedido, para saírem na seguinte madrugada.

Em 30, quinta-feira da Ascensão, se viu não terem partido os ditos bergantins por causa de um grande vento que sobreveio a

[76] Alvíssaras. O prêmio que se dá a quem traz uma boa nova. BLUTEAU.

noite passada. E por isso amanheceu na praia do inimigo o navio Francesinho que, arrebentando-lhe as amarras todas, se foi encalhar. E dando-se partes [122v] ao governador, mandou lhe fossem valer a lancha Del Rei e a da fragata Esperança a tempo que já tinham acudido à praia os castelhanos. E não podendo estas chegar a sua vontade, pelo grandioso mar que [se] levantava, apenas tomaram o prático e alguns marinheiros, ficando lá o capitão, [o] piloto e quatro marinheiros.

Já a este tempo se achavam os castelhanos com 2 peças de calibre de 4 e atiraram com elas ao dito navio até que sobre a tarde cessaram. Supôs-se seria por sinal que, de dentro, lhe fariam de estarem rendidos e, com um bote que trouxeram à sincha[77] de uns cavalos, foram dentro. O nosso governador pretendia mandar lanchas armadas com infantaria para conduzirem a gente e atirarem fogo à embarcação, mas o grande vento e furioso mar impossibilitava tudo.

De noite mandou [o governador] as referidas lanchas, com preparos para lhe atacar fogo, as quais, chegando com algum receio de terem lá alguma guarnição, se prolongou com o dito navio a Del Rei e a infantaria saltou dentro. E, com a resolução possível, pretenderam fazer a diligência; mas, disparando o inimigo algumas peças, disseram dera uma em a dita lancha, apanhando-a o mar de encontro ao navio, lhe abrira um grande rombo. E a gente, [123] com a escuridade [sic] da noite, violência do mar e receio das balas, desampararam a lancha, subindo pelo navio arriba. E vendo os executores da diligência esta desordem, temendo não chegasse a outra lancha a tomá-los, tornaram [a] apagar o fogo que já tinham aceso na coberta. E, chegando a dita lancha, se embarcaram cada um como pôde, ficando a diligência frustrada.

Em 31, sexta-feira, se viu terem partido os bergantins que, acima dissemos, se achavam prontos para irem de socorro às

[77] Sincha. Cinturão de couro.

nossas embarcações, aonde respondeu o governador da Praça aos cabos, dando-lhe os agradecimentos e parabéns do valor com que tinham adquirido nova honra para si e glória para a Praça. Em explicável [sic] escreveu também ao sargento José de Brito Bernardes, acrescentando-lhe além dos agradecimentos, que teria nele um perpétuo orador para os seus acrescentamentos. Neste dia chegaram os ditos bergantins a incorporar-se com os de Martim Garcia. Na Praça mandou o governador prevenir um botezinho, com uma lancha em seu socorro, para ir a tacar fogo ao sobredito navio encalhado [123v].

Em o primeiro de junho se viu queimado o sobredito navio, por se mandarem de noite um botequim [sic] com 4 homens que se ofereceram para este efeito. Neste dia pretenderam o nosso paquete e mais bergantins que se achavam em Martim Garcia irem sobre as corvetas do inimigo, que já neste dia se tinham passado para as [ilhas] Duas Irmãs. E assim se fizeram à vela, sendo o primeiro que chegou o paquete, metendo-se no meio com tanta resolução. E lhe deu uma banda com artilharia e mosquetaria, seguindo-se a mesma operação os bergantins, cada um com como podia. E o vento e [a] paragem lhe faziam feição, e com tal força que foram obrigadas as ditas corvetas do inimigo a picarem as amarras e encalharem ao pé do rio das Vacas, aonde sempre eram perseguidas das nossas embarcações; suposto que já se não chegaram tanto a elas, com o receio de darem em seco. E nesta operação se gastou o dia até que, chegando a noite, deram as nossas também fundo.

Em 2, domingo, amanheceu e viu-se sair fumo de uma corveta. E botando-se mil juízos sobre o que seria não tardou que se não conhecesse ardia em grande incêndio até se queimar de todo, ficando só o casco com pouco mais de meia braça. Logo que se observou este movimento [124] se despediu a falua a dar parte ao governador e levar 2 sargentos feridos, um por nome José de Siqueira, de uma bala de artilharia de calibre de 4 que, vindo já fria, lhe desconjuntou um ombro sem lhe fazer ferida, imprimindo-

lhe somente a circunferência da bala em uma grandiosa nódoa; e outro por nome José de Brito Bernardes, com uma horrenda ferida por cima das nádegas, levando-lhe outra bala de artilharia tanta carne e parte do osso que causava pavor tal estrago.

E, levando-se para o hospital, foi assistido e visitado do governador [e pelo] mestre de campo, assegurando-lhe pelo hábito que professavam que, se Deus fosse servido, que [se] escapassem de serem seus perpétuos oradores para os seus acrescentamentos. Já inteirados do grande e intrépido valor com que se houvera nestes 2 combates, para maior crédito das armas portuguesas, de que escapou o sobredito sargento prodigiosamente, inferiu-se que depois se soube a certeza [de] haver nas referidas corvetas grande estrago, por algumas circunstâncias que então se observaram; sendo que dos nossos não houve nenhum morto e os feridos não passaram de 7 com os 2 referidos [124v] sargentos.

Em 3, segunda-feira, vendo os nossos bergantins o casco da corveta queimada ir pela água abaixo, se botaram a ela em 2 botes, e limpando-lhe o carvão e o fogo que ainda levava aceso, lhe tiraram muita pregaria, balas e 6 peças de artilharia do calibre de 4 e outras miudezas, para conduzirem para a Praça, aonde não houve movimento neste dia, senão partir uma corveta do mestre José de Albuquerque para o Rio de Janeiro.

Em 4, terça-feira, chegou ao ancoradouro o bergantim Bigodes e trouxe a sobredita [embarcação] ferragem e peças da corveta do inimigo queimada. Deu notícias [que] ficavam os nossos com o dito casco já em Martim Garcia, aonde faziam [in]tenção de carregar faxina para trazerem ao reboque para a Colônia, aonde também esperavam as ordens do governador para o que se havia de fazer; para o que escreveram os oficiais do dito paquete e bergantim ao governador da Praça.

De tarde, digo, pelas 10 horas do dia, se foi à vela um galeão e 3 lanchas. E tomaram o caminho direito à lagoa do Vicente e ainda que com este movimento se supunha ir-se por a tomar o canal, colhendo-se depois ir cobrir as ditas lanchas para chegarem

a terra livres de qualquer acometimento dos nossos bergantins, por que logo que chegaram a terra se fez no mar o dito [125] galeão. De tarde chegou uma embaixada do inimigo e, indo-se a recebê-la, conheceu-se vir um clérigo português, capelão do [navio] Pau de Pinho, aprisionado em Montevidéu pouco antes do sítio. Deu notícia que o [governador] Salcedo tinha chegado nesta tarde ao arraial e que tinha vindo nas 3 lanchas que o galeão tinha comboiado e que se arriscava ir a Montevidéu a compor os dragões que se tinham desordenado[78] por falta de pagamentos. Perto da noite se divisou fazerem-se à vela os referidos galeões na volta da Barregán.

Em 5, quarta-feira, se não avistaram os galeões do inimigo, ficando livre a entrada das nossas embarcações, que ele pretendia tomar a impedir a Praça.

Em 6, quinta-feira de manhã, saiu uma lancha do inimigo da lagoa de Vicente e, como os bergantins [que] se achavam na Praça estivessem nesta ocasião ocupados na diligência de se retirar a [embarcação] Sereia e o governador da Praça se achasse também na ilha de São Gabriel, houve alguma demora em sair sobre ela o bergantim Bigodes, o que executou e se viu dar-lhe alguma entrada, mas sempre [125v] ia bastante muito longe.

Em 7, sexta-feira, chegou a falua que no dia antecedente tinha saído a observar o movimento dos galeões, que deu notícias se achavam na boca da enseada da Barregán.

E não houve novidade na Praça até o dia 15, sábado, em que das 10 para as 11 horas do dia, avistando-se cinco ginetes castelhanos na atalaia se lhes atirou uma peça do baluarte da Bandeira com tão ruim sucesso que, arrebentando, matou um cabo de esquadra de infantaria, por nome João Barreto, e outro da artilharia, com uma perna quebrada, e outro soldado artilheiro, mortos todos da guarnição da Praça. Perto da noite apareceram 3 embarcações para a ilha dos Fornos e, pelas 8 horas da noite,

[78] Amotinado.

chegaram ao ancoradouro e eram 2 bergantins, Tavares e Latino, e a falua, que traziam o casco da corveta queimada, carregada de faxina para cordões, cujo [material] mandou o governador reconduzir por meio de reboques. Não trouxeram mais novidade os sobreditos bergantins que ficar encalhada a outra corveta do inimigo. E que o nosso paquete e bergantim [126] Bigodes e barquinho a estavam guardando para que não saísse até a chegada e volta destes 2, para se porem na diligência de ver se a podiam queimar.

Em 16, domingo, amanheceu na praia do colégio o dito casco e logo se lhe foi descarregando a faxina. Nesta manhã se avistaram 2 velas para a banda da ilha de São Gabriel e a poucas horas chegou uma que era a falua que de noite tinha ido a descobrir o rio. E disse lhe tinha dado caça uma lancha castelhana e que se vira bem apertada dela.

Em 18, terça-feira, partiu o bergantim Latino e falua. Divulgou-se ia à costa de Buenos Aires em procura de um sujeito oculto.

Em 20, quinta-feira, pelas 9 para as 10 horas da noite, chegou um castelhano à muralha, que logo o levaram a presença do governador, aonde se lhe fez várias perguntas acerca do desígnio que tinha o seu governador Salcedo e, se disse alguma novidade, se ocultou. Na mesma noite mandou o governador sair o bergantim Tavares para se ajuntar aos outros que se achavam em guarda da corveta do inimigo.

E não houve mais novidade até [126v] o dia 27, quinta-feira, em que chegou o bergantim Bigodes das ilhas [sic] de Martim Garcia, carregado de madeira. E não trouxe novidade senão ficar a corveta do inimigo ainda encalhada.

Em 28, sábado, digo, sexta-feira, chegou o Latino carregado de lenha [e] também não deu novidade.

Em 29, sábado, chegou à Praça um português desertado, o qual, sendo soldado do destacamento do Rio de Janeiro, tinha fugido da Praça e, vivendo com o inimigo pouco mais de um ano,

buscou os seus. Deu por novidade que o [governador] Salcedo se tinha já passado a Buenos Aires e que estava [em] São Carlos, [o] patacho do Alseiva [sic] para ir a Martim Garcia a despicar-se [sic] do que lhe fizeram os nossos bergantins, como adiante vimos, que veio juntamente com o navio inglês que, à força, tomou o dito Salcedo para esse fim. Disse também que nos 2 combates das corvetas com o nosso paquete e bergantins e no incêndio da queimada [sic] lhe tinham morrido para cima de 50 homens, exceto feridos que alguns foram. E que também a nossa falua, vindo de certa diligência pela beira da praia, atirando um pedreiro com bala miúda a uns castelhanos que apareceram na praia, lhe matara 30 [e] que na Praça se tinha publicado o mesmo com a sua chegada.

Neste [127] dia partiu para Santos a balandra do capitão Antônio da Costa Quintão e não houve mais novidade até o dia 3 de julho, em que saíram para fora os bergantins Latino e Bigodes com a falua e uma lancha Paraguai pequena. E correu voz iam para Martim Garcia, aonde se achavam o nosso paquete e bergantim, para de lá irem dar caça a 2 lanchas que se achavam para aquelas partes carregando sebo, graxa e couros, víveres para Buenos Aires.

Em 7, domingo pela manhã, apareceram 2 embarcações que, pelo óculo, mostravam serem de 3 mastros e 3 lanchas por cima da ilha de São Gabriel, que se conheceram serem castelhanas. E foram [a] caminho de São João, pelo que se resolveu o governador mandar aviso ao paquete e bergantim. E, como não houvesse embarcação mais ligeira, expediu por uma canoa de um pescador. E pelas 4 para as 4 horas [sic] da tarde se ouviram na Praça muitos e repetidos tiros de artilharia, que bem mostravam ser peleja, e ouviu-se artilharia até o sol posto. E foi que, chegando os referidos navios e lanchas, quiseram apanhar de dentro os nossos, pondo-se primeiro em linha [127v] e tomando-lhe a boca do rio, digo, canal, mas os nossos, postos em linha antes de executarem a saída, para se falarem sobre o modo que cada um teria para se escapar.

Por se reconhecer muito desigual partido, pretenderam Bigodes e Latino e barquinho bordejar, atirando e fazendo fogo como lhe permitia a ocasião e o tempo. Se viram já da parte de fora dos ditos navios, mas o barquinho o não pôde fazer que lhe não caísse debaixo das proas deles sem vento para velejar, de sorte que já do dito barquinho se supunham prisioneiros. E os castelhanos lhe não queriam atirar mais artilharia por não descoser o bergantim, porque tinham sumo gosto de o levar capaz de navegar, como ao depois se soube. E foi o maior milagre que se considerou, por que imediatamente lhe sobreveio uma arage [sic] de vento, fazendo os navios uma arribada.

E teve lugar de se escapar, levando toda a consideração ver que, em um abrir e fechar de olhos, se viram livres, em forma que os castelhanos chegaram a dizer que não podiam saber o como se tinha escapado, estando com os gurupés embaraçados na sua enxárcia.[79] E achando-se eles [128] já quase senhores daquela presa, experimentaram grande destroço de gente, por que achando-se já grande número dela para o abordar, disparou o dito barquinho as peças e pedreiros com que se achava daquela banda, carregados com bala miúda e metralha, de que receberam grande dano. E logo não se viu não aparecer mais pessoa alguma sobre o castelo de proa donde a sobredita gente se achava.

Em 8, segunda-feira, amanheceu no ancoradouro o bergantim Barquinho e deu notícias do referido sucesso. E o[s] [do] paquete Tavares, vendo-se em necessidade de não poderem romper sem irem assar por donde estavam os navios, tomaram a resolução de passarem à roda da ilha de Martim Garcia, havendo já alguma notícia daquele canal, mas não tinham a certeza de poderem nadar aquelas embarcações e parece que foi por Deus encher o rio naquele dia e havendo vento de feição, suposto que se observou o não tiveram daquela banda outras embarcações que se achavam não muito longe, soube-se serem os navios o inglês que

[79] Enxárcia. Toda a cordoalha de um navio. BLUTEAU.

tinha ido para a Barregán e o São Carlos, como já acima fica declarado. No sobredito [128v] Barquinho veio ferido o sargento Manuel Soares Dorneles, com as costas tostadas de uma bala, e o mestre dele, João Antunes, com 3 dedos da mão direita [cortados] fora, dando a bala de artilharia na cana do leme, donde o dito governava. Morreu também um artilheiro.

Pelas 7 horas da manhã se avistaram seis embarcações para a banda de São João, que logo se conheceram serem o nosso paquete, bergantim e lanchas. Ao meio-dia chegou a falua e de tarde a lancha Paraguai. E trouxeram alguns surrões de graxa e sebo e outras miudezas de uma estância a riba [sic] das Vacas, aonde lhe foram dar uma saltada e lhe queimaram bastante deste gênero e umas barracas que se acharam. Ao sol posto se acharam o paquete e bergantins ao pé da ilha de São Gabriel e não entraram por não terem vento suficiente. À noite mandou o governador passar ordem que no seguinte dia salvassem todas as fortalezas o paquete e o bergantim, cada um com 9 peças, e que o mesmo [se] fizesse à nau de guerra, pelo bom sucesso do combate com as corvetas do inimigo. E pela boa retirada na presente ação, que se não teve por pequeno prodígio do Senhor São Miguel, escaparem todas as nossas embarcações sem considerável perda. [129]

Em 9, terça-feira, se puseram ao pé do seu ancoradouro o sobredito paquete e bergantins, ao qual não puderam chegar por causa do vento. E logo salvou a fortaleza de São Pedro de Alcântara com 9 peças. Seguiu-se o baluarte da Bandeira, São João e [a] nau de guerra, fazendo o mesmo o paquete e bergantins. No bergantim Latino, que foi o que nesta retirada pelejou com mais força e valor com o lanchão Calca Burros, vieram feridos o mestre do dito bergantim, com uma bala de mosquete em um pé e dois soldados infantes com bala de mosquete, aquele com grande perigo, de que escapou, e estes de menos gravidade.

Em 13, sábado, não houve movimento. Em 15 partiu o bergantim Tavares para Montevidéu [para] dar aviso às nossas fragatas de todo o sucedido e de se estar em sítio também de

lanchas, por se acharem as ilhas de Martim Garcia e Duas Irmãs tomadas pelo inimigo.

Em 16 partiram o bergantim Bigodes e Latino para a ilha dos Fornos com um ajudante da guarnição, Manuel Nunes Cordeiro, e infantaria, para cortarem e arrancarem algumas raízes e tudo o mais que se achasse, que algum dia se não fazia caso, para suprir a falta de lenha que se experimentava. E não há dúvida que com ela se remediou [129v] muita necessidade.

Em 18, quinta-feira, apareceram 4 embarcações para a parte de São João e não tardou muito que se não conhecessem serem os 2 navios e 2 lanchas do inimigo que tinham ido de Martim Garcia. E traziam a outra corveta encalhada que a tinham tirado. Fizeram os nossos 2 bergantins sinal para se recolher para bordo toda a gente que se achava na dita ilha e se fizeram à vela ao pé da ilha de São Gabriel, aonde fizeram demora de 2 dias e, recolhendo-se os ditos navios para a Barregán, tornaram os 2 bergantins a mesma operação.

Em 31, quarta-feira, chegou um navio do Rio de Janeiro carregado de mantimentos [e] deu notícias [que] tinha chegado àquela cidade uma nau, que diziam ia para Macau e que viera arribada, mas ouve quem disse que tinha vindo de aviso. Com a chegada deste navio se divulgou a notícia de virem para o Rio da Prata as fragatas Nossa Senhora das Ondas e a Nazaré, para se juntarem com as outras que supunham estar de fronte a Montevidéu.

Em 12 de agosto, pela uma hora para as duas da noite, chegou o bergantim Tavares - que tinha ido a Montevidéu - e deu notícia que, saindo pela barra fora com um tempo, encontrara a fragata Nossa Senhora das Ondas que, também com um grande tempo, se tinha apartado da Nazaré e que tendo [130] falado com o maltês, que era o comandante dela, lhe dera notícias do estado da Praça e de não se acharem as fragatas em Montevidéu. E que, apartando-se dela, entrara no Rio da Prata e estivera 8 dias em Maldonado esperando; por lhe ter assim ordenado o dito maltês.

Quando se despediu disse ser certo ter dado à costa a charruinha dos negócios, porém, nunca, até o presente, se soube a causa, nem da sua gente.

Em 16, sexta-feira, pela meia-noite, saiu o iate a ver se topava em Montevidéu [com] alguma fragata ou navio nosso e, não topando, que ia até Santa Catarina com cartas para o brigadeiro, fazendo-lhes a todo aviso da grande necessidade de mantimentos em que se achava a Praça e do mais que se lhe oferecia.

E não houve mais movimento até o dia 29, quinta-feira, em que, ao romper do dia, se avistou uma embarcação para a banda da barra, que logo se conheceu ser a lancha do navio. E, chegando à praia do colégio, disseram ser a fragata Boa Viagem, vinda de Lisboa em direitura; a qual, trazendo a notícia de [se] acharem em Montevidéu as nossas fragatas, supuseram a Colônia rendida,[130v] vendo se não achavam lá. E, com esta desconfiança, dando fundo nas barrancas de Santa Luzia determinaram mandar a lancha a descobrir. E dela se soube vinham tréguas e suspensão de armas ajustadas pelos 3 reis: França, Inglaterra [e] Holanda, estipulada em Paris. E logo expediu o governador a dita lancha e o bergantim Latino para nele descarregarem alguma carga, para ficar mais aliviada.

Em 31, sábado, depois do meio-dia, apareceram 2 embarcações para a banda da barra, que logo se conheceu ser o Latino, que chegou ao ancoradouro ao sol posto a tempo que já se conhecia. A outra [veio a] ser a nau de guerra Boa Viagem, acima dita, que, por não ter tempo, deu fundo.

Em o primeiro de setembro, domingo, entrou a sobredita nau e deu fundo pelas 8 horas da manhã, em que veio um coronel para um regimento que, dizem, se levanta de dragões por ordem Del Rei, com o qual vieram mais alguns oficiais para o dito, a saber: 2 capitães, 2 tenentes, um ajudante, 4 alferes, 3 furriéis, que também desembarcaram no dia antecedente, perto da noite. Que os foi acomodando o governador pelos moradores da Praça de

mais posses. Na manhã deste dia foi a bordo da referida nau o governador e, pelo que correu, disseram ia lá abrir um prego de Sua Majestade.

Em 2, segunda-feira, pelo meio-dia, [131] expediu o governador o bergantim Latino, em que foi o capitão José Inácio de Almeida, que de Lisboa tinha chegado na dita nau, aonde levou um prego a Dom Miguel Salcedo, governador de Buenos Aires, de seu rei para a referida convenção e sessão de hostilidades.

Em 3, terça-feira, mandou o governador botar bando, com caixas e trombetas, sobre a dita suspenção de armas e sessão de hostilidades por uma cópia que teve do Secretário de Estado em que mandava El Rei se suspendessem as armas e sessassem as hostilidades na América entre Portugal e Castela, ficando as coisas como se achassem à publicação dela até se ajustarem as disputas que existiam entre os 2 monarcas, de Portugal e Castela.

Em 4, chegaram os 2 bergantins que tinham ido a Martim Garcia a conduzirem lenhas e faxinas para cordões. De tarde chegou uma embaixada do inimigo [da qual] não direi sobre que hora, mas observei saber-se já no campo da referida suspenção de armas [131v] por um aviso de seu governador, que se achava em Buenos Aires.

Em 5, quinta-feira, chegou o bergantim Latino, que tinha ido com a embaixada e prego Del Rei de Espanha a Buenos Aires, cuja resposta dizem fora que não punha dúvida estar pelas ordens do seu rei, mas que para isso haviam de cessar as fortificações de parte a parte, para o que mandaria o [governador] Salcedo um oficial dos seus para a Colônia. E que o nosso governador mandasse outro para Buenos Aires a esse fim, como também haviam de mandar cada um a sua nau para Montevidéu, aonde se registrariam todas as embarcações que viessem para uma e outra Praça, para não trazerem artifícios de guerra. Mas o nosso governador a nada deu consentimento, respondendo-lhe sempre com a sua costumada perspicácia e agudeza.

E, deixados alguns movimentos de menos porte, não houve mais novidade até o dia 30, em que [se] tornou a expedir para Buenos Aires o bergantim Latino com o sobredito capitão. Disseram fora sobre várias matérias importantes, a respeito de algumas circunstâncias que o [governador] Salcedo queria inovar pela referida suspenção.

Em 4, sexta-feira, mandou o governador embaixada ao campo do inimigo sobre a referida matéria.

Em 6, domingo, chegou o bergantim Latino de Buenos Aires. E pelo meio-dia chegaram 3 escravos de moradores da Praça que desertaram depois da suspensão [do sítio] e por isso foram restituídos [132] a seus senhores.[80]

Em 13, domingo, chegou o paquete que, indo a ver se topava com alguma nau nossa, chegou à ilha de Santa Catarina, aonde achou a fragata Nazaré. E demorando-se lá o dito paquete enquanto fazia os avisos que eram mandados para vários portos, chegou a fragata Nossa Senhora das Ondas bem despedaçada das tormentas e, por não se achar capaz, partiu o dito paquete para a Colônia, acompanhado da Nazaré que, segundo disseram, ficava nas barrancas [do rio] de Santa Luzia para vir para cima com alguns mantimentos. Por cartas que vieram se publicou [que] se esperava outra vez a esquadra do coronel Luís de Abreu Prego que, obrigado das grandes tormentas, se tinha retirado para o Rio de Janeiro.

Em 14, segunda-feira, apareceu uma embarcação para a parte da banda que era a nau Nazaré [e] chegou a dar fundo pelas 3 horas da tarde. No campo do inimigo não tem havido novidade digna de memória, só terem-se mandado algumas cartas ao comandante deles [132v] a respeito de vários movimentos, os quais, também correspondiam reciprocamente entre alguns castelhanos vizinhos que desertaram para a Praça. Referirei um

[80] A partir dessa informação se supõe que os escravos que fugiram para o inimigo no decorrer da guerra não foram devolvidos a seus proprietários. Fica a dúvida se obtiveram a liberdade.

que, sendo soldado pago, levado do interesse, meteu na Praça 7 juntas de bois. E, sabendo o seu comandante, tirou devassa disso e saiu culpado um seu companheiro que logo foi preso e este se retirou antes que o colhessem.

E não houve mais novidade até o dia 5 de novembro em que, com um grandioso vento que de noite se levantou da banda do sul, sucedeu faltarem as amarras à fragata Nossa Senhora da Esperança e ir encalhar na praia, entre o ilhote do Arraial de Vera e a terra firme, mas com distância de terra, ficando assentada em lama, com fundo de 14 palmos de água. E esteve em grande risco a suceder o mesmo à Nazaré, por cair a dita Esperança sobre ela e não ter outro remédio senão largar as amarras por mão para se desembaraçar. Foram logo acudir-lhe todas as lanchas das outras fragatas e os que haviam [133] na terra que logo lhe expiaram âncoras para o mais fundo. E ficou direita sem adornar e com toda a sua gente do mar e guarnição de guerra dentro.

Em 6, quinta-feira, chegou uma embarcação do Rio de Janeiro, por alcunha o Fumeiro, do capitão José Barbosa, carregada de mantimentos. E deu notícias [que] tinha a fragata Nossa Senhora da Vitória ido para Lisboa, [sob o comando] do coronel Luís de Abreu Prego, comboiando a frota daquela cidade com a fragata Nossa Senhora da Conceição. E que tinha chegado à dita cidade do Rio de Janeiro um navio de Lisboa, o Nogueira, grande, o qual trouxe ordem de Sua Majestade para essa e outras expedições. E que também tinha saído a fragata Arrábida, do capitão Pedro, para Pernambuco, dizem que a comboiar a frota daquela cidade, mas eu colho que irá a outra diligência. Neste navio, o Fumeiro, vieram o tenente e mais prisioneiros do [navio de] aviso [132v] castelhano que queimaram os nossos bergantins, que por todos eram 7, para se remeterem para Buenos Aires, junto com os que cá se achassem. E, pelas ave-marias, mandou o governador entregá-los à guarda da Cova da Traição, aonde foi também João Gonçalves, que desde o princípio do sítio se achava prisioneiro no colégio. E tudo por ordem Del Rei vindo no sobretido [navio] Nogueira.

Em 10, segunda-feira, com uma maré grande que houve, saiu para fora a fragata Esperança, que se achava encalhada, tendo-se trabalhado nela toda a gente das 2 fragatas, Boa Viagem e Nazaré, em todos os dias antecedentes; devendo-se a maior parte desta diligência à grande aplicação de Duarte Pereira Machado, capitão de mar e guerra e comandante da fragata Boa Viagem, o qual, com a sua astúcia, cuidou em tomar a sua conta o botá-la fora, fazendo logo descarregar a artilharia, pólvora e bala e outros aprestos, de sorte que, aliviando-a com a maré cheia, a pôs em nado, vencendo o impossível, que muitos [134] lhe punham de não mais poder sair. E logo que saiu e [se] fez preparar, metendo-lhe outra vez a sua artilharia e o mais que tinha descarregado, para se seguir viagem para o Rio de Janeiro por ordem de Sua Majestade.

Na Praça não houve novidade até o dia 15, sábado [quando] chegou à Praça um tambor dos castelhanos com carta do governador de Buenos Aires que [se] despediu com a resposta perto da noite. Correu notícia de que o [governador] Salcedo mandara dizer na dita carta que não tinha mandado os prisioneiros por que não tinha ainda recebido as cartas de sua senhoria obrigatórias a restituí-los, tornando haver as Coroas a mover guerras. Como também lhe mandara dizer que lhe constava que sua senhoria mandava fazer madeiras para lanchas e outros ministérios em Martim Garcia, sendo que não lhe tinha dado licença [de] se não de fazer lenha para a Praça. Fora a respeito [de] que ele [Salcedo] se assenhoreava das ditas ilhas, mas que [Vasconcelos] tivesse entendido que as ilhas de Martim Garcia e as 2 Irmãs eram suas, pois [134v] [os portugueses] as tinha ganhado na guerra pelas armas e que, tendo-as nesse título, se tinha servido delas antes, lhe advertia a sua senhoria que, [se] já tinha feito a lenha que necessitava para as suas fragatas, como tinha avisado, as despejasse logo, mandando retirar a guarda que lá tinha. Neste dia se divulgou que lhe tinham apanhado aos castelhanos para cima de 600 cavalos e, segundo disseram uns vizinhos, supunham

tomariam quem os levou para o Rio Grande, porém que tinham ido em seu seguimento para os colher.

Em 17, segunda-feira, chegou um tambor do inimigo com carta do [govenador] Salcedo, [que] supôs-se ser sobre os prisioneiros.

Em 22, sexta-feira, depois do meio-dia, se avistaram 3 lanchas fazerem caminho de São João e, pelas 4 horas da tarde, se deixou ver outra, que se viu tinha saído da Barregán e chegou a ancorar na Praça, já perto da noite. E era castelhana, que trazia 40 prisioneiros, que não botou em terra por que entendo que as outras tinham [135] vindo para este porto. Fez saber ao nosso governador o mestre dela que, no dia seguinte, se havia de fazer à vela para São João a botar lá os prisioneiros para virem juntos.

Em 23, sábado, partiu a dita lancha para São João. De tarde chegou à Praça o sobrinho do brigadeiro José da Silva Pais, que se achava prisioneiro, que, por ser pessoa de conhecida nobreza o mandaram só. Também chegou nesta tarde uma corveta de Pedro da Silva, vinda do Rio de Janeiro, carregada de mantimentos por El Rei e, com a sua chegada se publicou a notícia de estarem os franceses povoando a ilha de Fernando [de] Noronha com 4 naus, para o que se expediu a fragata Arrábida e o navio Corta Nabos com outras embarcações mais maneiras para em Pernambuco se incorporarem com outras que daquela cidade vão a esta [135v] expedição, para os lançarem fora. Porque dizem que dando o nosso rei parte ao [rei] de França dessa povoação dissera este que tal não tinha mandado e que seriam levantados,[81] por cuja razão os podia mandar botar fora.

Em 28, quinta-feira, chegaram todos os prisioneiros que faltavam que, juntos com os dos dias passados, averiguou-se serem 140 e tantos, entrando neste número o tenente Pedro Pereira Chaves, um furriel de cavalos e 4 sargentos, que todos também vieram. E ficaram em Buenos Aires alguns soldados dos sobreditos

[81] Levantado. Rebelado, amotinado. BLUTEAU.

prisioneiros, uns mortos [e] outros com partido e outros sem ele, mas não foram muitos os que lá ficaram, porque todos tiveram grande constância em quererem vir buscar a sua Praça. [136]